

O PAULISTA DE M
TA MEDICINA AS
AÇÃO PAULISTA
E MEDICINA ASSC
ASSOCIAÇÃO PA
PAULISTA
DE MEDICINA

APM

acervo

PINACOTECA

Coordenação Geral

Guido Arturo Palomba

Textos

Jacob Klintowitz e Guido Arturo Palomba

Projeto Gráfico

Consolo e Cardinali Design

Coordenação Editorial

Guido Arturo Palomba e Flávia Negrão

Produção Executiva

Guido Arturo Palomba, Flávia Negrão
e Ricardo Alves

Captação de Cessões de Direitos Autorais

Paulo Vergolino e Priscila Carmona

Fotografias das Obras

Pedro Sgarbi, Osmar Bustos e Arquivo APM

Diagramação

Know-how Editorial

Assistente de Arte

Lígia Guimarães

Preparação de Textos

Vânia Cavalcanti

Revisões de Textos

Paula Baltazar

Supervisão Gráfica

Cecília Consolo

Ficha Catalográfica

Isabel Cristina de Campos

Captação de Recursos

Jorge Assumpção, João Batista Vita Neto
e JLeiva Cultura & Esporte

Impressão e Acabamento

Ipsis Gráfica e Editora

Distribuição Gratuita

2.000 exemplares

Associação Paulista de Medicina

Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 278 – Bela Vista

São Paulo/SP – Brasil – CEP 01318-901

Contato: 55 11 3188.4304

www.apm.org.br | pinacoteca@apm.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A158 Acervo da Pinacoteca da Associação Paulista de Medicina / Coordenação
geral e textos Guido Arturo Palomba; textos Jacob Klintowitz.
São Paulo: Associação Paulista de Medicina, 2015. 200 p. il.

ISBN: 978-85-99640-07-4

1. Arte 2. Pintura – acervo I. Palomba, Guido Arturo II. Klintowitz,
Jacob III. Título.

CDD-750

Ficha Catalográfica – Isabel Cristina de Campos, CRB-8/5082

Direitos Reservados

Todos os esforços foram feitos no sentido de contatar os representantes legais das imagens aqui reproduzidas.

ACERVO DA PINACOTECA DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

2015

Patrocínio



Ministério da
Cultura



Associação Paulista de Medicina

Gestão 2014/2017

Florisval Meinão – Presidente

Roberto Lotfi Júnior – 1º Vice-presidente

Donaldo Cerci da Cunha – 2º Vice-presidente

Paulo De Conti – 3º Vice-presidente

Akira Ishida – 4º Vice-presidente

Paulo Cezar Mariani – Secretário Geral

Antônio José Gonçalves – 1º Secretário

Lacildes Rovella Júnior – Diretor Administrativo

Roberto de Mello – Diretor Administrativo Adjunto

Paulo Andrade Lotufo – Diretor Científico

Álvaro Nagib Atallah – Diretor Científico Adjunto

Ivan de Melo Araújo – Diretor de Comunicações

Amilcar Martins Giron – Diretor de Comunicações Adjunto

Guido Arturo Palomba – Diretor Cultural

José Luiz Gomes do Amaral – Diretor Cultural Adjunto

João Sobreira de Moura Neto – Diretor de Defesa Profissional

Marun David Cury – Diretor de Defesa Profissional Adjunto

Tomás Patrício Smith-Howard – Diretor de Economia Médica

Marly Lopes Alonso Mazzucato – Diretora de Economia Médica Adjunta

Mara Edwirges Rocha Gândara – Diretora de Eventos

Regina Maria Volpato Bedone – Diretora de Eventos Adjunta

Ademar Anzai – Diretor de Marketing

Nicolau D'Amico Filho – Diretor de Marketing Adjunto

Carlos Alberto Martins Tosta – 1º Diretor de Patrimônio e Finanças

Claudio Alberto Galvão Bueno da Silva – 2º Diretor de Patrimônio e Finanças

Paulo Tadeu Falanghe – Diretor de Previdência e Mutualismo
Clóvis Francisco Constantino – Diretor de Previdência e Mutualismo Adjunto
Evangelina de Araujo Vormittag – Diretora de Responsabilidade Social
José Eduardo Paciência Rodrigues – Diretor de Responsabilidade Social Adjunto
Vera Lúcia Nocchi Cardim – Diretora de Serviços aos Associados
João Carlos Sanches Anéas – Diretor de Serviços aos Associados Adjunto
Alfredo de Freitas Santos Filho – Diretor Social
Christina Hajaj Gonzalez – Diretora Social Adjunta
Antônio Carlos Endrigo – Diretor de Tecnologia de Informação
Marcelo Ferraz de Campos – Diretor de Tecnologia de Informação Adjunto

Everaldo Porto Cunha – 1ª Diretoria Distrital
Ana Beatriz Soares – 2ª Diretoria Distrital
Camillo Soubhia Júnior – 3ª Diretoria Distrital
Wilson Olegário Campagnone – 4ª Diretoria Distrital
Flávio Leite Aranha Júnior – 5ª Diretoria Distrital
Cleusa Cascaes Dias – 6ª Diretoria Distrital
Irene Pinto Silva Masci – 7ª Diretoria Distrital
Helencar Ignácio – 8ª Diretoria Distrital
Margarete Assis Lemos – 9ª Diretoria Distrital
Paulo Roberto Mazaro – 10ª Diretoria Distrital
Zilda Maria Tosta Ribeiro – 11ª Diretoria Distrital
Luís Eduardo Andreossi – 12ª Diretoria Distrital
Marcio Aguilar Padovani – 13ª Diretoria Distrital
Marcelo Torrente Silva – 14ª Diretoria Distrital

A Genzyme estende à arte seu jeito único de cuidar do que é raro

Genzyme PROMOVER PROJETOS SOCIOCULTURAIS RELACIONADOS À MEMÓRIA E ÀS ARTES DO NOSSO PAÍS É UMA DAS MOTIVAÇÕES DE RESPONSABILIDADE SOCIAL DA GENZYME, ESPECIALMENTE QUANDO A HISTÓRIA QUE ESSES PROJETOS CONTAM VAI ALÉM DO RESGATE DA CULTURA E SE CONFUNDE COM A TRAJETÓRIA DE SEUS IDEALIZADORES.

O apoio a esta divulgação do acervo da Pinacoteca da Associação Paulista de Medicina (APM) é, para a Genzyme, um modo de perpetuar o pioneirismo da entidade que, na década de 1940, iniciou a formação de uma galeria de arte a partir de contribuições de seus associados no mesmo período da criação do MASP e do MAM, em São Paulo. A época era de grande expressão cultural no Brasil e o incentivo de expoentes que frequentavam as instalações da APM, como Di Cavalcanti e Aldo Bonadei, e de assessores especializados, como Sérgio Milliet e Ciccillo Matarazzo, contribuiu para a ideia conquistar destacado espaço e o apoio dos associados.

Mais recentemente, nos anos 1980, o acervo cresceu a partir de doações feitas por autores contemporâneos, muitos deles como forma de retribuição a serviços médicos prestados por profissionais associados. Hoje, o acervo tem quase 150 obras de renomados artistas, apresentadas ao público, neste catálogo, com textos do crítico e editor de arte, Jacob Klintowitz, e do Diretor Cultural Guido Palomba.

Naquela época, mais precisamente em 1981, a Genzyme era fundada, em Boston, nos Estados Unidos, como uma empresa de produtos de biotecnologia. Pioneira em pesquisar, descobrir e proporcionar terapias transformadoras – para pacientes com necessidades médicas especiais e não atendidas – voltadas às doenças raras, cardiovasculares, endócrinas, autoimunes e neurológicas, incluindo a esclerose múltipla. A empresa iniciou suas atividades no Brasil em 1997 e foi incorporada ao Grupo Sanofi em 2011, integrando-se, no País, a um complexo produtivo que conta com mais de 5 mil colaboradores.

E, assim, estendendo à *arte* o seu **jeito único de cuidar do que é raro**, a Genzyme apoia este especial e raro acervo!

O compromisso com a arte e a qualidade. E o prazer do inesperado.

Jacob Klintowitz ENQUANTO A MINHA MENTE ELABORAVA UM DISCURSO SOBRE AS VIRTUDES DAS COLEÇÕES DE ARTE FEITAS A PARTIR DA PARCIALIDADE E DA INTUIÇÃO, O MEU OLHAR SE DETEVE NA PINTURA DE FLAVIO DE CARVALHO, DE 1954, “MODELO”. E A EXPLOSÃO CROMÁTICA DESSA PINTURA OCUPA INTEIRAMENTE A MINHA SENSIBILIDADE. É O MOMENTO DO SILÊNCIO PLENO DE SIGNIFICAÇÃO. O OLHAR É PRISIONEIRO E CÚMPLICE DESSA OBRA MAGNÍFICA FEITA APENAS DE LUZES, DE PIGMENTOS, SEM CONTORNOS DE TRAÇOS NEGROS, SEM LIMITAÇÕES, APENAS MANCHAS DE CORES TÁCTEIS QUE SE RELACIONAM COM MANCHAS DE CORES PARA FORMAR, QUANDO OLHADAS NO SEU TODO, NA SUA UNIDADE ESSENCIAL, UM SER LUMINOSO, UMA MULHER FEITA DE ARCO-ÍRIS, GERATRIZ ENCANTADORA DE ENCANTAMENTOS. DEUSA SOLAR DE UM PAÍS SOLAR.

Cesse tudo o que a musa antiga canta,

Que outro valor mais alto se alevanta.

Camões sabia da importância da hierarquia e da prioridade.

O silêncio que abriga a emoção e o conhecimento profundo do perfil do humano. A criação da arte, a elaboração dos símbolos, pois se trata disso, e a contemplação da arte nos tornam mais humanos.

E há o raro Lasar Segall, anotado como estudo, “Paisagem de Campos do Jordão”. O momento em que esse artista, que pintou algumas das telas mais pungentes e dramáticas do século 20, como são os seus registros marítimos dos imigrantes, encontra a paz e a placidez em um novo país. Suas obras que registram os refugiados e imigrantes o tornam um dos pintores mais impactantes da sua época. Para o lituano Segall, o Brasil é o Novo Mundo sonhado e o da lenda, a terra da remissão, o encontro com a possibilidade de estar consigo mesmo, sem a ameaça da irracionalidade do racismo. É o reino de Eros, e não de Tanatos. A pintura poderia ser sombria, pois feita em tons baixos, com o predomínio de azuis e cinzas frios, mas resulta luminosa provavelmente pelo contraste dos ocre da casa e da terra. E afirma, no seu todo, um universo de paz e tranquilidade no qual ser e estar têm o mesmo significado.

*Cesse tudo o que
a musa antiga canta,
Que outro valor mais
alto se levanta.*

Quem poderia imaginar que a cidade serrana de Campos de Jordão possibilitasse este encontro telúrico? Talvez só o próprio Segall guiado por sua exacerbada sensibilidade.

O mundo da arte não se guia pela opulência. A ausência pode ser tão importante quanto a afirmação mais estridente. O silêncio entre o som das palavras, o subjacente, a nuance são fundamentais. Em arte, o oculto pode ser revelador. Candido Portinari, em certo momento, representa a dor e a glória dos povos dos países emergentes. Antonio Bento diz que ele foi o pintor do Terceiro Mundo. A sua obra é impregnada ora do sentido histórico, ora do misticismo e, mais comovedora, do lirismo da simples existência. Na pequena gravura em metal, “Menino”, existe o corte decidido da ponta seca, mas feito da sabedoria mais essencial. Sempre a indagação afirmativa de Portinari de que o homem vale a pena e a criança é o ser mais comovedor.

Tarsila do Amaral tornou-se o símbolo da revolução modernista na arte brasileira, ainda que não tenha participado da Semana de 22. Coube à sua pintura o lugar principal na ideologia e no debate de ideias. O dado notável é de como essa mulher, inteligente e cosmopolita, ansiou pelo que se poderia chamar de raízes nacionais, a cor, o enredo, as figuras do país. Na pintura “Procissão”, um prodígio de movimento intuído no suporte bidimensional, em uma composição dinâmica do oval, com os personagens caracterizados caricaturalmente, encontramos este sentimento único de brasilidade, esta palavra tão seguidamente sem significado. A velocidade mágica da fé, o movimento no estático, a força expressiva desta circularidade que a tudo abarca.

No outro lado do espectro, na descoberta da força poética telúrica da natureza, que nos deu muito do que de melhor produziram a arte e a literatura brasileira, existe a presença maiúscula de Aldemir Martins. O que pode ser mais simbólico e emotivo do que a pintura do seu início, transportada na bagagem para São Paulo a partir do Ceará como a sua única joia disponível, nesta definição triste da vida, “Última Cuia de Farinha”? E que é, na verdade, um ato de fé, pois é deste ponto que emerge o desenhista notável, que se tornou o artista viajante que registrou a fauna, a flora e os mitos populares do Novo Mundo.

Talvez seja significativo encontrar neste olhar circulante sobre uma coleção de arte o olhar reflexivo de Pancetti. É uma maneira de nos vermos no espelho do símbolo, de nos reconhecermos duplicados no olhar do outro. E neste autorretrato deslumbrante, introspecção deste homem irascível e, no entanto e também, tão severo consigo mesmo, tão doce e tão áspero, como são os relatos de vida de Pancetti. Este olhar de esguelha, este olhar oblíquo.

E para permanecermos neste mestre tão original, José Pancetti, das principais individualidades da nossa arte, temos a marinha, “Figuras à Beira Mar”, nesta praia infinita, pois existe para sempre. Tão contrária à praia inglesa e paradigmática de Turner, tão plácida, capaz de integrar as pessoas que se tornam, também elas, plácidas à beira-mar, figuras como sinais, presenças maciças, sem detalhes; seres humanos como árvores, tranquilos, contemplativos, sensibilidade saturada de mar e do cheiro que não vemos, mas sentimos, nesta praia de sonhos.

A proximidade dos médicos com os artistas brasileiros é muito conhecida. É uma relação estabelecida de longa data e marcada pelo afeto e pelo

interesse na cultura e na arte. O que é atestado pelas inúmeras coleções artísticas particulares de médicos, algumas muito conhecidas no país, como, igualmente, pela quantidade de médicos que são ou foram artistas.

É óbvia a intencionalidade de formação deste acervo. O leque de diversidades, da modernidade até artistas atuais, atesta a permanência do interesse e a relação amigável entre a instituição e os artistas. Talvez tenha havido certa facilidade de formação deste acervo: ausência de burocracia; e poucos compromissos com as décadas estratificadas da produção simbólica, com os movimentos históricos e a sua narração oficial, com o mercado de arte, com as exigências da mídia especializada.

No mundo inteiro, a formação de acervos particulares de instituições privadas ou indivíduos tem favorecido a preciosa preservação de obras e artistas, a guarda da arte que poderia se perder. A iniciativa particular pode resgatar e preservar a arte ainda não consagrada que, sem esse recurso, poderia se perder ou ser destruída até fisicamente.

A última possibilidade de uma estimulante surpresa em coleções públicas de arte só ocorre quando elas não são tão públicas na sua formação. É a última porta para encontrar o prazer do inesperado. A frase conduz à crença de que se trata da formulação de um paradoxo. Entretanto, é menos um enunciado paradoxal do que a simples verificação do avanço da burocracia e do nivelamento das decisões culturais pelo padrão médio disponível. A formação de acervos públicos é um exercício previsível. É o preço que, às vezes, se paga pela massificação.

Faço esta reflexão inicial em razão do meu primeiro contato com o acervo da Associação Paulista de Medicina. Quantas obras de arte de altíssima qualidade e quanto contraste entre mestres reconhecidos e jovens talentos, entre obras de maturidade de concepção e criação, e obras puramente experimentais. Aqui, pensei, é possível reconhecer a individualidade na iniciativa.

De maneira bem determinada, a formação atual de acervos públicos obedece a um círculo vicioso, no sentido verdadeiro e etimológico de que ele se autoalimenta, autofágico. Existem certos padrões de obras e intenções que se ajustam ao discurso sobre a arte atual e é o ajustamento entre a obra e o discurso externo que possibilita a montagem de salões internacionais de arte, exposições museológicas e, conseqüente ou simultaneamente, a depender dos casos, são essas obras e artistas que alimentam o mercado de arte e a mídia de entretenimento. E, por sua vez, a exposição das obras no espaço público da mídia a qualifica para ser integrada ou reintegrada no circuito. Dessa maneira, é um organismo que se alimenta de si mesmo. Certamente a formação dos acervos museológicos obedece e fornece conteúdos a esse circuito.

A vantagem desse mecanismo burocrático é que as coleções acertam muito ou, ao menos, expressam o gosto de época. A desvantagem é que se tornam coleções muito semelhantes umas das outras e não oferecem surpresas, não fortalecem artistas ou obras excêntricas ou de fora do circuito, não conseguem identificar valores e linguagens fora do foco estridente da mídia. E não podemos esquecer que boa parte dessa arte é, senão uma arte oficial, ao menos uma arte de financiamento oficial, pois é dos meios oficiais – governos, ministérios,

museus, fundações, centros culturais, utilização de mecanismos de renúncia fiscal – que sai o financiamento para essas atividades e produção.

A surpresa se concentra na coleção particular de arte, mesmo quando ela se torna, por função ou vontade, acervo de exposição pública. Quando, em um futuro hipotético, quisermos saber o que aconteceu em uma época, teremos de recorrer também a esse tipo de coleção. Se não o fizermos, teremos uma versão apenas oficial de uma época. Nas coleções privadas, temos o valor da intuição, da excentricidade do gosto, de certo desprezo por movimentos; a valorização do caráter individual do artista; a sua idiossincrasia, independente do grupo ao qual pertença, da sua geração e, também, da escolha de seus temas e assuntos.

Esse último dado, o dos movimentos culturais e os geracionais, é muito importante porque os movimentos culturais, os agrupamentos por gerações, ou por origem territorial, costumam uniformizar as linguagens, determinar quais assuntos são mais adequados e qual o tratamento que justifica a proposta do grupo. Não tenho dúvida de que o agrupamento, tenha o nome que tiver, é hegemônico e limita a individualidade. Aliás, segundo o senso comum, as organizações coletivas se impõem às idiossincrasias individuais o que, em arte, é um peso impositivo altamente prejudicial.

De tal maneira as coleções museológicas estão balizadas pelo consenso ideológico e mercadológico do circuito cultural que o resultado é extremamente previsível. Apenas as coleções particulares têm espaço para o gosto individual, para a inovação, para a santa parcialidade, para a capacidade de apostar no imprevisto, no inusitado. É o último lugar que resta para o exercício da intuição. Só na coleção particular podemos escapar da história oficial da cultura, hoje uma poderosíssima tessitura composta por salões oficiais, cadeia de museus e centros culturais empresariais, casas de leilões, galerias de arte e mídia de entretenimento e mídia especializada.

A coleção da Associação Paulista de Medicina não é extensa e não obedece a uma ordem histórica, não se organiza a partir de escolas, grupos, legendas, movimentos culturais. Simplesmente acompanha certa tendência de gosto ou entendimento de pessoas sensíveis e cultas. E, isso sim, pode-se dizer, é uma Coleção que tem verdadeiras raridades em termos de qualidade.

Quantos museus não se orgulhariam em ter um Pancetti da qualidade deste “Autorretrato”?

A diversidade da coleção da Associação Paulista de Medicina é um dado extremamente positivo da generosidade, abertura e universalismo deste acervo. Na mesma Coleção, temos Lasar Segall e Claudio Tozzi, Flavio de Carvalho e Caciporé Torres, Tarsila do Amaral e Gustavo Rosa, José Pancetti e José Antonio da Silva, Portinari e Alex Flemming, Anita Malfatti e Antonio Peticov, Alfredo Volpi e Ivald Granato, Aldemir Martins e Gerty Saruê.

O acervo não é gigantesco, mas é primoroso, reúne obras de alta qualidade conservadas com excelente padrão técnico e segurança.

É um acervo feito deliberadamente para construir uma coleção, com a compreensão da importância da arte e da cultura, a consciência do significado do seu registro e guarda corretos e a vontade histórica de assinalar uma relação afetiva e tradicional entre os médicos e os artistas brasileiros.

PINACOTECA DA APM

Breve história

Guido Arturo Palomba

A PINACOTECA DA APM É CURIOSA E, EMBORA PEQUENA, IMPRESSIONA. TODAS AS VEZES QUE ALGUÉM A VISITA, PERGUNTAMOS, EM TOM DE BRINCADEIRA, QUAL OBRA O VISITANTE GOSTARIA DE LEVAR PARA CASA, SÓ NÃO PODE ESCOLHER PELO VALOR DE MERCADO, HOJE BEM ESTRUTURADO E AQUECIDO. COMO RESULTADO, MESMO TENDO SIDO VISITADA POR MUITOS IMPORTANTES CRÍTICOS DE ARTE, COLECIONADORES E AFINS, NUNCA HOUVE UNANIMIDADE NA ESCOLHA, POIS QUASE TODOS OS QUADROS JÁ FORAM SELECIONADOS POR ALGUÉM, A MOSTRAR QUE ESTAMOS NOS AVINDO COM PINACOTECA *SUI GENERIS*, QUE SATISEAZ A MUITOS DE VARIADAS MANEIRAS.

A formação do acervo se deu em três distintos momentos.

O primeiro se inicia com Ernesto Mendes, médico com grande sensibilidade para as artes, que deflagrou verdadeira campanha para a aquisição de óleos sobre tela para a APM. Era o ano de 1949-1950. A sede própria seria inaugurada em 1951, e a ideia era organizar um acervo com obras de pintores brasileiros contemporâneos.

Solicitado rateio entre os sócios para a compra dos quadros, com sólido apoio de seu presidente, Jairo Ramos, foi arrecadado o equivalente, hoje, a 4.500 dólares, com os quais foram comprados 14 quadros, por valor bem abaixo do mercado. Embora, na época, não houvesse grande volume de comércio de artes, como nas quantidades e preços atuais, havia boa negociação (preparava-se a primeira Bienal de São Paulo, que ocorreu em 1951).

O olho clínico de Ernesto Mendes era excepcional. Basta dizer que há na coleção um José Antonio da Silva de 1949, época em que esse mais genuíno primitivista brasileiro não era nada mais do que um caipira legítimo do interior de São Paulo, de onde nunca antes havia saído. Que dizer do autorretrato de Pancetti, a olhar de soslaio; do Volpi, a revelar a paleta inconfundível, com cores que usaria por todas as outras décadas de sua vida, as quais o consagraram como o maior colorista brasileiro? Há um autorretrato de Clóvis Graciano (1945), cego de um olho; e a “Última Cuia de Farinha” (1946), de Aldemir Martins, que, quase 60 anos depois, posta a sua frente, teve a reação que os italianos chamam de *spavento* e, perplexo, exclamou: “Esse quadro eu trouxe do Ceará, amarrado nas poucas roupas que vieram juntas” – talvez o último que pintara em sua terra natal, antes de migrar.

Completam esse primeiro núcleo Tarsila do Amaral, Aldo Bonadei, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Lasar Segall, Vittorio Gobbis, Candido Portinari, Francisco Rebolo e Mario Zanini.

A esses primeiros quadros uniram-se, nos 3, 4 anos seguintes, mais 11 outras preciosidades.

Passadas três décadas, deu-se início ao segundo momento: ampliação da Pinacoteca da APM por meio de uma ideia genial. O médico e artista plástico, Aldir Mendes de Souza, como presidente da Associação Paulista dos Artistas Plásticos (APAP), promoveu um convênio entre a APAP, a APM e a Unimed Paulistana. Por esse acordo, os artistas deveriam dar à APM uma obra de arte (ou várias) no valor de 400 mil cruzeiros. Em troca receberiam um plano de assistência médica da Unimed (se o tratamento necessitado fosse de custo mais elevado, o artista completaria o pagamento com outras obras de arte).

Assim, somaram-se ao conjunto os trabalhos de Maria Bonomi, Aldir Mendes de Souza, Gilberto Salvador, Bernardo Krasniansky, Alex Flemming, Lucia Py, León Ferrari, Valdeir Maciel, Kenji Fukuda, Barbara Spanoudis, Sonia Von Brüsky, Sara Goldman e tantos outros.

A parceria durou cerca de 3 anos.

Terminado esse momento, inicia-se o terceiro. Nós, na qualidade de diretor cultural da APM – e com a preciosa ajuda e sensibilidade dos presidentes Nelson Guimarães Proença, Celso Carlos de Campos Guerra, Eleuses Vieira de Paiva, José Luiz Gomes do Amaral, Jorge Carlos Machado Curi e Florisval Meinão –, tivemos todo o apoio para dar continuidade à expansão do acervo. Para tanto, convidamos vários artistas plásticos contemporâneos para expor na Casa, que lhes oferecia o local, a divulgação e o coquetel inaugural, mas, em troca, a Pinacoteca da APM receberia uma obra sua.

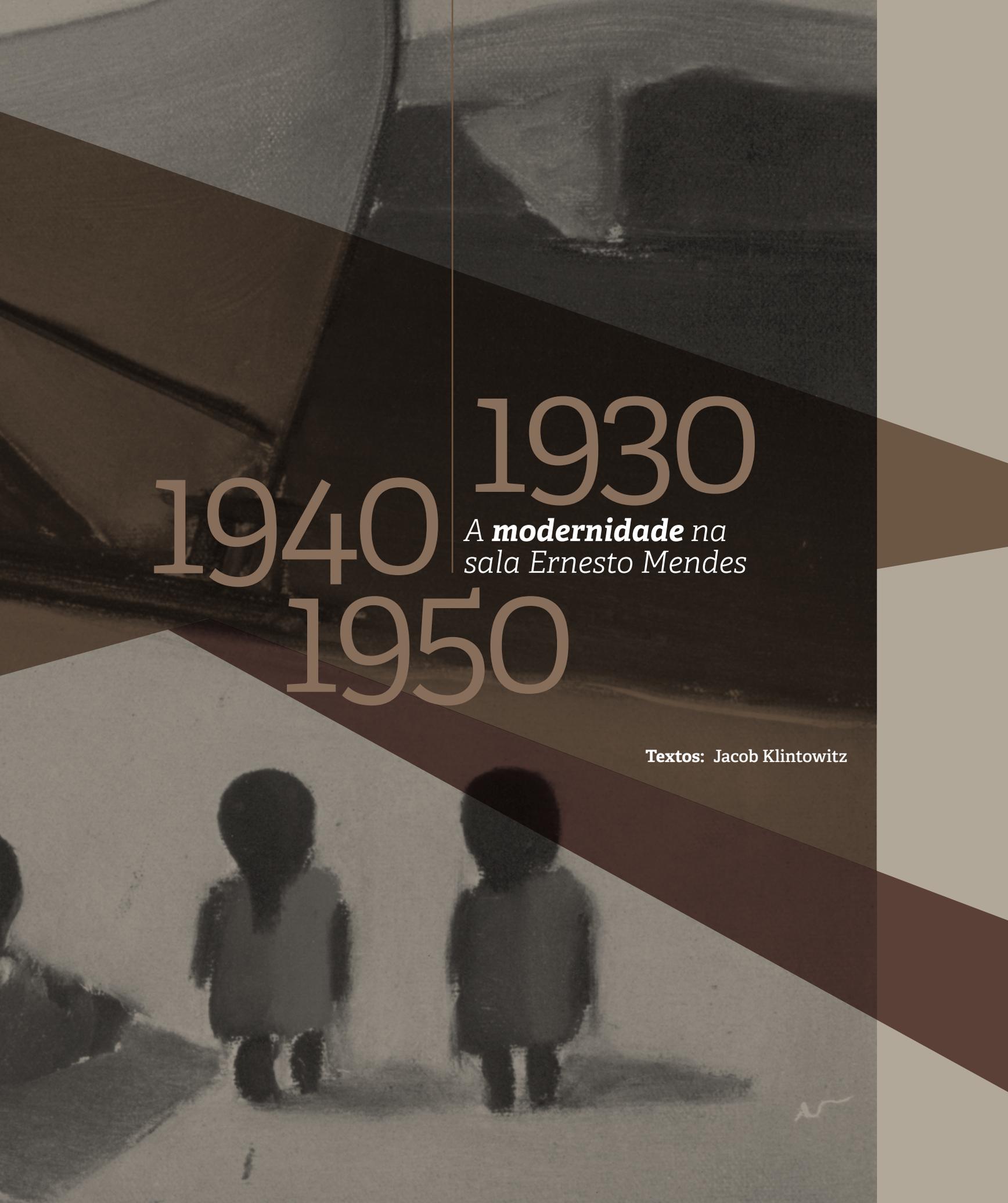
Dessa maneira, agregaram-se ao acervo artes de Gustavo Rosa, Caciporé Torres, Neno Ramos, Claudio Tozzi, Ivald Granato, Anapana, Inos Corradin, Antonio Peticov, Gregório Gruber e vários outros, conforme se verá neste livro.

Como a quantidade de obras avolumara-se, havia a necessidade de local apropriado para conservar e expô-las. Nessa ordem de ideias, com refinada sensibilidade cultural dos presidentes José Luiz Gomes do Amaral e Jorge Carlos Machado Curi, promoveu-se a reforma do 8º andar da sede para instalar, nesse pavimento, a Pinacoteca da APM, espaço amplo e adequado, a abrigar o acervo completo, bem assim, usado para exposições periódicas. O local é dividido em duas extensões: a Sala Ernesto Mendes, com aquelas maravilhas iniciais; e a Sala Contemporânea, com as outras que foram depois reunidas.

Para inaugurar o novel espaço, que se deu em 2008, a APM convidou um dos mais renomados artistas plásticos europeus, Adelino Ângelo, português de Vieira do Minho, aquele que enxerga além do óbvio, muitas vezes comparado, na luz, e com razão, a Sorolla y Bastida. O Mestre trouxe para a inauguração 103 primas obras, a abrir, em grande estilo, a Sala Contemporânea. A esse propósito, a APM tem, em seu acervo, duas notáveis realizações de sua autoria, as quais figuram neste catálogo.

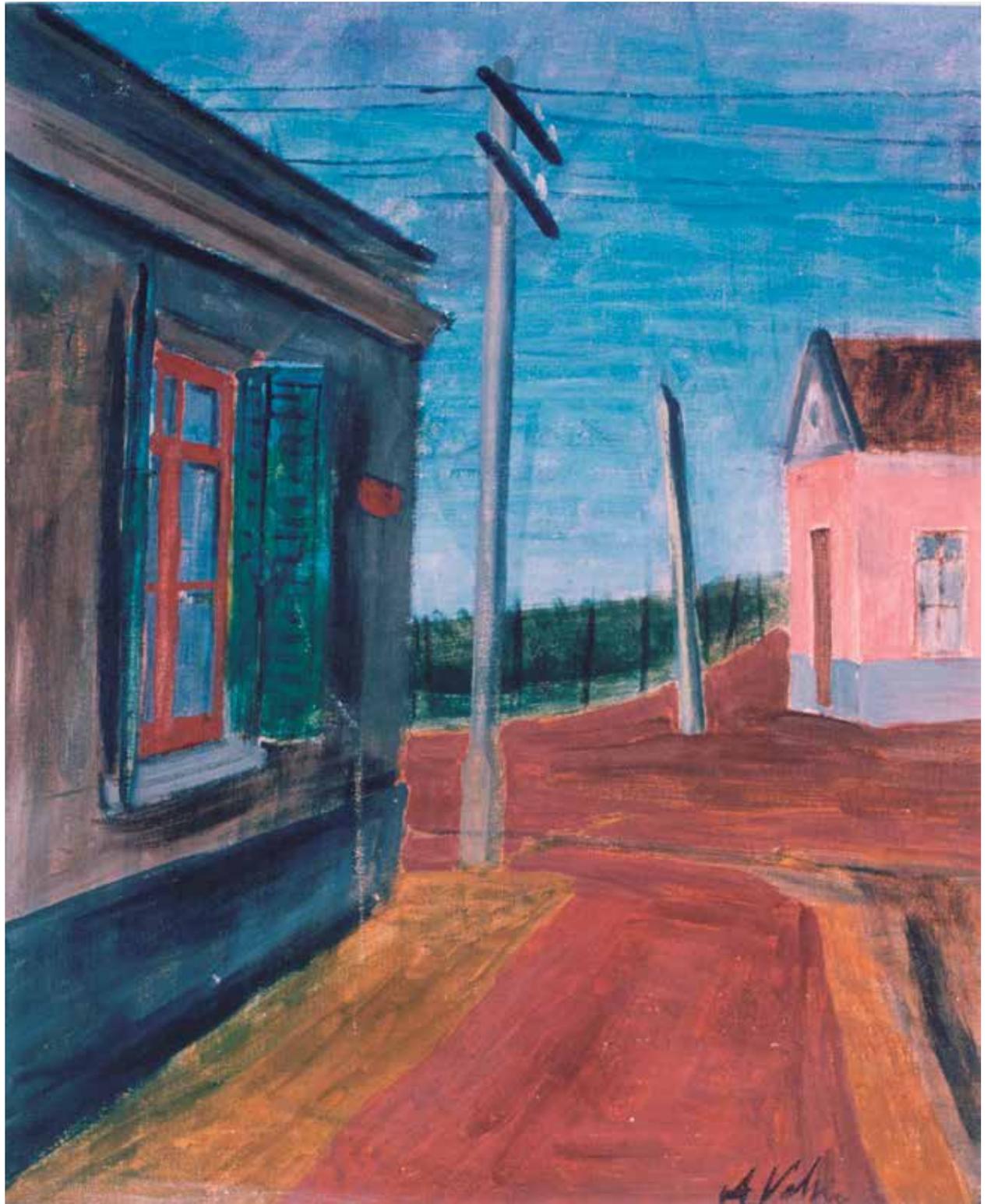
Vamos conhecer a Pinacoteca?





1940 1930
A **modernidade** na
sala Ernesto Mendes
1950

Textos: Jacob Klintowitz



Alfredo Volpi

Lucca, Itália, 1896 – São Paulo/SP, 1988

Rua de Subúrbio, sem data

Óleo sobre tela

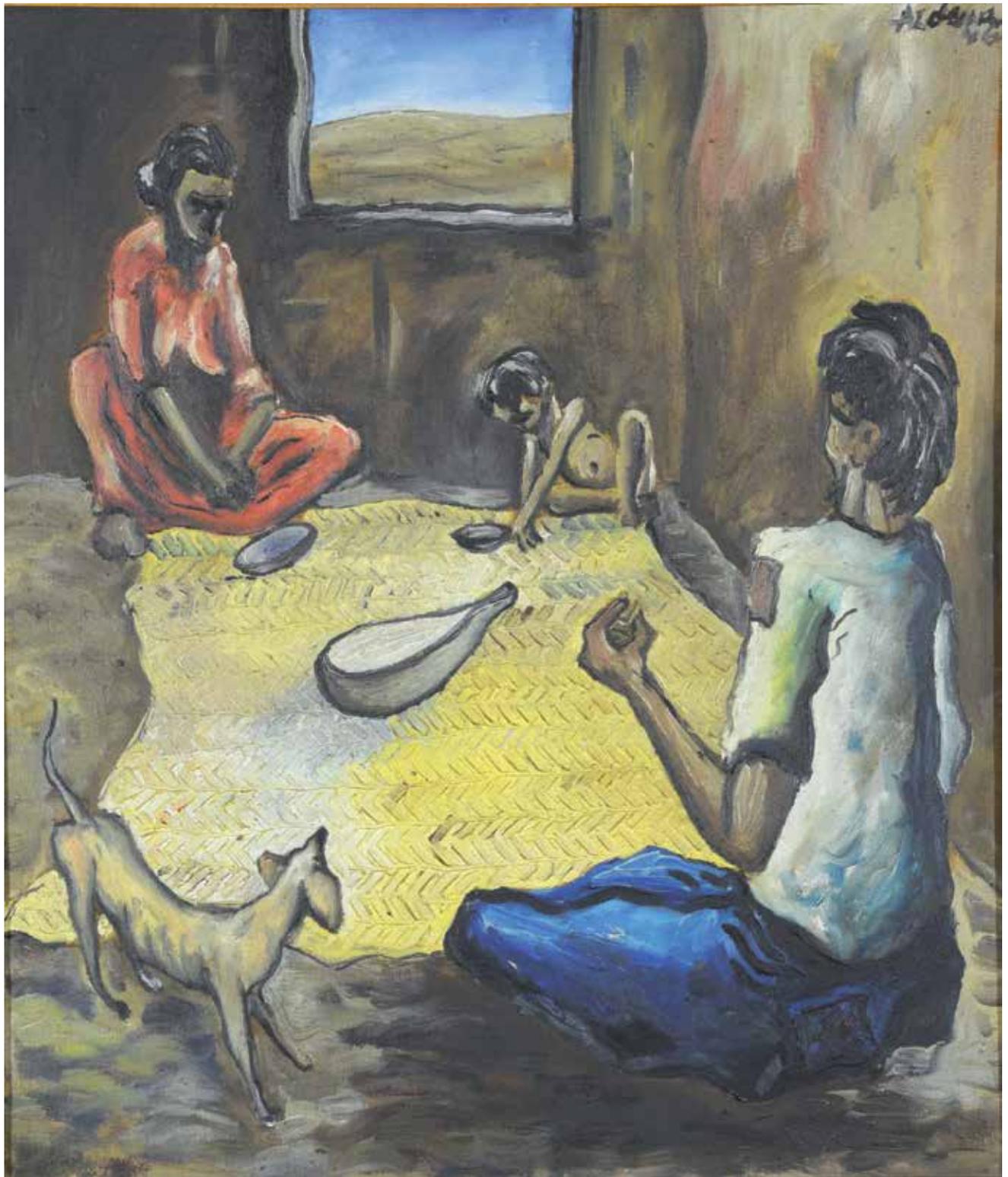
65 x 54 cm

A alma ideal das coisas

*Volpi nos revela o
âmago das coisas.*

J.K. Esta pequena pintura de Alfredo Volpi, “Rua de Subúrbio”, é uma cena bucólica de uma vida que sonhamos plácida e integrada. Há uma limpidez neste arranjo tão perfeito, as duas casas obliquamente opostas, o poste de energia, a terra vermelha, um triângulo de verde que indica uma extensão que não vemos e o céu, azul e rosa, dotado de infinitas nuances de cor. Volpi sempre soube tratar o óleo como se fosse a delicada aquarela. A sensação é bucólica, mas o senso de uma muda perfeição, sem estridência e grandiloquência, se deve à notável capacidade de Alfredo Volpi de, a partir do mais simples, criar geometrias definitivas. Volpi nos revela o âmago das coisas.

Talvez por esta capacidade de encontrar o significado e conseguir transformá-lo em pintura, Alfredo Volpi, na sua maturidade, tornou-se um dos maiores coloristas da nossa história. Nesta cena de subúrbio, é tocante a sua sensível percepção cromática.



Aldemir Martins

Ingazeiras/CE, 1922 – São Paulo/SP, 2006

Última Cuia de Farinha, 1946

Óleo sobre tela

70 x 60 cm

A saga do herói

J.K. Em Aldemir Martins, o lirismo foi mais do que uma forma de expressão, foi um modo de ser.

Aldemir Martins foi um espírito renascentista: pintor, escultor, desenhista, gravador, ourives, ilustrador, desenhista industrial e profundo conhecedor da flora e da fauna de seu país. E estudioso da gravura japonesa clássica, da tradição da embalagem oriental, da arte africana, da cultura popular, da comunicação e da literatura. O mundo era o seu assunto.

E esta é uma obra histórica, de valor inestimável como iconografia, história da cultura e filosofia. A “Última Cuia de Farinha”! Essa foi a pintura que Aldemir Martins trouxe enrolada junto com a sua pouca roupa quando saiu do amado Ceará para fazer história e tornar-se figura mundial, como um dos maiores desenhistas do mundo no século 20.

O artista revigorou e mostrou alguns dos habitantes-símbolos do Brasil e o cangaceiro é o mais significativo deles. O herói guerreiro na sua saga, dono de seu destino, indiferente à adversidade. O herói de Aldemir Martins, na maioria das vezes, é detalhadamente representado: chapéu, roupa, faca, cartucheira e fuzil são adereços que caracterizam e acentuam a masculinidade do personagem. Como a plumagem colorida do galo.

O século 20 da nossa arte está marcado pelos poemas visuais criados por este artista; na aparência, uma mistura de caboclo e índio; no comportamento, um homem universal; no entendimento, um xamã.

“Quero antes o lirismo dos loucos...”

“Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.”

Poética. 1930. Manoel Bandeira.

... o lirismo foi mais do que uma forma de expressão, foi um modo de ser.





A casa dos homens

J.K. Outra coisa não desejou em vida o pintor Aldo Bonadei senão a forma aconchegante da casa e da vida dos homens.

Pintor, estilista, teórico, Bonadei organizou a sua arte a partir da geometria, mas reservou para a maciez da cor, para a harmonia dos tons e semitons a sua doçura de viver.

Nesta pintura, “Casas e Árvores”, são exemplares a sua qualidade pictórica, a sábia combinação de primárias e complementares, mas, antes de tudo, fica evidente a sua extrema capacidade de criar uma pintura de harmonia rigorosa.

Mário de Andrade classificou os pintores de sua geração, os de seu grupo, na verdade, como pintores-operários. É uma frase de efeito bombástico. Mas não corresponde à verdade, salvo em alguns casos. No que se refere a Aldo Bonadei, o que temos é um artista de sensibilidade extremada, conhecimento teórico das questões da arte de sua época e sofisticado domínio expressivo dos recursos pictóricos para representar a vida dos homens e a busca do equilíbrio.

Aldo Bonadei

São Paulo/SP, 1906

São Paulo/SP, 1974

Casas e Árvores, 1948

Óleo sobre tela

60,8 x 81 cm



Emiliano Di Cavalcanti

Rio de Janeiro/RJ, 1897 – Rio de Janeiro/RJ, 1976

Maternidade, 1942

Óleo sobre tela

93 x 73,5 cm

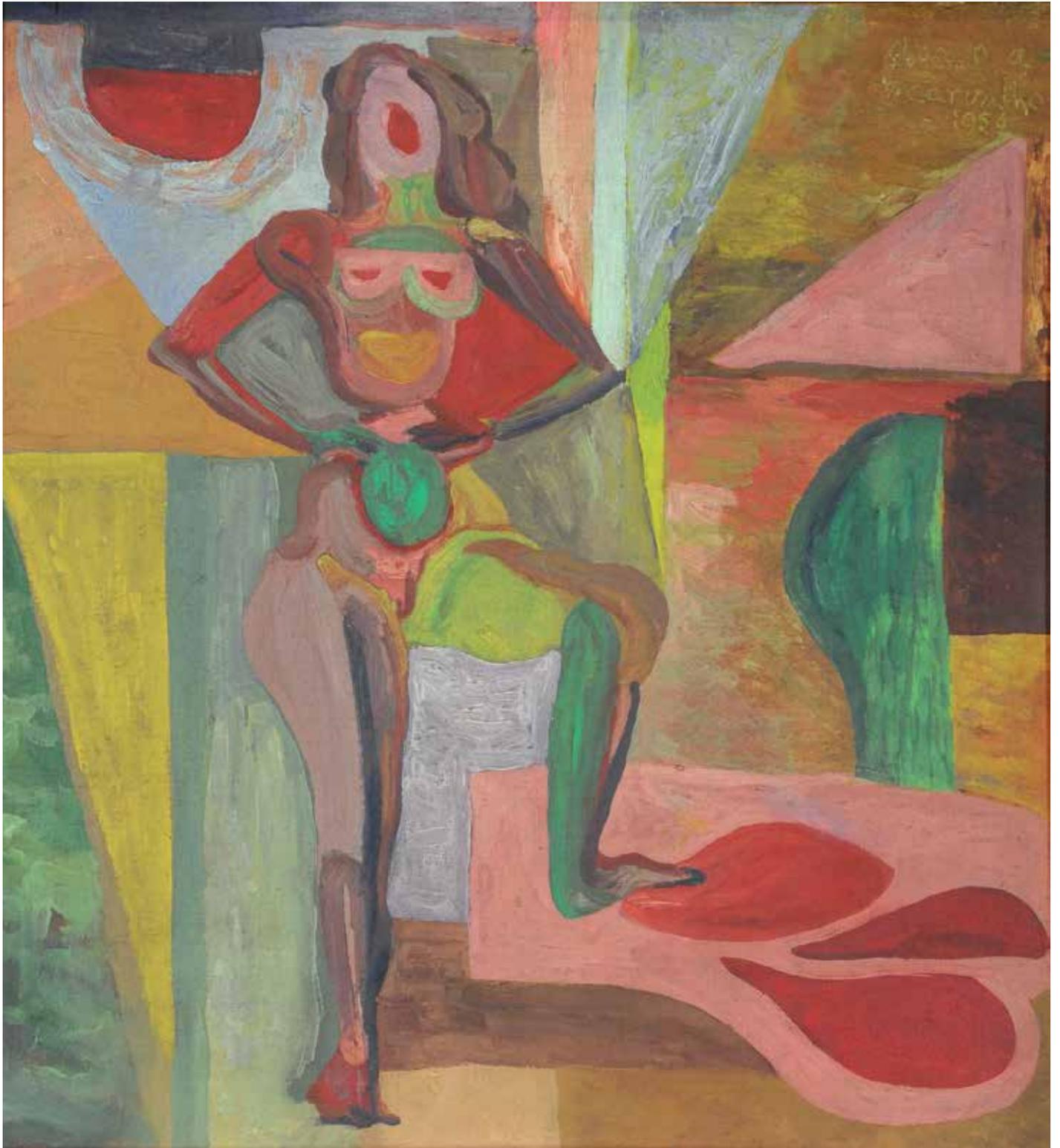
A grande mãe

*É um dos primeiros
artistas a ser um pintor
sul-americano.*

J.K. Emiliano Di Cavalcanti foi um homem de múltiplos talentos: escritor, jornalista, chargista, agitador, pintor. Atribui-se ao Di a ideia de realizar a Semana de Arte Moderna. Mas nada supera a extrema qualidade da sua pintura. A plasticidade da sua pincelada, a composição quase natural de tão espontânea, a sobriedade cromática, a integridade da pintura que sempre parece um símbolo compactamente expresso, tudo isso torna Di um artista único.

É um dos primeiros artistas a ser um pintor sul-americano. Essa tão vaga expressão, pois não se conhece nenhum sul-americano, na verdade, o que conhecemos são brasileiros, argentinos, chilenos, uruguaios. Os homens são nacionais, ou, talvez até mais, regionais e municipais. E, no entanto, alguns como Di, parecem se antecipar ao conceito de um novo e fraterno continente. Um conceito de solidariedade sempre à procura de símbolos para sustentar a sua fé.

Nesta tela, “Maternidade”, estão presentes as melhores qualidades de Di Cavalcanti. O fundo perfeitamente integrado à figura de frente; o desenho perfeito desta mãe com a filha; a sobriedade cromática que é, igualmente, plena de luzes e contrastes; a retórica de a maternidade ser, também, objeto de uma pintura em elaboração no segundo plano. Amor e amorosidade nesta maternidade que é, por certo, um diálogo com as várias Pietás.



Flavio de Carvalho

Amparo da Barra Mansa/RJ, 1899
Valinhos/SP, 1973

Modelo, 1954

Óleo sobre tela
70 x 65 cm

A mulher modelar

J.K. Flavio de Carvalho é uma explosão silenciosa na arte brasileira. Ao mesmo tempo em que foi uma estrela, arquiteto, promotor de performances que chocaram a cidade de então, era um homem reflexivo e de palavras essenciais. O discurso era restrito; as atitudes ou intervenções, um escândalo para os seus contemporâneos.

O que resta diante de nós é uma pintura como esta, “Modelo”, em que o artista é uma presença solar, criando o seu personagem apenas por meio de massas cromáticas, formas, detalhes luminosos, sem desenho de contorno a definir a figura feminina.

A mulher é feita de luz. Não há diferença entre o fundo e a figura, ambos estão tingidos da energia e do deslumbramento do artista pela incidência da cor e dos raios luminosos. A pintura, neste caso, é pura cor. A pintura, como uma música, hedonista, órfica. A modelo, como uma manifestação da mulher cósmica.



Lasar Segall

Vilna, Lituânia, 1891 – São Paulo/SP, 1957

Paisagem de Campos do Jordão, 1938

Óleo sobre tela

53 x 64,5 cm



O castelo do homem pacificado

J.K. Poucos artistas enriqueceram tanto a história da arte brasileira quanto Lasar Segall e foram capazes de nos oferecer um claro e objetivo exemplo da altura possível da arte como representação da alma humana e da saga de um criador.

Em Segall, cristalizam-se três excepcionais momentos. O primeiro, histórico, é de ter realizado a primeira exposição modernista em nosso país, em 1913, em São Paulo e Campinas. O segundo momento é o registro da dor, a sua série dedicada aos imigrantes fugidos da Segunda Guerra Mundial, na qual ele criou um dos mais notáveis ícones do século 20, pulsante de vida e compaixão. É um marco indelével da humanidade.

O terceiro momento ocorre quando o artista, na serenidade da maturidade, contempla a vida cotidiana na sua casa planetária e coloca-se em sintonia com os simples fatos da existência e afirma-nos, como no *Eclesiastes*, que uma geração vai e outra geração vem, e o sol nasce a cada dia, em uma metáfora da renovação. É o que vemos nesta magnífica cena de Campos de Jordão.

O caminho do artista o conduz ao registro delicado do contingente, ao temporário, ao perecível, ao que está por um só momento diante de nossos olhos, mas que é capaz de provocar no ser humano uma compreensão do todo. A paisagem para Segall é o correspondente ao movimento eterno e o artista faz, por meio desse registro, o diário de sua vivência em direção à harmonia.



José Pancetti

Campinas/SP, 1902 – Rio de Janeiro/RJ, 1958

Autorretrato, 1944

Óleo sobre tela

46,7 x 38,5 cm

Eu sou o meu reflexo

*O implacável olhar
sobre si mesmo,
a busca da verdade
na contemplação.*

J.K. Este recorte do corpo, este plano superior, que ocupa todo o espaço vertical da tela.

O olhar é oblíquo, pois José Pancetti se contempla na superfície espelhada colocada à sua direita.

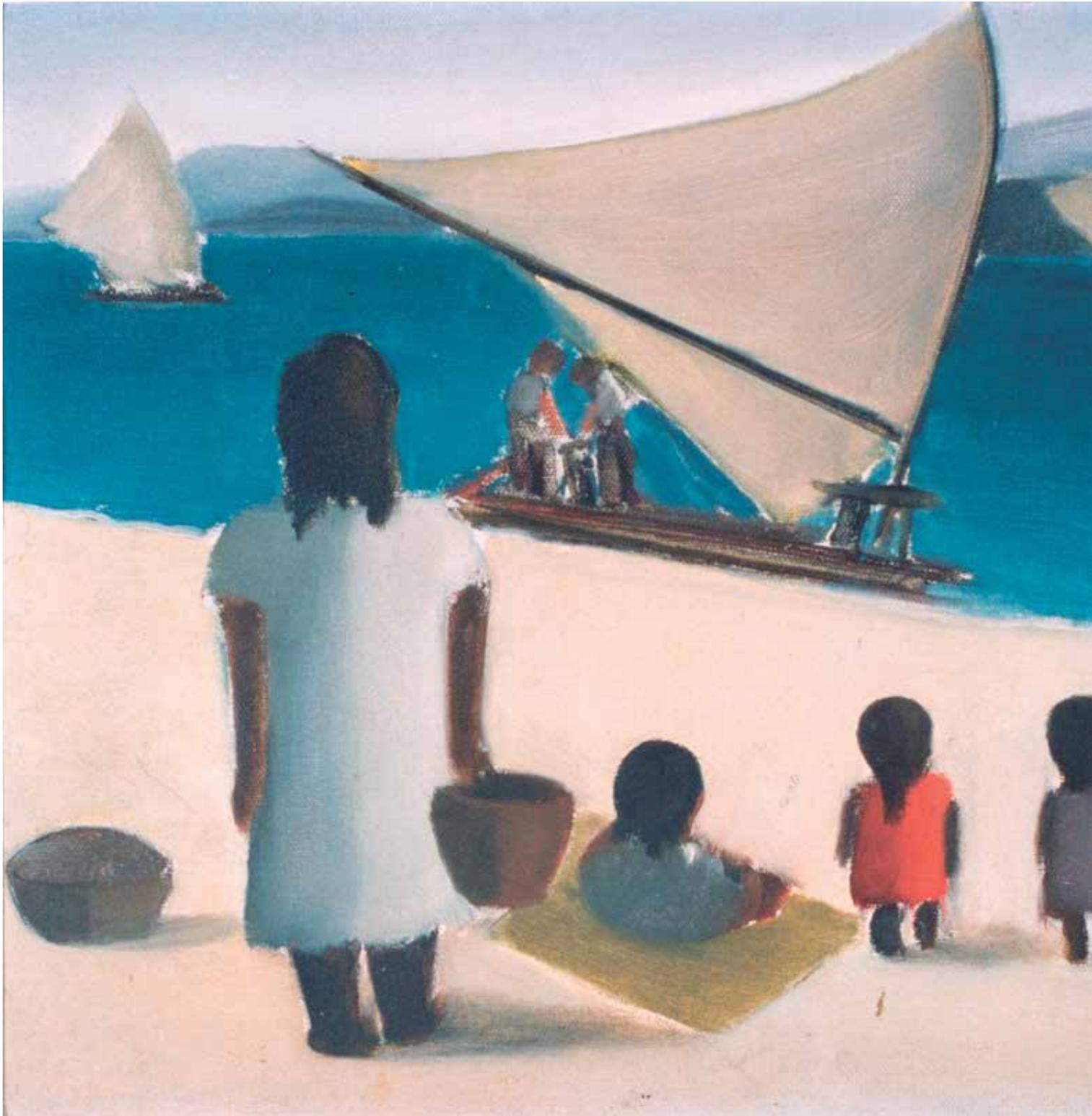
O olhar sobre si mesmo.

O implacável olhar sobre si mesmo, a busca da verdade na contemplação.

O enigma do rosto; o mistério que se recusa ao entendimento porque o ser é indecifrável.

O ser percebido por sua densidade.

José Pancetti que se olha neste extraordinário autorretrato de feição clássica.



A vida à beira mar plantada

J.K. Esta paisagem marítima é feita de sutileza e qualidade pictórica. A aparente simplicidade da paisagem marítima, se considerarmos que ela pode ser definida por três planos horizontais monótonos e iguais – a terra, o mar e o céu –, oferece um desafio aos artistas: o de como fugir da banalidade. Não é o caso do pintor Pancetti, solista virtuoso e amigo do oceano.

Esta pintura tem os elementos constantes na arte de Pancetti: figuras humanas, barcos, mar, areia, horizonte. Com esses elementos, que poderiam se prestar à banalidade, Pancetti cria uma pintura sinfônica que nunca cessa de nos impregnar de uma sensação de totalidade. As cores, combinadas por harmonia, fazem das passagens de uma tonalidade a outra e de um plano a outro uma escala cromática de variações mínimas, tonais, quase imperceptíveis. O horizonte, cinza evanescente, é quase a extensão do azul do mar, que se mescla ao espaço da terra distante. No primeiro plano, os ocres da areia se multiplicam nas velas dos barcos. As pessoas são indicações de formas maciças, sem detalhes, e de tal maneira integradas na contemplação da cena que são, na verdade, parte da cena observada. Não há distanciamento entre o olhar e a cena olhada. O olhar e o olhado pertencem ao mesmo conjunto: a vida marítima.

A maestria de José Pancetti se revela não pela exuberância cromática e utilização de grandes recursos, mas em elevar os mais simples elementos à condição de paradigmas.



José Pancetti

Campinas/SP, 1902 – Rio de Janeiro/RJ, 1958

Figuras à Beira Mar, 1946

Óleo sobre tela

33 x 41 cm



Clóvis Graciano

Araras/SP, 1907 – São Paulo/SP, 1988

Rosto, 1945

Óleo sobre madeira

55 x 45,5 cm



Vittorio Gobbis

Motta di Livenza, Vêneto, Itália, 1894 – São Paulo/SP, 1968

Negra, 1931

Óleo sobre tela

74 x 60 cm





Anita Malfatti

São Paulo/SP, 1889 – São Paulo/SP, 1964

O Batizado, 1940

Óleo sobre tela

40,6 x 55,7 cm

A vida cotidiana do símbolo

J.K. A mais estranha parábola da arte brasileira é o percurso de Anita Malfatti. Ela foi o símbolo máximo da implantação do modernismo no Brasil. A sua exposição em 1917 suscitou uma crítica arrasadora do grande intelectual e escritor Monteiro Lobato.

A defesa da obra de Anita se constituiu no começo da Semana de Arte Moderna de 1922. Malfatti, independentemente de sua vontade, foi a bandeira desfraldada dos novos ares. Em 1917, sua pintura era de um suave expressionismo influenciado especialmente pela arte americana.

Tímida, modesta, com deficiência em um dos braços, amiga íntima de Mário de Andrade, Anita Malfatti resistiu mal ao papel de protomártir do modernismo. A sua obra posterior buscou a intimidade dos assuntos regionais e a tranquilidade do tratamento que pretendia o equilíbrio e a veracidade, como é o caso desta pintura, “O Batizado”, na qual a esplêndida composição, a pintura realizada a partir do forte triângulo central, é apaziguadora e delicada.





Francisco Rebolo

São Paulo/SP, 1902 – São Paulo/SP, 1980

Paisagem, década de 1940

Óleo sobre tela

46 x 54 cm





Tarsila do Amaral

Capivari/SP, 1886 – São Paulo/SP, 1973

Procissão, 1941

Óleo sobre tela
50 x 65 cm

A velocidade da fé

J.K. Tarsila do Amaral não participou da Semana de Arte Moderna de 1922, mas tornou-se a artista-símbolo da vitória do modernismo no Brasil. Ela tratou dos assuntos brasileiros e procurou recuperar peculiaridades do País. Seguidamente, as suas cores têm como origem as cores das casas brasileiras do interior rural, na sua simplicidade e singeleza, nos seus rosas, azuis e verdes. A sua influência foi imensa. É possível que ela seja filha diletta de Fernand Léger, com alguma mescla de Rousseau, mas, se for, é uma boa origem. Sabe-se que em arte, como disse Picasso, ninguém é órfão.

Esta pintura, “Procissão”, é um prodígio de composição, pois a sua estrutura é, ao mesmo tempo, o próprio ritmo da pintura. Existe o movimento da multidão de religiosos todos no mesmo sentido e ela parece acelerada, pois a visível obliquidade do grupo favorece essa sensação cinética. É mais um recurso gráfico utilizado pela pintora. Os tons de rosas, verdes e azuis lembram a epopeia da pintora em busca das cores que já foram chamadas de “caipiras”, ou seja, a pintura ingênua de casas e locais. A tela tem um formato pequeno, mas a sua organização espacial, a eliminação dos detalhes em favor da expressividade, a ausência de elementos externos referenciais, tudo isso torna esta pintura monumental.



Lula Cardoso Ayres

Recife/PE, 1910 – Recife/PE, 1987

Mulher com Melancia, 1951

Óleo sobre tela

92,5 x 73,5 cm



Mário Zanini

São Paulo/SP, 1907 – São Paulo/SP, 1971

Rua, 1941

Óleo sobre tela

50,5 x 65,3 cm





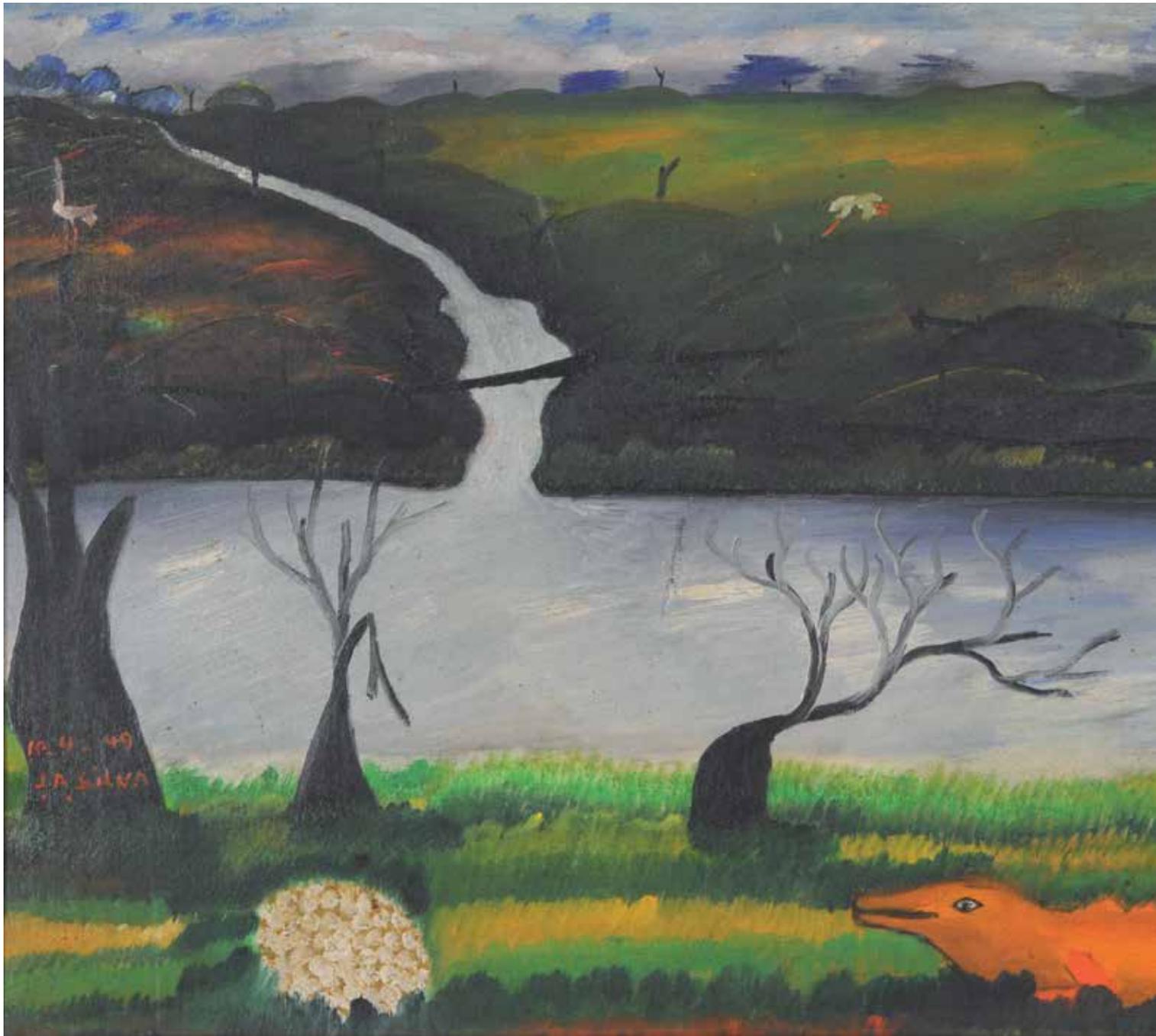
Gino Bruno

Adria, Emília Romana, Itália, 1899 – São Paulo/SP, 1977

Teatro de Marionetes, sem data

Óleo sobre tela

80 x 100 cm





José Antonio da Silva

Sales de Oliveira/SP, 1909 – São Paulo/SP, 1996

Jacaré Chocando os Ovos, 1949

Óleo sobre tela

35 x 50,8 cm

O desprezioso sentimento

J.K. É provável que José Antonio da Silva tenha sido o nosso mais intrigante artista ingênuo. Ou o diamante mais puro, aquele que não necessita de muitos arrimos filosóficos externos a si mesmo; o brilho da pedra e a dureza do material são suficientes.

Esta pintura, “Jacaré Chocando os Ovos”, é, se me permitem a liberdade vocabular, deliciosa. E é, igualmente, a mais completa desolação. São de tal maneira íntegros e diretos a concepção e o fazer da pintura de José Antonio, que ela nos remete para a expressão verbal mais imediata e espontânea. Surpreender o jacaré no cuidado com os ovos é muito engraçado, pois estamos diante de uma pintura, e não de uma excursão à floresta. O caráter narrativo e descritivo da pintura é um sopro do ar fresco da montanha. Mas o todo da pintura, feita em dois planos horizontais, é desolador, pois indicia o descaso, o abandono e o futuro ecológico desértico. Quando serão extintas as árvores, o rio secará e não haverá mais a vida emergente. No presente, a graça e a vida natural se impõem. A prospectiva é desoladora. José Antonio da Silva é um lírico trágico.



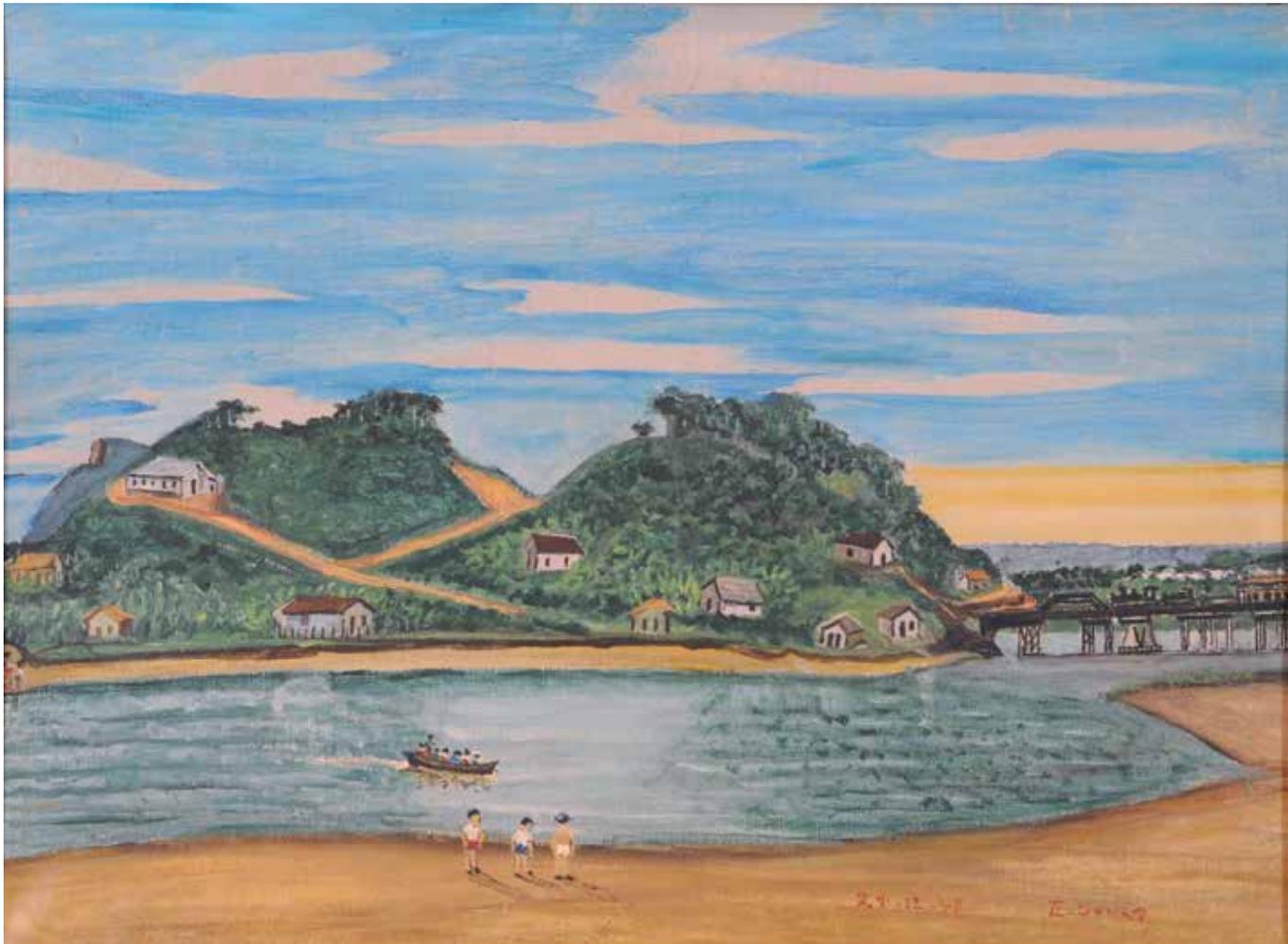
Edgar Oehlmeier

Rio Claro/SP, 1909 – São Paulo/SP, 1967

Paisagem, 1949

Óleo sobre tela

50 x 65 cm



Emídio de Souza

Itanhaém/SP, 1868 – Santos/SP, 1949

Paisagem, 1948

Óleo sobre tela

36 x 49 cm



Candido Portinari

Brodowski/SP, 1903 – Rio de Janeiro/RJ, 1962

Menino, 1940

Gravura a ponta seca/papel

13,5 x 10,5 cm

A criança eterna

J.K. O núcleo essencial do trabalho de Candido Portinari é a valorização do ser humano e, mais especificamente, a descrição do que nos faz humanos. Ele pintou espantalhos que nos surpreenderam pela semelhança com o Cristo na cruz; e fez crianças brincando no balanço para que, quando estiverem no ar, fiquem parecidas com anjos no céu. Politicamente engajado na esquerda, foi o nosso principal pintor de temas religiosos. Era um humanista. Esta gravura em metal, “Menino”, espanta pela singeleza de concepção e qualidade dramática: para este pintor que fez as mais belas crianças da nossa arte, este é o menino essencial no centro da cena. Mais uma vez, e com a maestria que dedicava a cada ato artístico, Candido Portinari nos coloca diante da figura inteiramente despojada, riscada em econômicos traços, a figura comovedora do ser humano.



Flavio de Carvalho

Amparo da Barra Mansa/RJ, 1899 – Valinhos/SP, 1973

Dama da Noite, 1958

Desenho a nanquim

100 x 70 cm



Virgílio Della Monica

São Paulo/SP, 1889 – São Paulo/SP, 1956

Sem título, 1942

Óleo sobre tela
55 x 46 cm



Harry Elsas

Baden-Württemberg, Stuttgart, Alemanha, 1925 – Taubaté/SP, 1994

Autorretrato, 1955

Óleo sobre madeira

45 x 36 cm



Túlio Mugnaini

São Paulo/SP, 1895 – São Paulo/SP, 1975

Nu, 1936

Óleo sobre tela

55 x 46 cm



Jurandir Ubirajara Campos

São Paulo/SP, 1903 – São Paulo/SP, 1972

Retrato, 1948

Óleo sobre tela

50 x 40 cm



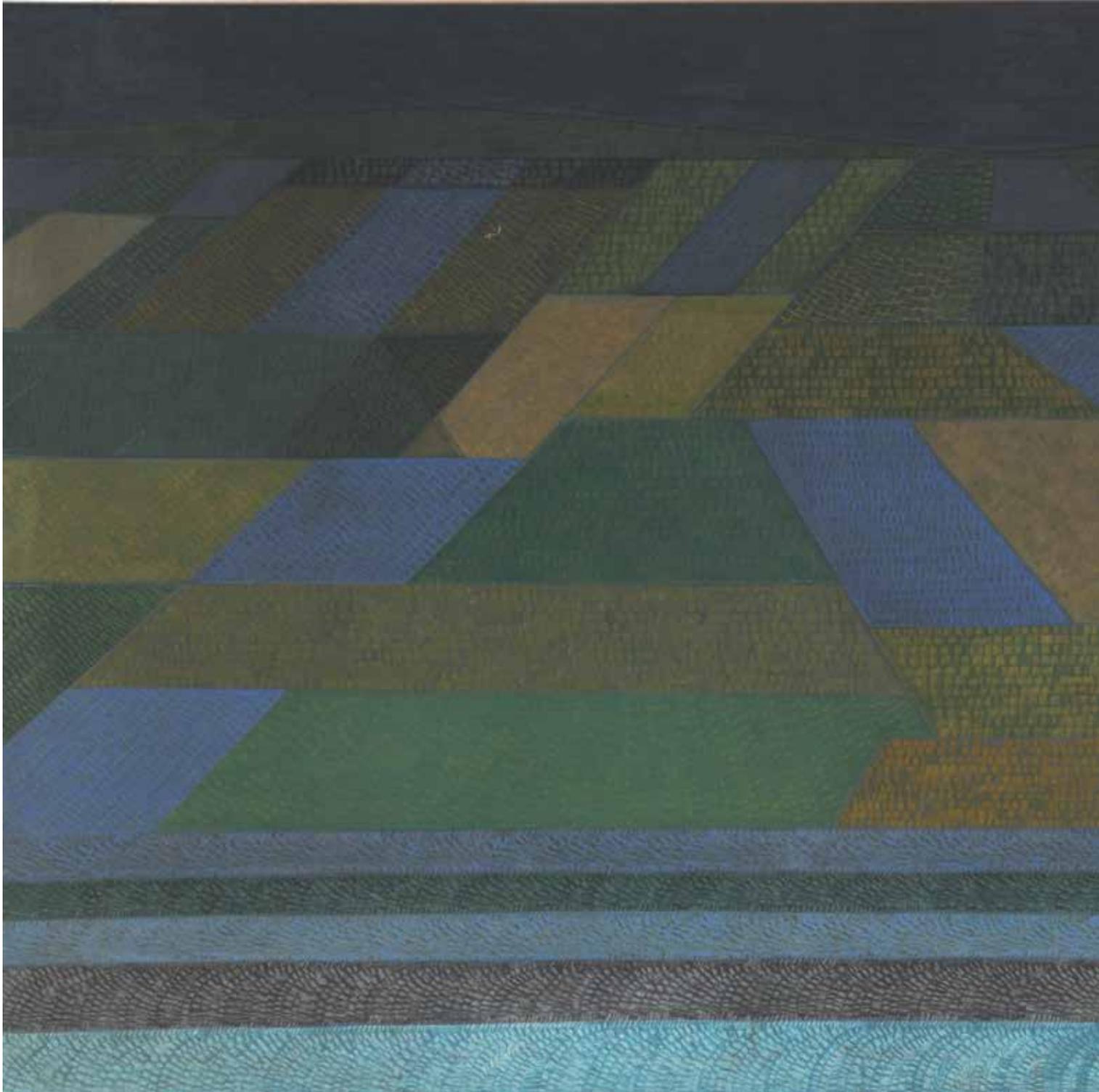
BORIS



1960
1970 1980
1990 2000
2015

*Os caminhos que levam à
Contemporaneidade*

Textos: Guido Arturo Palomba
Jacob Klintowitz





Aldir Mendes de Souza

São Paulo/SP, 1941 – São Paulo/SP, 2007

Geometria da Terra II, 1982

Óleo sobre tela

120 x 180 cm

Alquimista das cores

*“O óleo é incomparável,
nas pinceladas a cor
chega ao seu ponto
máximo.”*

G.A.P. Em seu amplo e lindo *atelier*, Aldir gostava de pintar à luz do dia, em torno da piscina. No terraço ficava uma parte, para ele muito importante, da oficina alquímica, na qual depurava as cores. Viam-se filtros, almofarizes e moendas, solventes, cadinhos para “cozer as pedras filosofais”, as tintas que tanto amava.

Lilases, marrons, amarelos, azul de todos os matizes usava-os em suas telas com muita harmonia e pinceladas complexas, de toques rápidos, “para extrair o máximo do tom”, dizia.

Aldir era um alquimista da cor, exigente e muito sensível. Consagrado como um dos três grandes coloristas brasileiros (juntamente com Volpi e Iannelli), em 1968 destruiu todas as suas obras participantes da IX Bienal Internacional de São Paulo. Assim se expressou naquela manhã, junto à entrada principal da Bienal, de machadinha em punho, golpeando quadros e esculturas por ele realizados: “Mesmo recebendo alguns comentários elogiosos por parte da crítica e com uma aquisição por parte de uma escola de arte do estrangeiro, achei que em minhas obras havia grande variabilidade da temática, além de falhas técnicas e optei pela destruição das mesmas. Assim procedi para eliminar as obras que ficaram incoerentes dentro do conjunto que pretendo apresentar a partir de agora” (O Estado de S. Paulo, 1968).

E foi coerente, expôs em importantes museus no Brasil e no exterior e também deu muito de si à APM, à qual era ligado duplamente, já por ser médico, cirurgião plástico frequentador das reuniões científicas, já pelas artes, tendo sido um dos próceres da ampliação do acervo da APM (ver “Pinacoteca da APM, breve história”, no início desta publicação).



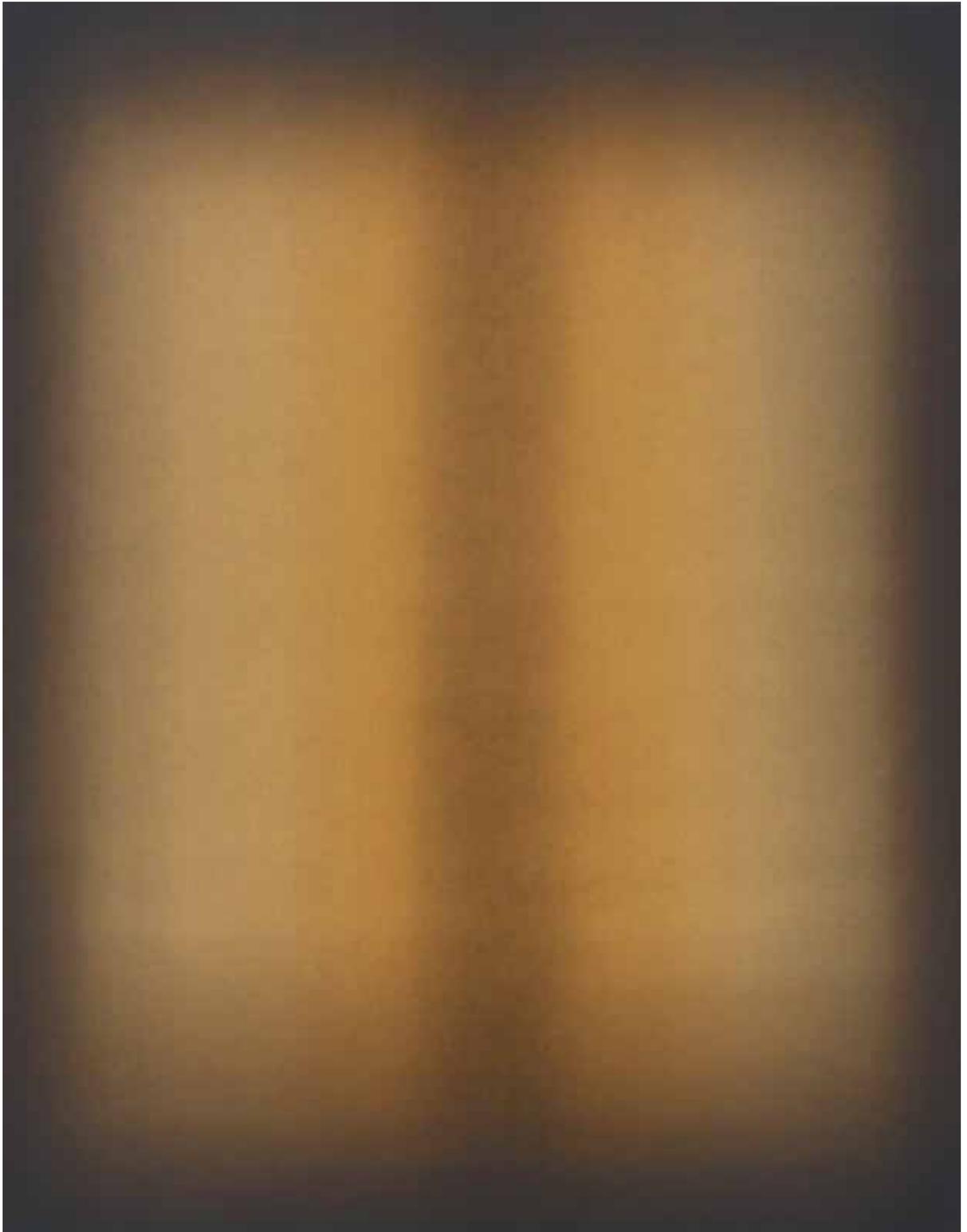
Aldir Mendes de Souza

São Paulo/SP, 1941 – São Paulo/SP, 2007

Paisagem Verde, 1998

Óleo sobre tela

80 x 120 cm



Arcangelo Ianelli

São Paulo/SP, 1922 – São Paulo/SP, 2009

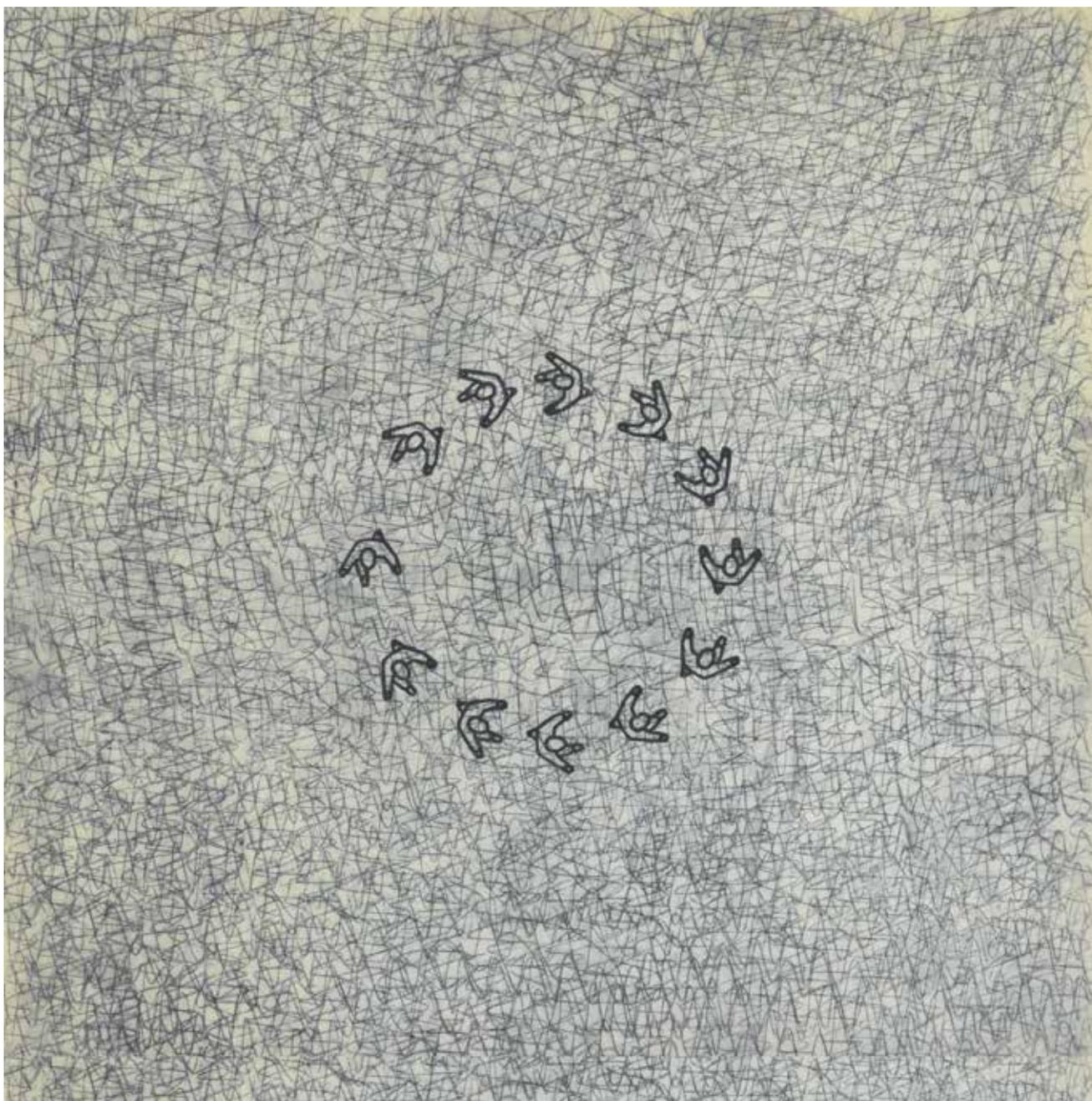
Sem título, 1999

Serigrafia

100 x 70 cm

A estrutura da forma

J.K. Nesta serigrafia, Arcangelo Ianelli realiza uma síntese rara, pois combina dois princípios, seguidamente distantes, da arte contemporânea: a mais ortodoxa geometria e a mais evanescente sutileza cromática. Na verdade, esta serigrafia é a memória da tela pintada pelo artista, pois foi realizada, como é tão usual em nossos dias, a partir de uma fotografia do original pictórico.



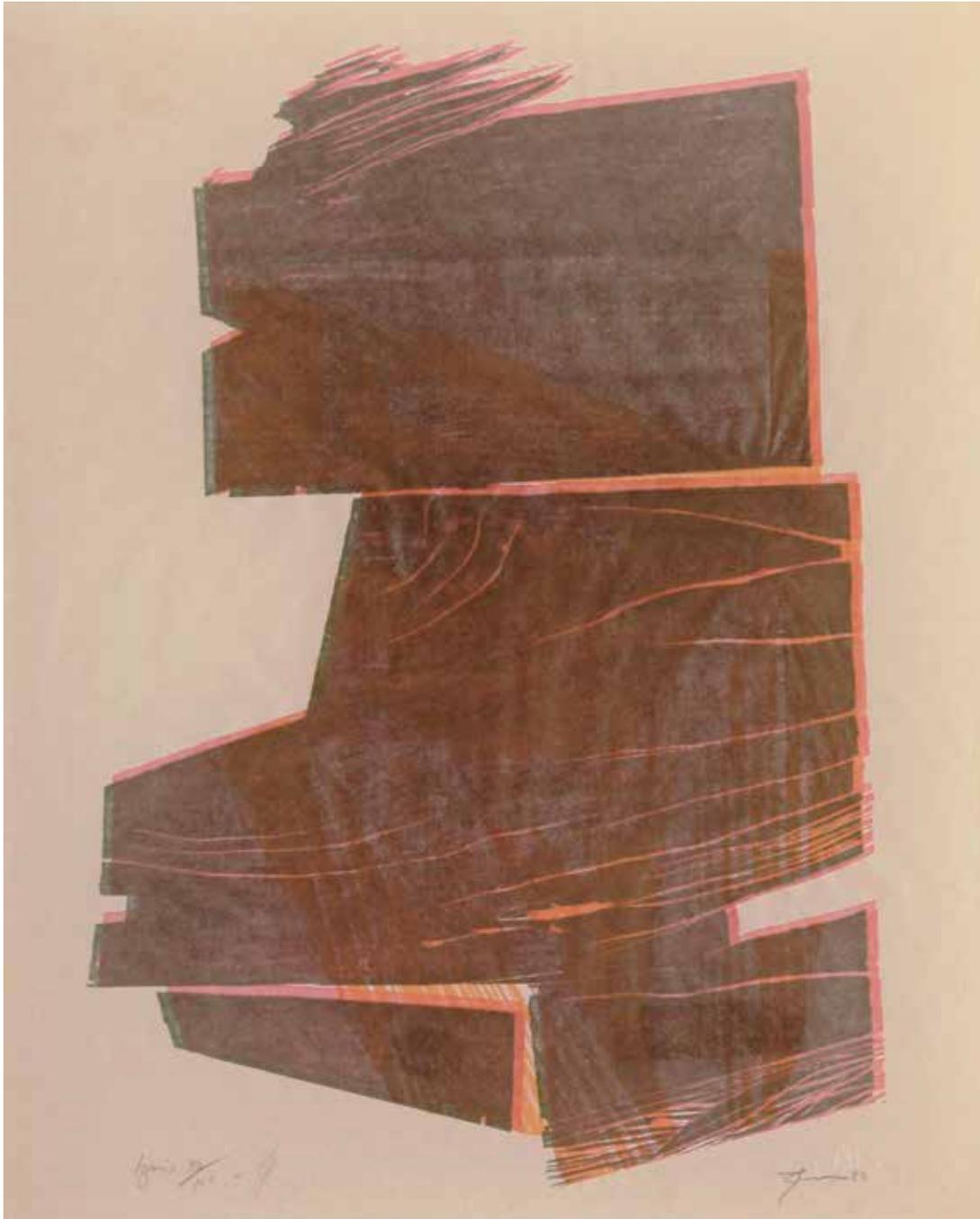
León Ferrari

Buenos Aires, Argentina, 1920 – Buenos Aires, Argentina, 2013

Ronda, 1983

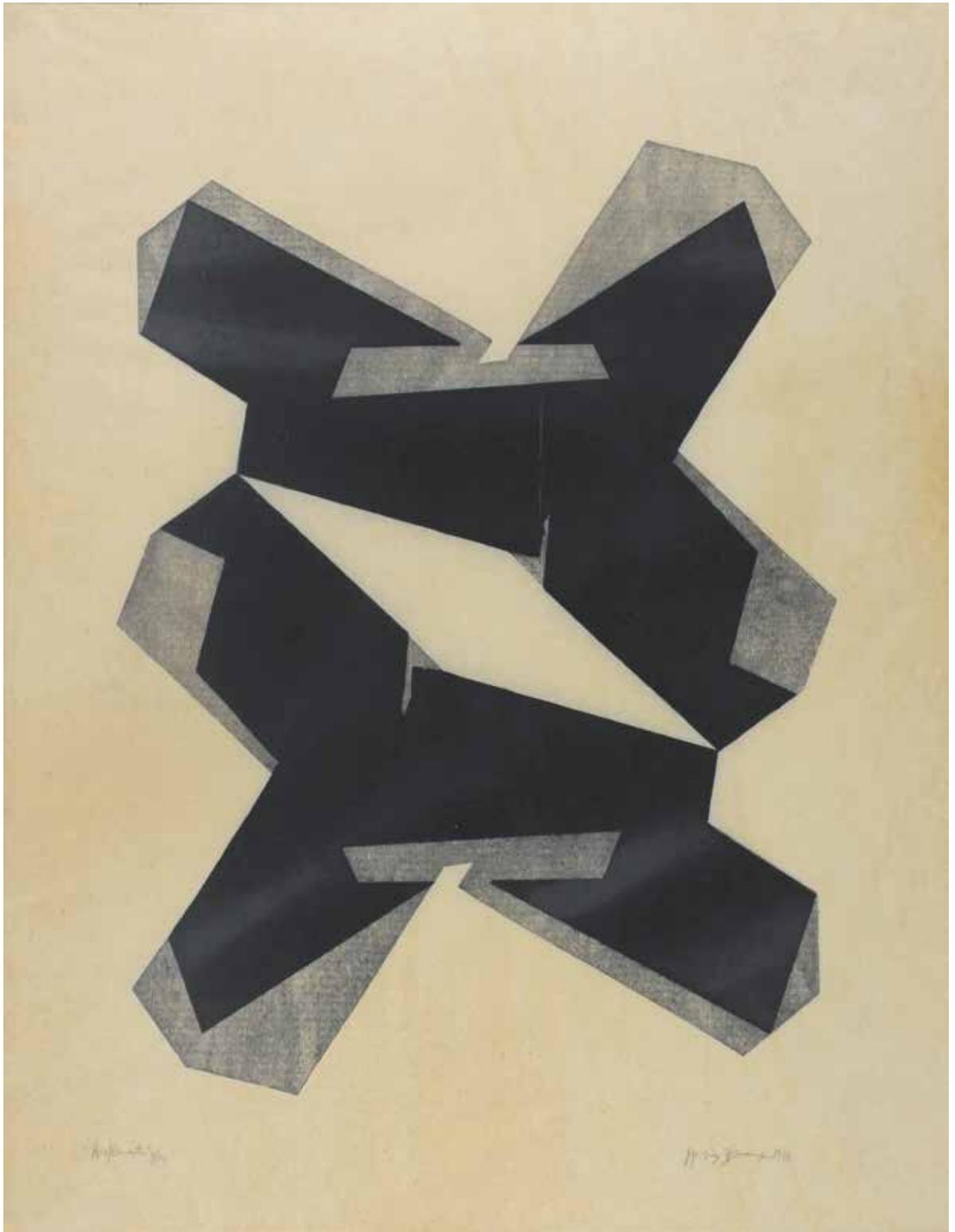
Carimbo e carvão sobre poliestireno

50 x 49 cm



Maria Bonomi
Meina, Itália, 1935

Ignis, 1982
Xilografia
52 x 42 cm



Maria Bonomi

Meina, Itália, 1935

Acoplamento, 1966

Xilografia

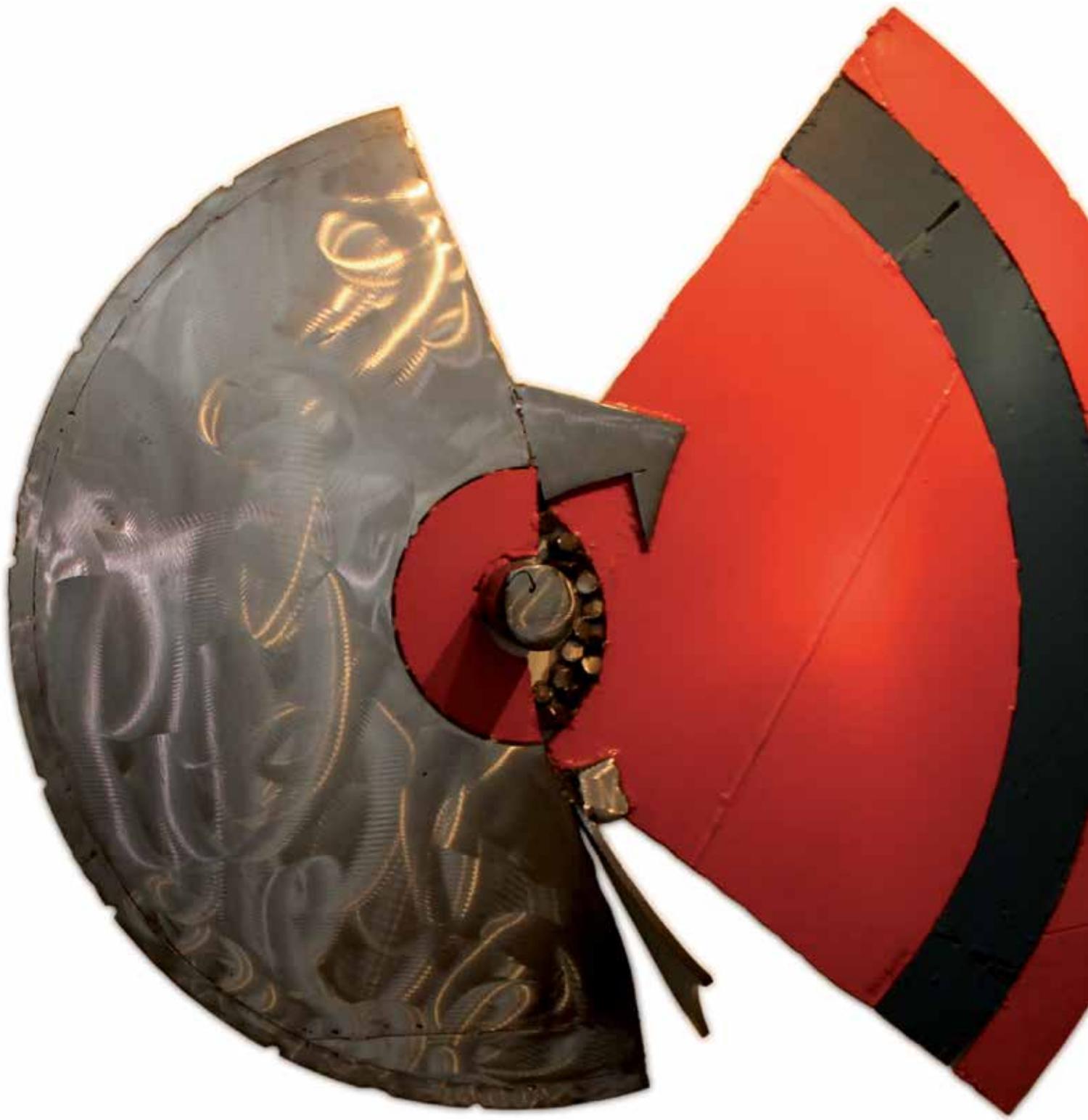
160 x 125 cm

Sinal de fogo

J.K. Maria Bonomi é responsável por vários atos heroicos e não é um dos menores a sua contribuição para a recuperação do prestígio da gravura. Certamente a alteração dos formatos que promoveu conferiu a escala monumental para a gravura em concordância com as novas cidades contemporâneas. Acordo e identificação de linguagens. Também ela tornou o sulco da gravura um personagem da arte, um ser de vida própria. Mas tudo isso ainda seria pouco se a sua gravura não fosse capaz de se tornar marca e símbolo, como é o caso desta xilogravura extraordinária, “Acoplamento”.

“Acoplamento” não parece copiado em papel, mas gravado na pele do mundo e impresso no psiquismo. Marca indelével.

É um universo situado na divisa entre as formas não objetivas e as figurativas, como ponte entre mundos. É tão forte e verdadeiro, tão fundamental e simbólico o que são estas formas, que ora parecem abstratas, ora letras de um alfabeto perdido, e nos dão a sensação de que foram gravadas na rocha, sinal de fogo a nos dizer que aqui uma forma nasceu e para sempre se constituiu.



Caciporé Torres
Araçatuba/SP, 1935

Butterfly, 2001
Aço pintado
120 x 90 cm

Singularidade e refinamento impactantes

G.A.P. Caciporé de Sá Coutinho de Lamare Torres, o grande Caciporé das esculturas maravilhosas, chocantes e intrigantes obras de arte, com refinadíssimo senso estético. Obras que, ao serem contempladas, causam, de imediato, impacto pela forma, pelo acabamento escolhido, pela cor e pelo equilíbrio formal do conjunto.

As que têm grandes dimensões – existem cerca de 80 localizadas em logradouros públicos de diversas cidades do Brasil, como estações de metrô, praças, museus, parques – apresentam mais um atributo: integração com o espaço arquitetônico, com o qual interagem.



Caciporé Torres
Araçatuba/SP, 1935

Bastão de Esculápio, 2009
Aço inox soldado
230 x 150 x 60 cm

“São elementos do equilíbrio, compositivos, que se integram intimamente.”

Não há escola de arte que possa defini-lo. É um artista absolutamente único, com linguagem própria, que usa aço (sua principal matéria-prima) e solda para espelhar a própria alma e ser fiel aos aspectos que a tocam. Puro e genuíno, as obras nascem inicialmente da intuição, altamente aguçada, passam pela disciplinadora razão (elaboração de croquis), para atingir o ponto máximo na execução do trabalho, que deverá ter harmonia, equilíbrio e integração.

Ao atingir esse clímax, Caciporé dá a construção por terminada e realiza-se esteticamente: “Cada trabalho é como se fosse o meu primeiro trabalho: vem a inicial inquietação criativa, algo que tem que ser feito, realizado, e a realização é chegar aonde quero”, a lembrar os gregos que diziam que a musa fecunda o gênio, deixa-o prenhe, que, então, terá de dar à luz o filho; enquanto não o fizer, não há sossego possível: é a inquietação criativa dos artistas, prazerosa e orgástica, de que “sofrem” os verdadeiros poetas, músicos, escritores, pintores e escultores, até que atinjam os seus objetivos.

Ah! Os pinos, os intrigantes pinos, sempre presentes em suas esculturas: “São elementos do equilíbrio, compositivos, que se integram intimamente”, diz com propriedade.

“Bastão de Esculápio”, realizada especialmente para a APM em 2009, aí está, juntamente com “Butterfly”, doada à entidade em 2006, ambas a mostrar toda a força do artista.



Inos Corradin

Vogogna, Piemonte, Itália, 1929

Casas de Pescadores, sem data

Óleo sobre tela

50 x 100 cm



A paisagem dos deuses

J.K. Em Inos Corradin, a paisagem é sempre a última morada dos homens. Depois do Olimpo, a paisagem é o lugar que os homens ou os deuses caídos podem ocupar; é a construção da paz, da harmonia e da sacralidade da natureza. É um lugar construído pelos homens. Neste artista, a paisagem é sempre vista pela primeira vez, nunca é a doce e imaginária paisagem que talvez os ancestrais outrora tenham visto. Nesta pintura, "Casas de Pescadores", Inos Corradin estrutura uma delicada percepção do mundo; cada coisa está em seu lugar e cada coisa está duplicada, pois a imagem está espelhada, dividida, ao centro, por um sutil faixo luminoso, solar ou lunar, mas certamente vindo do alto. O que a embriaguez sagrada desta paisagem afirma é a multiplicação das imagens e o enigma do duplo. Ao imaginar ou fazer o recorte de um fragmento, o paisagista inventa a paisagem: ele acorda a memória do Paraíso.



Ivald Granato
Campos/RJ, 1949

Sem título, 1999
Técnica mista sobre tela
100 x 70 cm

A energia e o gesto

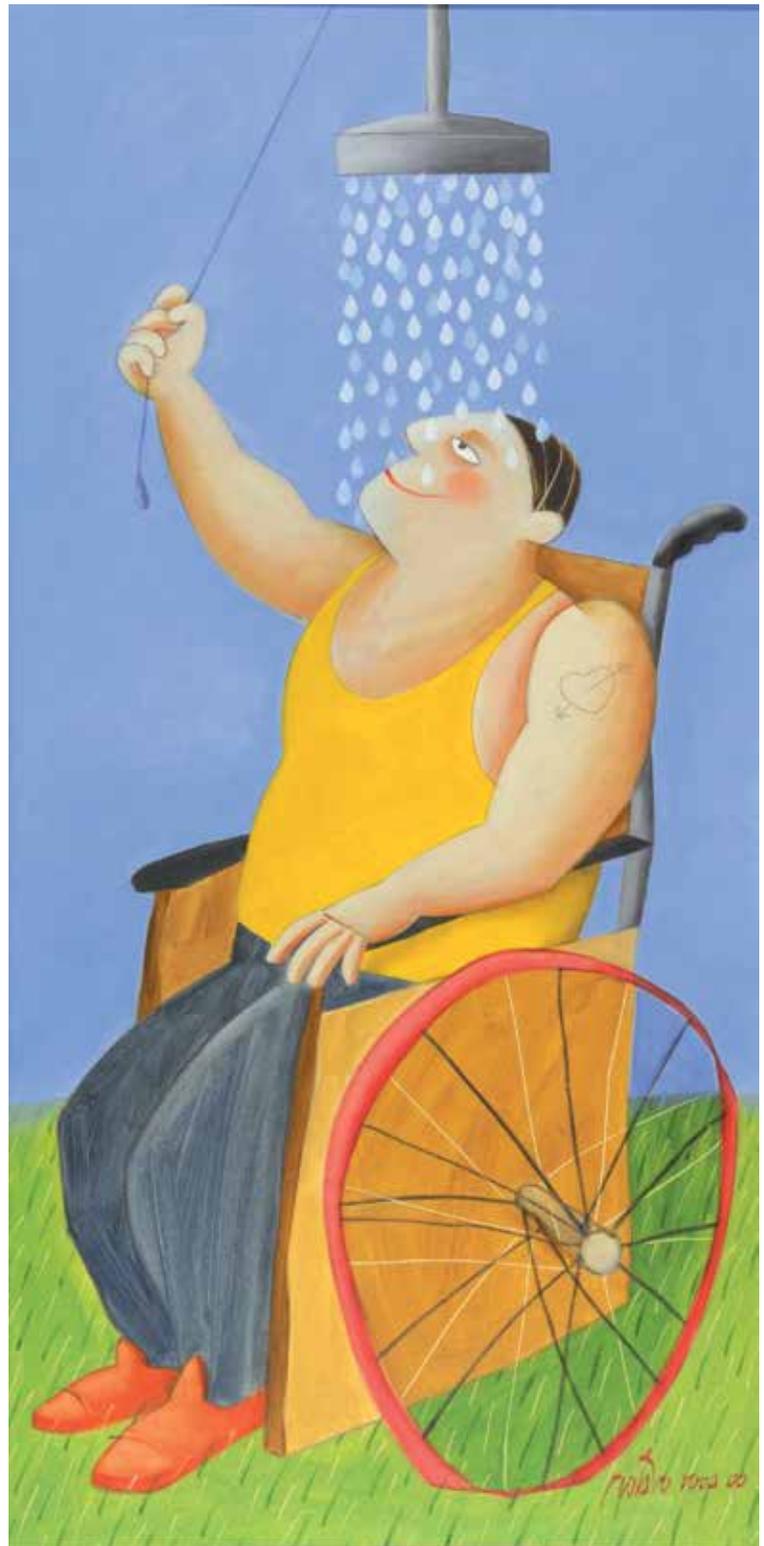
O gesto criador para Ivald Granato é também um movimento corporal, uma dança particular e única.

J.K. Muitas vezes, quando olhamos as pinturas de Ivald Granato, temos a impressão de que foram feitas rapidamente. Algumas não podem ter demorado mais do que um dia para serem realizadas. E essa é a mais pura verdade. Elas foram feitas em exatamente 40 anos e um dia. Como é o caso desta pintura, sem título, mas exemplar de sua produção, o homem e o cachorro.

Nas últimas décadas, a presença artística de Ivald Granato é uma constante poderosa na arte brasileira. Nesse período, ele fez praticamente tudo o que um artista plástico pode fazer nos séculos 20 e 21: pintura, desenho, escultura, objeto, cerâmica, instalação, performance, arte postal, obra em progresso, livro de artista, intervenção urbana, jornalismo alternativo. É uma atividade incessante e de tal maneira participativa que se pode entender a história da nossa arte simplesmente observando o percurso do trabalho de Granato.

Como artista, Ivald Granato é dotado de uma rara peculiaridade: ele organiza o movimento, o gesto e a energia, e o seu processo de criação é similar ao resultado da pintura, é um método particular feito de movimento enérgico e mergulho visceral na construção da figura. Observe-se como nas suas figuras – o cerne de sua obra – há um movimento incessante, como se o pincel tivesse frenética vida própria.

Ivald Granato é um artista gestual. Ivald Granato é um artista que se joga inteiro no ato da criação. O gesto criador para Ivald Granato é também um movimento corporal, uma dança particular e única.



Gustavo Rosa

São Paulo/SP, 1946 – São Paulo/SP, 2013

Chuveirando, 2000

Óleo sobre tela

100 x 50 cm

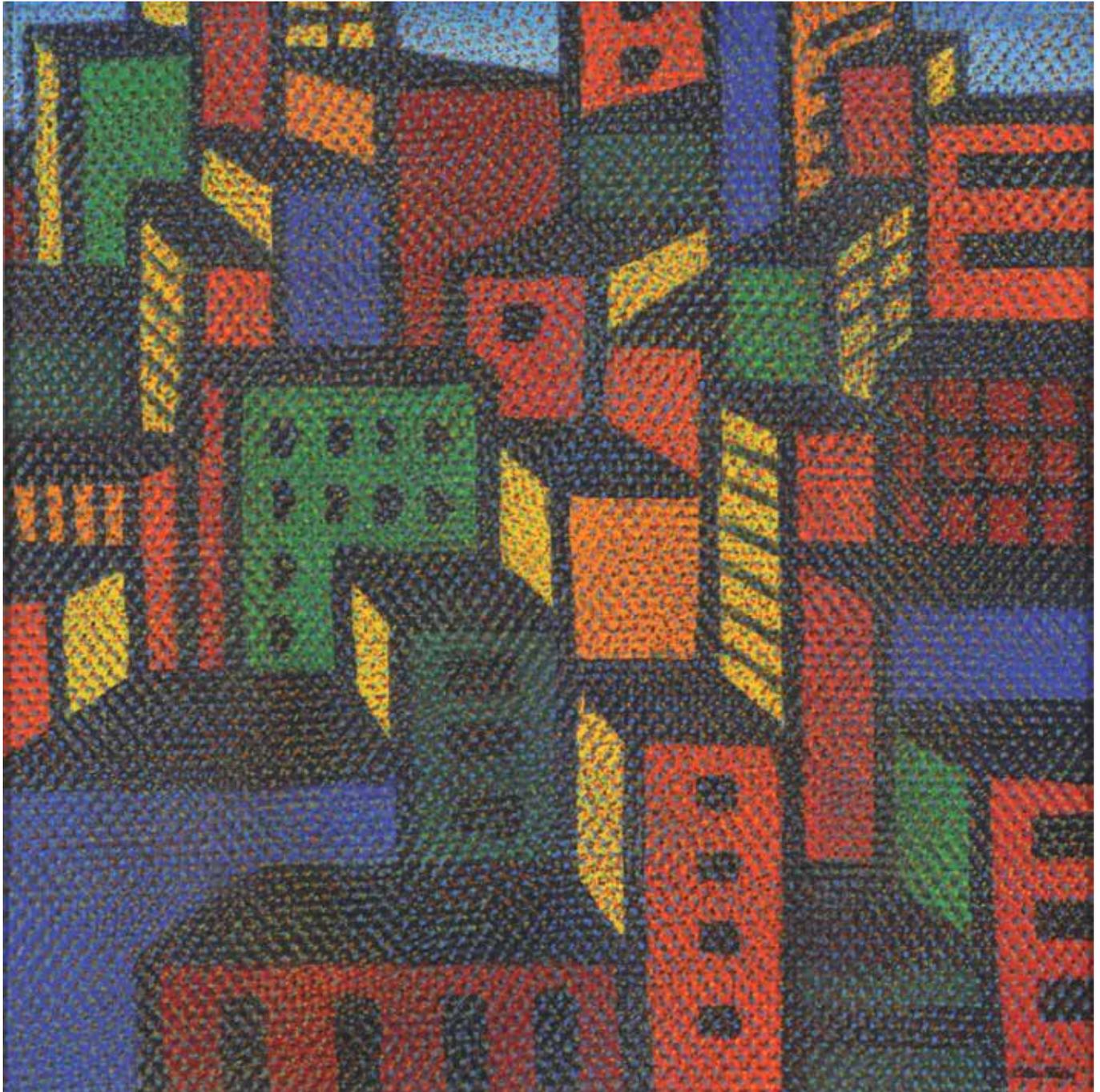
O lugar especial da cotidianidade

“Minha produção é independente. Não pertencço a grupos, facções ou movimentos...”

G.A.P. Talento se explica? Às vezes, mas nesse caso não: se sente, se absorve, se admira. A simples observação das obras de Gustavo Rosa ensina que o artista nasce artista. Gustavo é autodidata e absolutamente livre. A melhor definição de Gustavo é a que ele próprio oferece: “Minha produção é independente. Não pertencço a grupos, facções ou movimentos. Meus movimentos estão no riscar o carvão, tingir uma tela, criar um objeto, manipular as fantasias, o lúdico, o absurdo. Quando faço isso, me deparo com a liberdade, num voo único e solitário”.

Sua temática principal é a figura humana, fria e instintivamente estilizada, a retratar a vida como ela é. A genialidade está em atingir o essencial, o simples, e com isso ressaltar aspectos da realidade em que vivemos, que muitas vezes passam despercebidos à nossa vista. Em outras palavras: Gustavo Rosa, com traços pragmáticos, sem falso romantismo, despe o mundo cotidiano, pondo-o a nu, mostrando as suas faces intrigantes, cômicas, irônicas, cujos quadros são testemunhos do mundo moderno, e por isso capazes de contar histórias, sem maquiagem, do dia a dia.

Quando Gustavo Rosa doou “Chuveirando” à APM, nos disse que nas coisas mais corriqueiras do dia a dia encontra-se a simplicidade que não valorizamos como deveríamos, por exemplo, tomar banho, que pode se tornar um ato complexo e difícil em determinadas circunstâncias. A obra em comento é um bom exemplo disso.



Claudio Tozzi

São Paulo/SP, 1944

Cidade, 1995

Acrílica sobre tela

40 x 40 cm

O caminho do pensamento ou a mais íntima biografia

J.K. A obra de Claudio Tozzi oferece um excitante paradoxo visual, ao mesmo tempo em que os seus assuntos são cotidianos e simples, a sua conceituação é filosófica e existencial. Esta pintura, “Cidade”, é um assunto cotidiano. Mas a geometria da construção, o espaço inteiramente ocupado pelo desenho e pelo pigmento, a falta de horizonte, a ausência humana, tudo isso se constituiu em uma consideração importante sobre as cidades contemporâneas.

A obra de Claudio Tozzi é a concretização do percurso de seu pensamento. Muito poucos artistas ofereceram uma demonstração tão objetiva entre a correspondência da percepção da obra e a obra. O currículo e a cronologia de Tozzi e de sua obra são verdadeiramente a sua mais íntima biografia. O desenvolvimento de sua obra é uma permanente confissão pública. O jovem artista sensibilizado com o universo da comunicação e dos objetos transformou-se em um artista maduro, capaz de discutir as questões essenciais do homem e da linguagem.



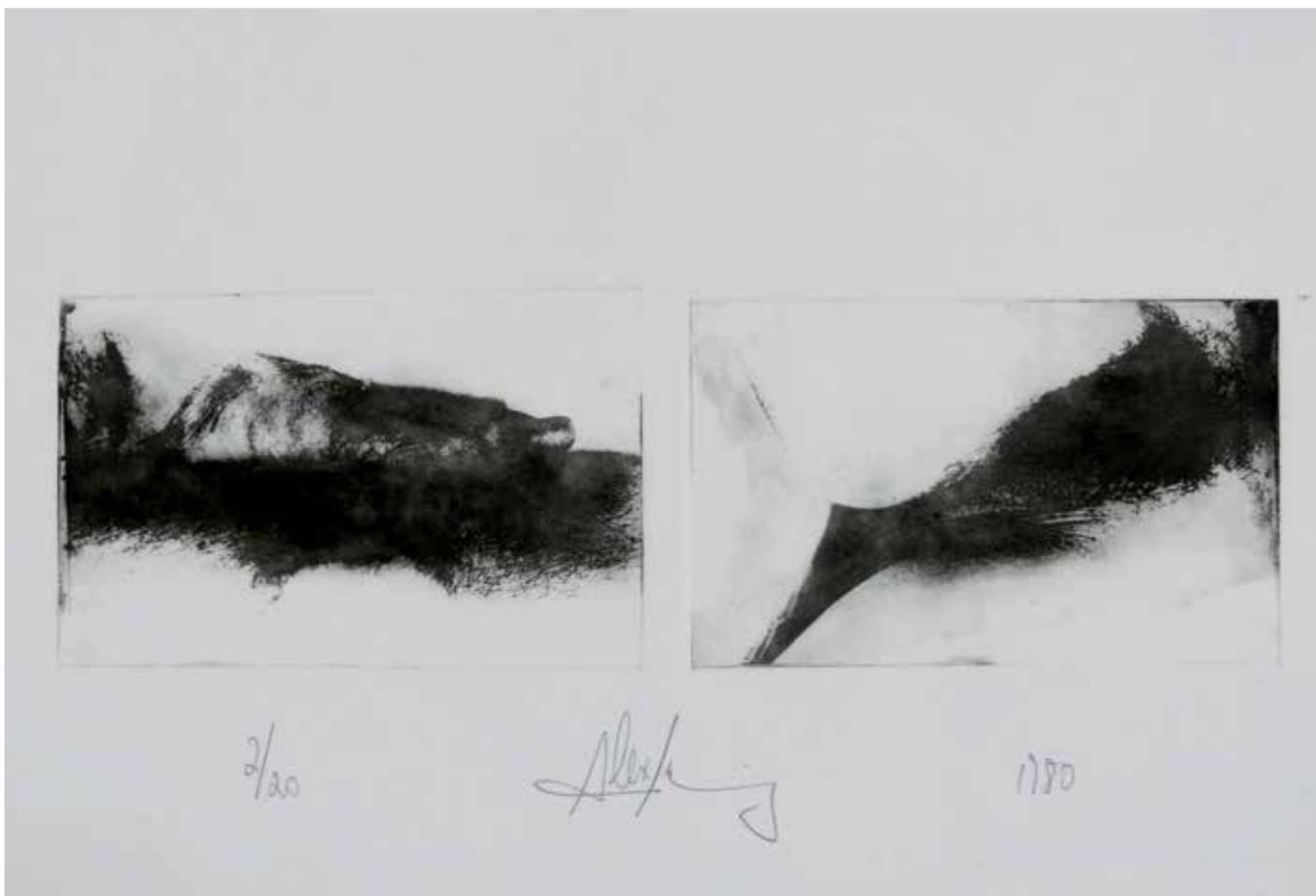
Gregório Gruber
Santos/SP, 1951

Cena Noturna, 2003
Pintura sobre tela
140 x 100 cm

O tempo congelado

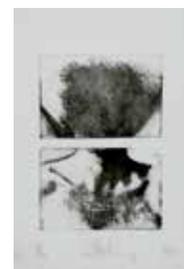
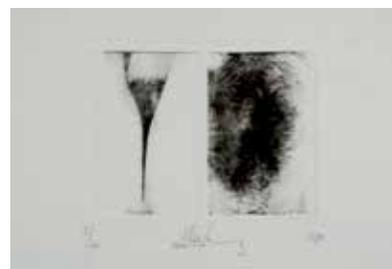
J.K. Quando Gregório Gruber registra a cidade de São Paulo, a pintura costuma ter este caráter emblemático. Nesta “Cena Noturna”, encontramos a precisão e a qualidade da pintura de Gregório que transforma a cidade em uma paisagem estática.

Pressentimos que essa paisagem urbana é o cenário de acontecimentos inusitados, o teatro que espera o movimento que virá. A imobilidade é absoluta, não há o vento que agita a copa das árvores e nenhuma ação do transeunte rompe o cenário que, para o artista, tem a essência do permanente. Gregório Gruber, na sua pintura, faz a arqueologia do presente, pois identifica e transforma o existente em referência do futuro. Na sua feição clássica, esta pintura nos oferece uma visão do objeto como se fosse eterno. Tudo está imóvel.



Alex Flemming
São Paulo/SP, 1954

Sem título, 1980
Gravura em metal
26 x 39 cm





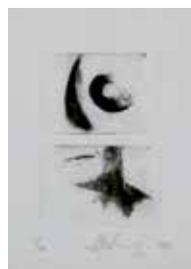
Alex Flemming

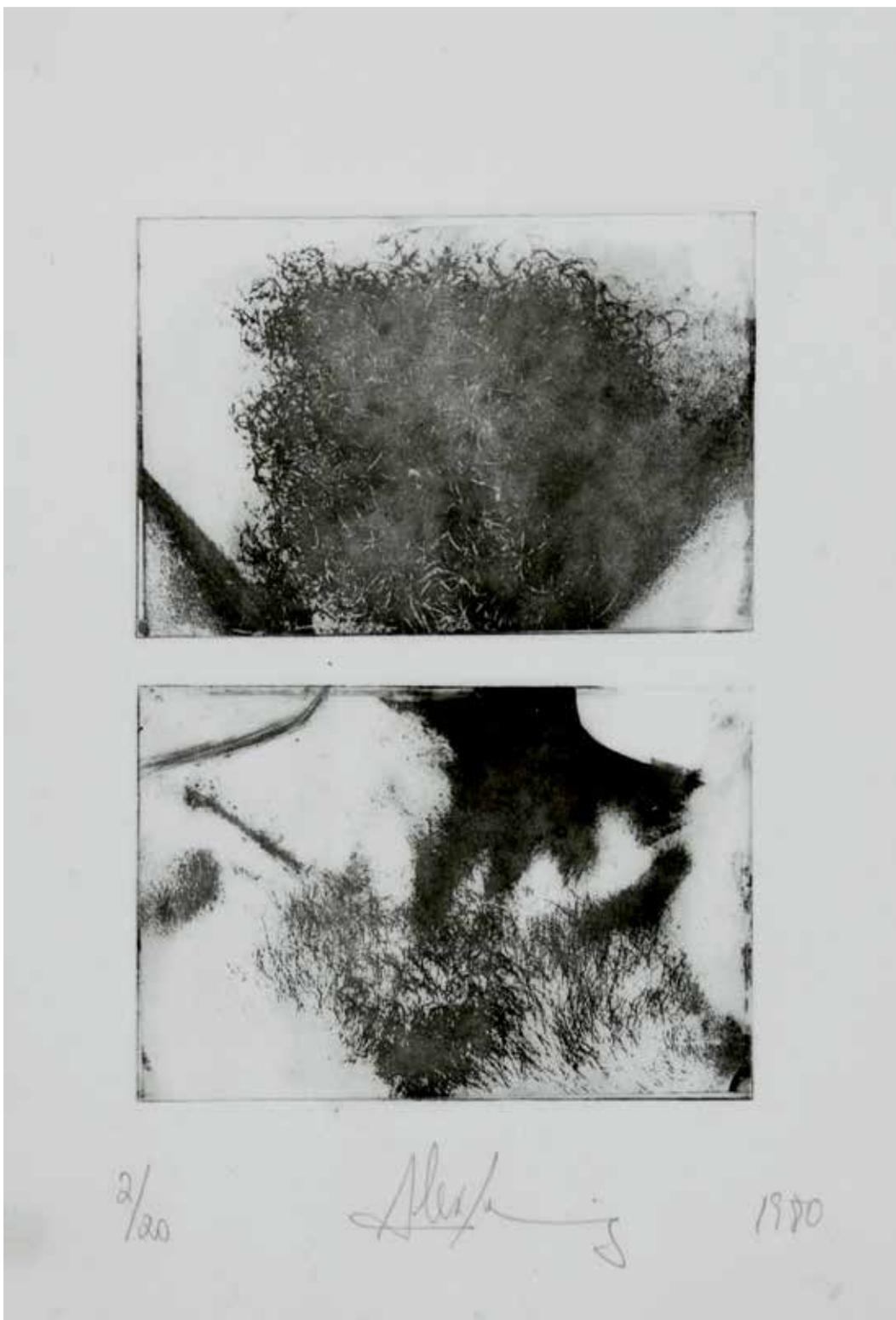
São Paulo/SP, 1954

Sem título, 1980

Gravura em metal

26 x 39 cm





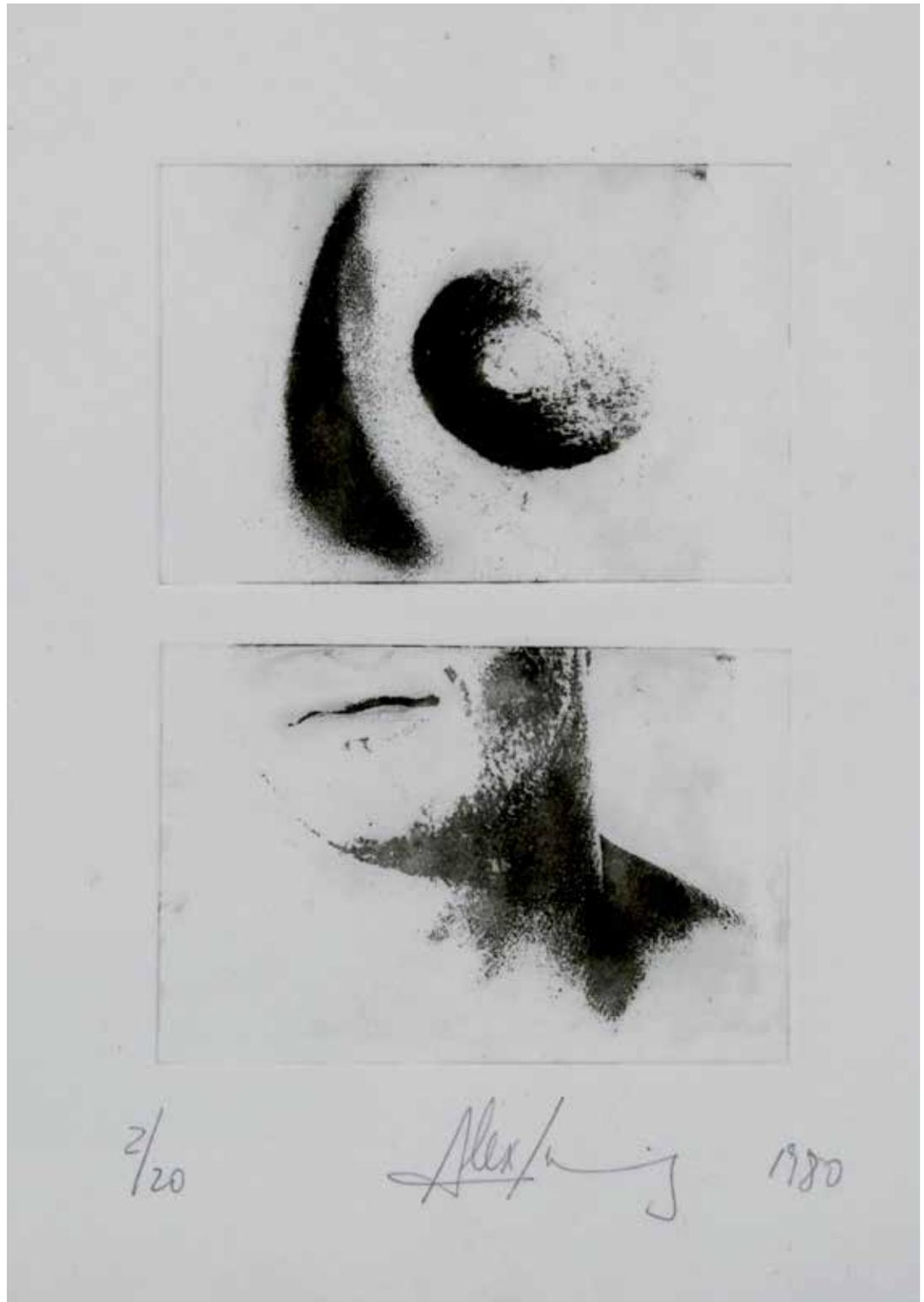
Alex Flemming
São Paulo/SP, 1954

Sem título, 1980
Gravura em metal
39 x 26 cm



Alex Flemming
São Paulo/SP, 1954

Sem título, 1980
Gravura em metal
26 x 39 cm



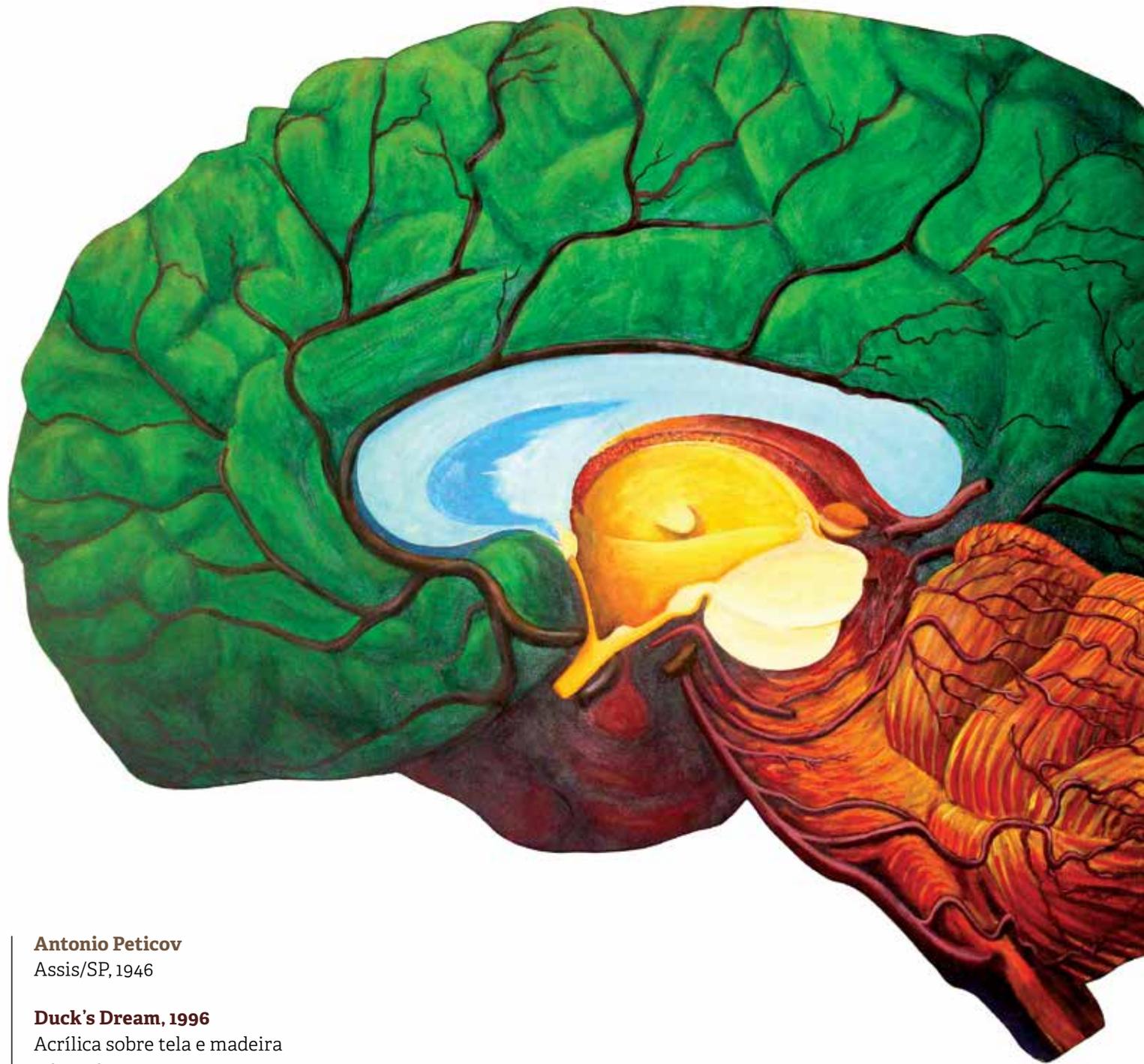
Alex Flemming
São Paulo/SP, 1954

Sem título, 1980
Gravura em metal
39 x 26 cm



Aldemir Martins
Ingazeiras/CE, 1922
São Paulo/SP, 2006

Sem título, 1967
Litografia
100 x 69 cm



Antonio Peticov

Assis/SP, 1946

Duck's Dream, 1996

Acrílica sobre tela e madeira

118 x 158 cm



O onírico como estética

G.A.P. Pintor, desenhista, gravador, escultor, polivalente que marca todos os seus trabalhos com o realismo e a inquietação de quem tem a respiração cósmica. Antonio Peticov torna o que seria frio em vibrante e intenso. Utiliza as cores com especial refinamento perceptivo, constrói os temas e as formas com inteligência, a expressar estados oníricos e surreais. Com isso, coloca o espectador frente a frente com o infinito, como se estivesse mergulhado em uma experiência psicodélica, fantástica e intrigante.

“Duck’s Dream”, doado pelo autor à Pinacoteca da APM por ocasião de sua exposição, em 2004, é deveras interessante, forte e lisérgico, cujo título harmônico e adequado à obra, coroa o conjunto em grande estilo.



Gilberto Salvador
São Paulo/SP, 1946

Luz do Teu Dia, 1982
Óleo sobre tela
36 x 26 cm



Claudia Furlani
São Paulo/SP, 1964

Retrato Dr. Guido Arturo Palomba, 2002
Acrílica sobre tela
73 x 63 cm

Claudia Furlani

São Paulo/SP, 1964

Baile de Máscaras, 2009

Técnica mista sobre tela

100 x 100 cm

A pintora de múltiplas possibilidades

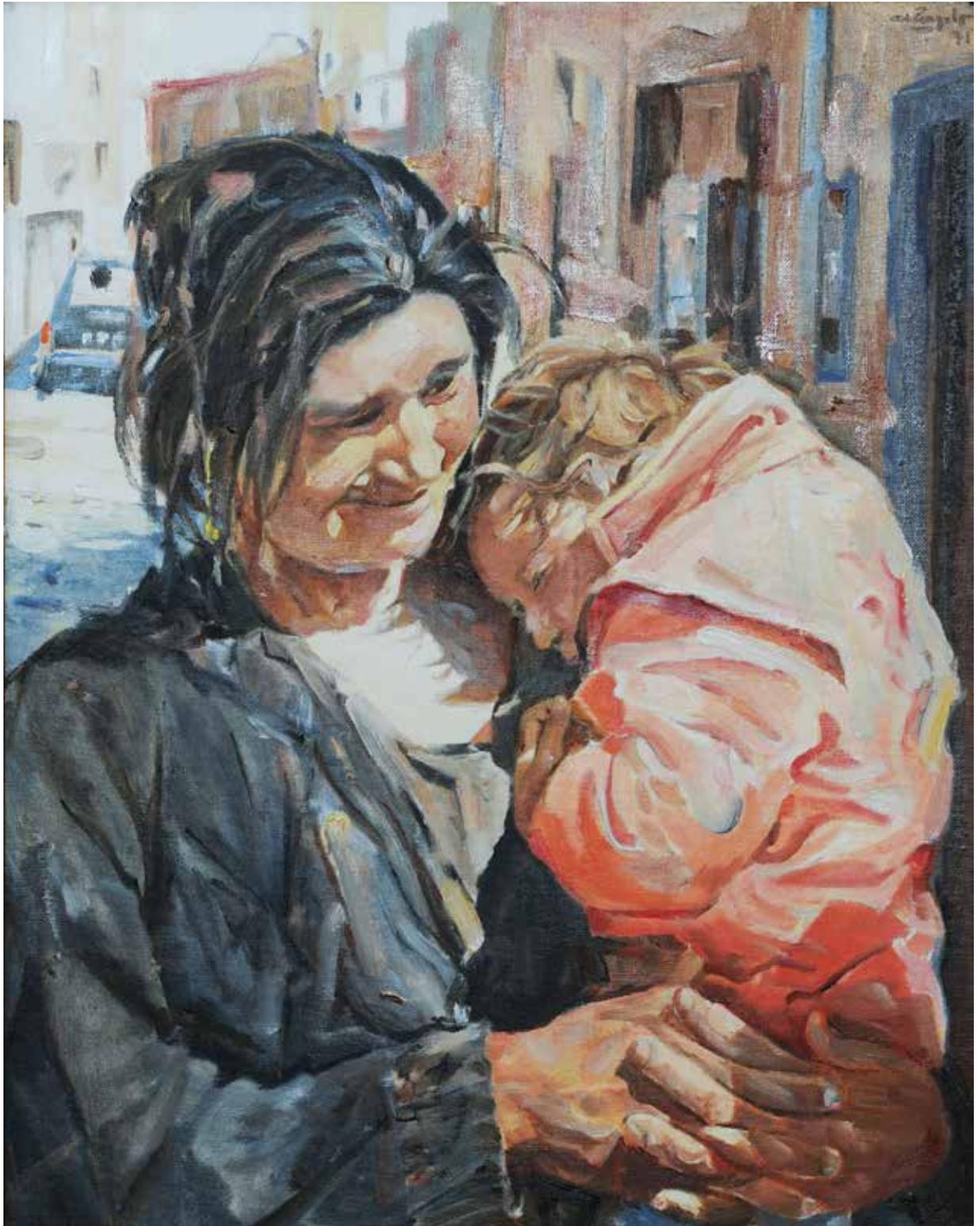
... mistério a ser desvendado, uma espécie de marca registrada de Claudia Furlani.

G.A.P. A obra “Baile de Máscaras”, doada pela artista em 2009, está envolvida em mistério a ser desvendado, uma espécie de marca registrada de Claudia Furlani.

Constante pesquisadora e experimentadora, bem como exímia na técnica da pintura, é capaz de passar de um estilo a outro, sempre à procura do conjunto ideal, no qual todas as possibilidades são consideradas, sem exceção. Atualmente enfatiza mãos, olhares e bocas, produzindo telas de grande impacto visual. São retratos de pessoas, rostos que se destacam do fundo e do contrafundo e por eles são mantidos. O belíssimo efeito Claudia obtém por meio de colagens e tintas, cujo conjunto revela características e enigmas do retratado.

Antes dessa atual fase, Claudia Furlani abraçara o ecletismo, às vezes seguindo tendências do momento; outras, procurando caminhos; e, ainda, por puro prazer em novas experimentações. Telas grandes, bem coloridas, nas quais o movimento e as múltiplas composições, em aparente mistura de elementos diversos, formam um conjunto bem decorativo, uno e coeso, intuitivamente ditado.





Adelino Ângelo

Vieira do Minho, Portugal, 1931

Mãe Cigana, 1971

Óleo sobre tela

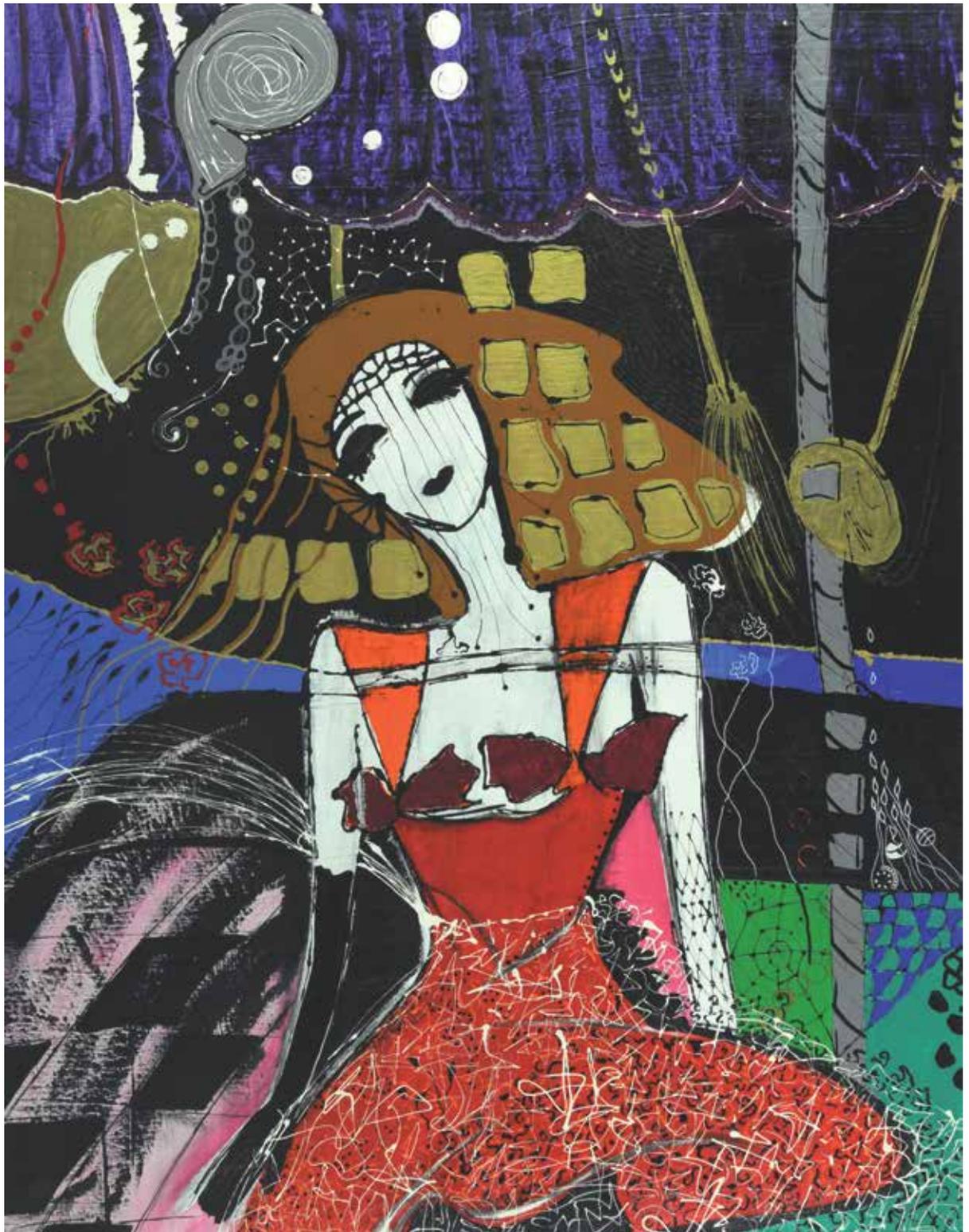
51 x 41 cm

O enigma do Mestre Adelino Ângelo

G.A.P. O grande Mestre Adelino Ângelo (português de nascimento, reside no Porto), o gênio da pintura contemporânea, aqui esteve em 2008, quando promoveu maravilhosa exposição, a inaugurar a Pinacoteca da APM, sala contemporânea, com cerca de 100 telas vindas de Portugal. Os que conhecem a obra do Mestre sabemos que sua grande paixão é pintar figuras andrajosas, esmoleres, desvalidas da razão: são Cristos vivos do século 21, seres anônimos que não estão pregados à cruz sacrossanta, mas às encruzilhadas da vida que os esconjurou.

*Rima as cores e ritma
movimentos em
primeiro e segundo
planos, conferindo
harmonia e melodia ao
conjunto.*

Mestre Adelino Ângelo apodera-se da alma das pessoas e a transforma em poesia e em música. Rima as cores e ritma movimentos em primeiro e segundo planos, conferindo harmonia e melodia ao conjunto. Seus retratos guardam um mistério, não de si próprios, mas do artista. Que desejara a sua própria alma ao captar a de outros? Que vira, que sentira, que intuía do retratado? Que arcano é esse do Arcângelo Mestre Adelino? Quais segredos há em seu gênio indomável que o levam a procurar figuras da miséria, pintá-las em profundidade e incessantemente? Sejam quais sejam os enigmas, Mestre Adelino Ângelo enxerga além do óbvio, de modo espontâneo. Em outras palavras, os deuses, contemporaneamente, o fecundam da mesma dádiva que fertilizou El Greco, Goya e Joaquín Sorolla y Bastida. Então, Mestre Adelino Ângelo, prenhe de igual essência, intuitivamente, torna-se o grande detentor da arte, e livremente cria. Seus mendigos, alcoólicos e loucos de todo o gênero transmudam-se em primas pinturas, da mais fina sutileza expressionista. Restabelece-se, pois, a harmonia entre os contrários: a degeneração social e o belo da arte; os farrapos humanos e a eloquência da forma; os tristes escuros da natureza degradada e a luz contra luz, nos fundos e contrafundos das telas. Mas o mistério original do Mestre Adelino Ângelo permanece intocável, insondável, impenetrável. É um gênio, simplesmente um gênio a ser estudado e visto e admirado pelas gerações que hão de vir.



Isabelle Ribot

Livarot, França, 1961

Idoru, 2008

Acrílica sobre tela

190 x 150 cm

As percepções compostas

G.A.P. Então, eu digo: “ouço um grande sino”. Ora, como chegou o meu ouvido a conhecer a natureza e o tamanho do objeto sonoro? A sensação causada em meu ouvido, quando um grande sino ressoou na vizinhança imediata, percebeu o seu objeto próprio, a saber, o som grave com determinado timbre; ao mesmo tempo a minha vista mediu as dimensões do objeto sonoro e os dois dados acabaram por se associar na minha sensopercepção. Assim, pude concluir do som que ouço o tamanho do sino que não vejo. É a percepção composta. A obra pictórica de Isabelle Ribot, em dado momento, causa esse tipo de fenômeno psíquico: seus quadros são perfumados! Exalam fragrâncias que saem do conjunto dos verdes, vermelhos, lilases, azuis, matizes cromáticas que se tornam aromáticas nos fundos e contrafundos.

Veja-se, por exemplo, a realidade formal e cromática do quadro do acervo da APM: enigmaticamente denominado “Idoru” (nome atribuído pela artista — inconscientemente um autorretrato?), está em meio a ambiente de complexa sofisticação, fragmentado em dezenas de segmentos, a conformar o primeiro com os segundos planos, em uma deliberada ambiguidade, repleta de sensualidade, eminentemente expressiva. São cores em frêmito e traços que vibram juntos e livremente, a expressar percepções e sentimentos, de maneira intensa e direta. Isabelle Ribot, nascida na França, na linda Normandia, viveu em Paris e há 15 anos mora em São Paulo.

Boris Arrivabene

São Paulo/SP, 1922
Avaré/SP, 2000

Parto I, 1971/1972

Óleo sobre tela
180 x 130 cm

A Medicina inspira a arte

G.A.P. Médico, obstetra, cirurgião e artista plástico, seus trabalhos, com muita frequência, trazem como temática fatos da Medicina, como se verá no maravilhoso tríptico Parto I, II e III, em cuja obra, à maneira cubista, retrata os personagens em três dimensões, retorcendo, compondo e recompondo formas, dando-lhes movimento e volume. Era também um grande gravador, que dominava muito bem a técnica da água-tinta e da água-forte. Bom exemplo disso observa-se na série Carnaval, produzida ao longo de mais de quinze anos. Boris Arrivabene foi um grande parceiro da APM e ligado ao seu Departamento Cultural.





Boris Arrivabene

São Paulo/SP, 1922 – Avaré/SP, 2000

Parto II, 1971/1972

Óleo sobre tela

130 x 180 cm



Boris Arrivabene
São Paulo/SP, 1922
Avaré/SP, 2000

Parto III, 1970/1971
Óleo sobre tela
180 x 130 cm



Boris Arrivabene

São Paulo/SP, 1922 – Avaré/SP, 2000

Carnaval I, 1975

Gravura em metal

33,2 x 48,5 cm



1975



1982



1985



1986



Boris Arrivabene

São Paulo/SP, 1922

Avaré/SP, 2000

Carnaval II, 1982

Gravura em metal

48,2 x 33 cm



1987



1988



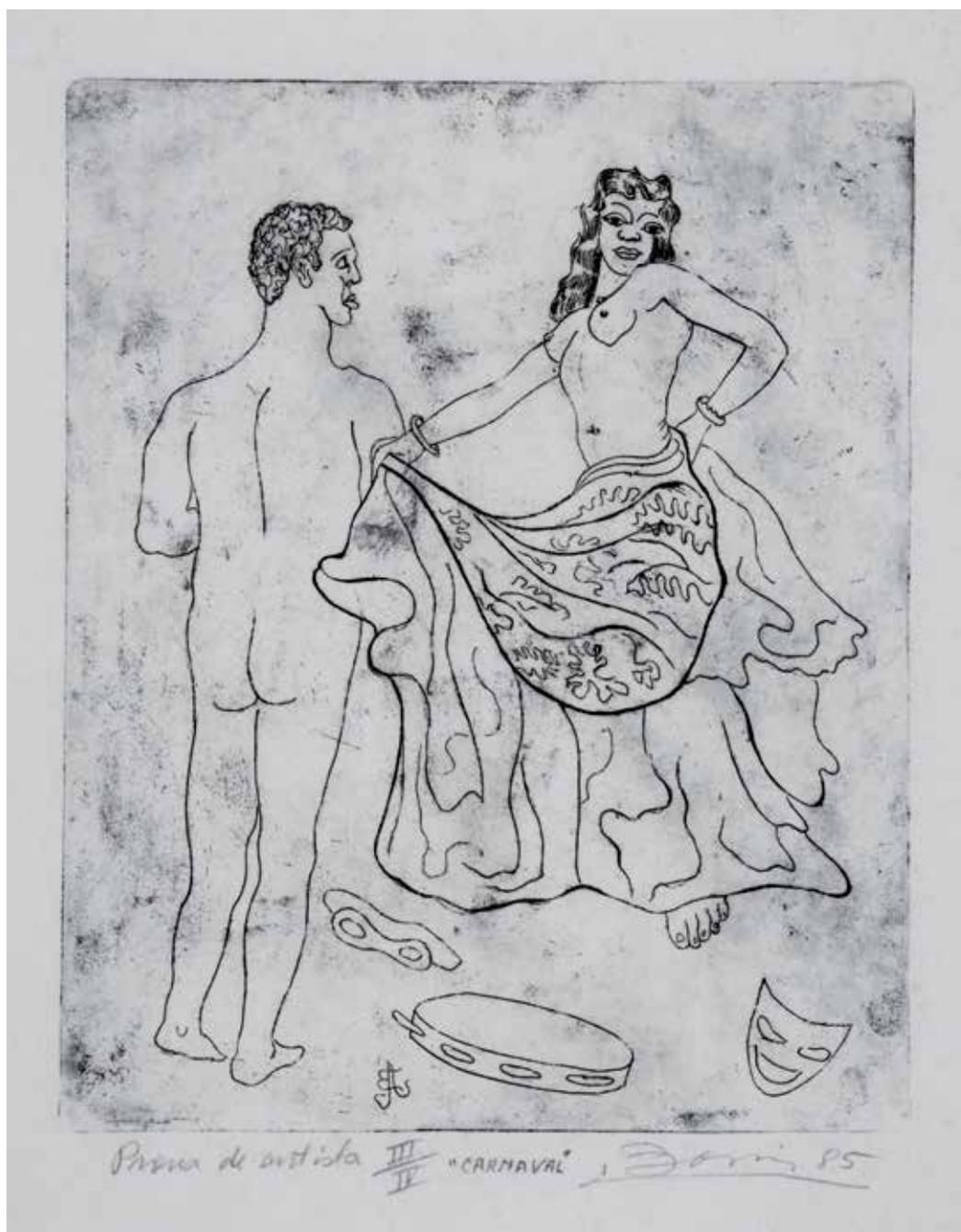
1989



1990



1991



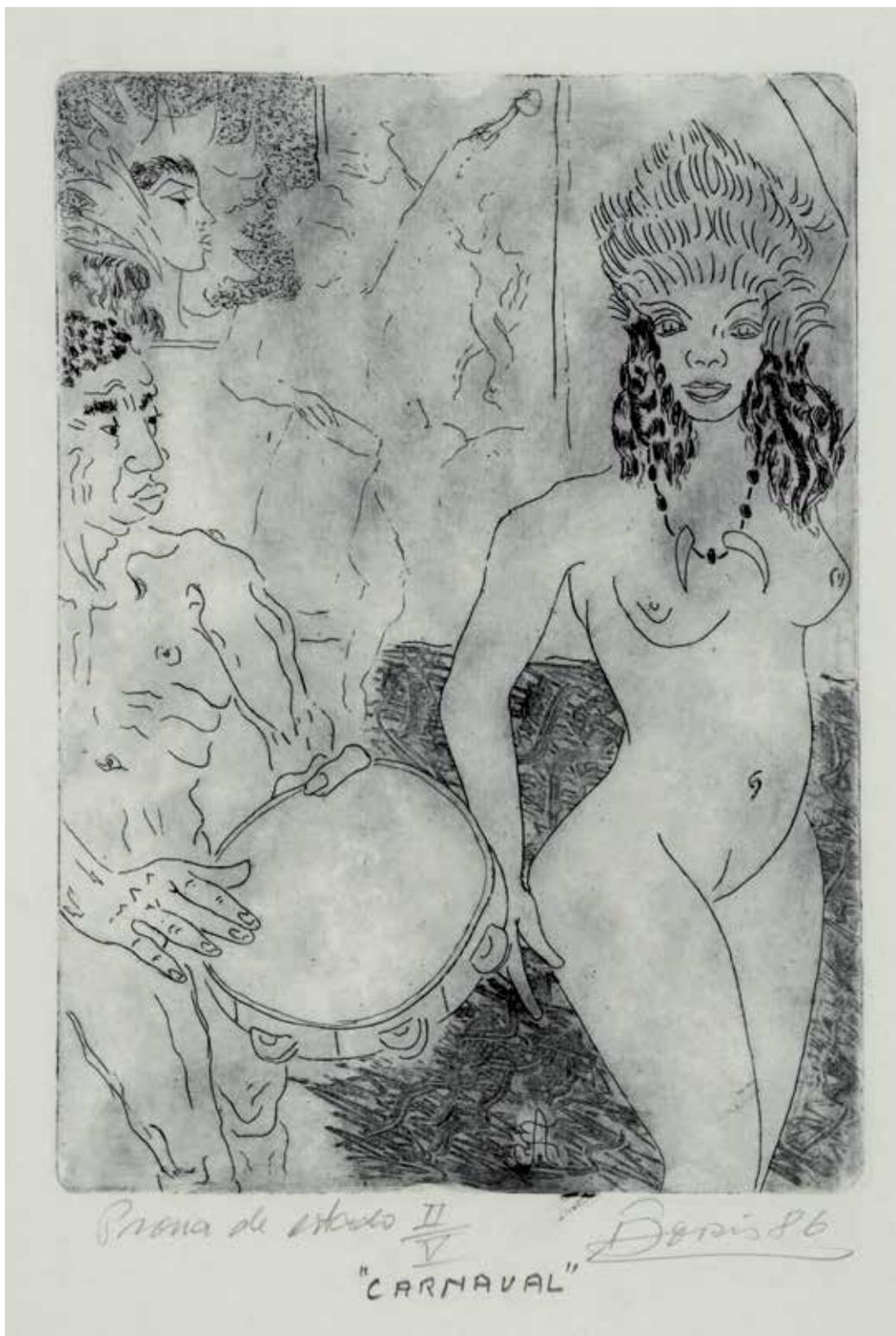
Boris Arrivabene

São Paulo/SP, 1922 – Avaré/SP, 2000

Carnaval III, 1985

Gravura em metal

49,8 x 35,1 cm



Boris Arrivabene
São Paulo/SP, 1922
Avaré/SP, 2000

Carnaval IV, 1986
Gravura em metal
33,1 x 29,7 cm



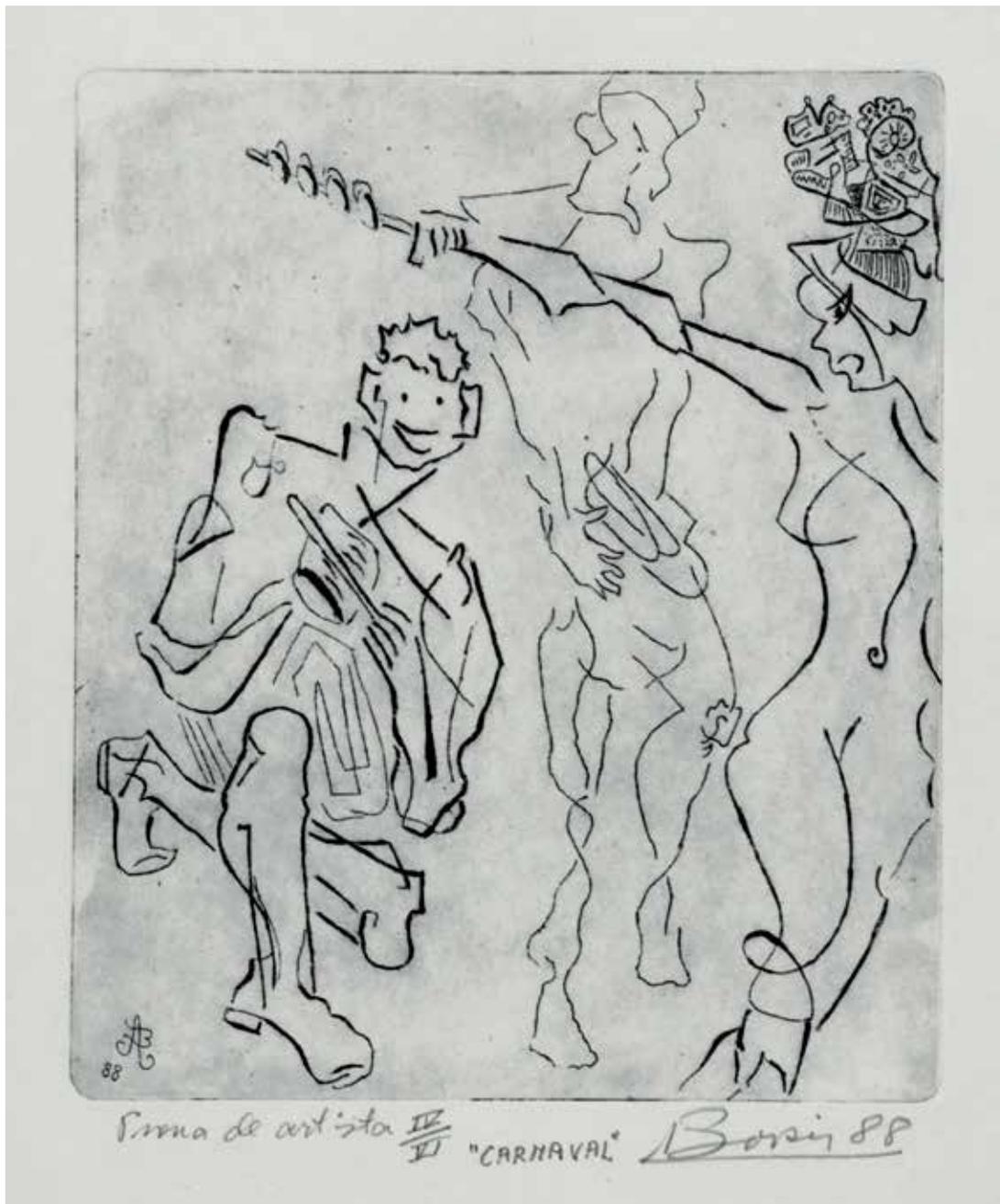
Boris Arrivabene

São Paulo/SP, 1922 – Avaré/SP, 2000

Carnaval V, 1987

Gravura em metal

33 x 47,9 cm



Boris Arrivabene

São Paulo/SP, 1922 – Avaré/SP, 2000

Carnaval VI, 1988

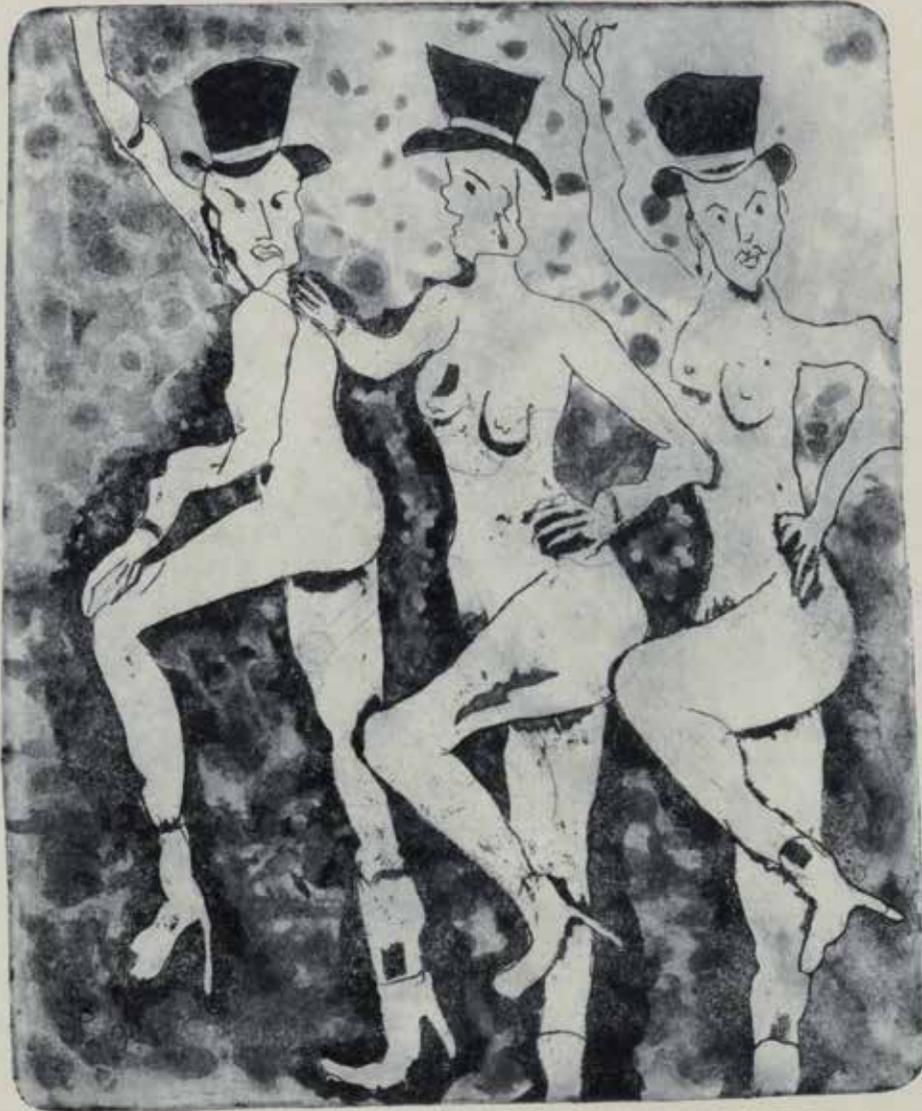
Gravura em metal

33,3 x 27,5 cm



Boris Arrivabene
São Paulo/SP, 1922
Avaré/SP, 2000

Carnaval VII, 1989
Gravura em metal
33,3 x 25,1 cm



5/6 "Carnaval" Boris 90

Boris Arrivabene
São Paulo/SP, 1922
Avaré/SP, 2000

Carnaval VIII, 1990
Gravura em metal
33 x 24 cm



Boris Arrivabene
São Paulo/SP, 1922
Avaré/SP, 2000

Carnaval IX, 1991
Gravura em metal
28 x 19,3 cm



Boris Arrivabene

São Paulo/SP, 1922 – Avaré/SP, 2000

Sauna, 1989

Gravura em metal

33 x 48,4 cm



Boris Arrivabene

São Paulo/SP, 1922 – Avaré/SP, 2000

Violões, 1990

Óleo sobre tela

40 x 50 cm



Boris Arrivabene

São Paulo/SP, 1922 – Avaré/SP, 2000

Composição, 1991

Óleo sobre tela

85 x 68 cm



Antonio Carelli
Capivari/SP, 1926

Sem título, 1981
Aquarela sobre papel
60 x 45 cm



Adelino Ângelo
Vieira do Minho, Portugal, 1931

Paisagem Apúlia, 2009
Óleo sobre tela
50 x 69 cm







Anapana

São Paulo/SP, 1953

Família Pássaros, 2009

Acrílica sobre tela
95 x 160 cm

Explorando a alegria

G.A.P. Anna Maria Martins Ferreira, esse o seu nome de batismo, trabalha a sensação e a imaginação com humor, explorando, magistralmente, a alegria e a aventura, que se transformam, por meio de técnica apurada, em belas imagens visuais. Simpaticíssima pessoa, é uma das mais queridas e talentosas artistas plásticas no circuito das artes de São Paulo.

Interessante notar que Anapana foi nome dado por Carlito Maia porque a artista usava muito tecido em seus trabalhos, suporte que é utilizado ainda hoje e com muita frequência. Assim, tesouras, linhas, agulhas, bem como tintas e pincéis, muitos, não mingam em seu *atelier*.



Ju Côrte Real

Campinas/SP, 1949 – São Paulo/SP, 2012

Anjo, 1997

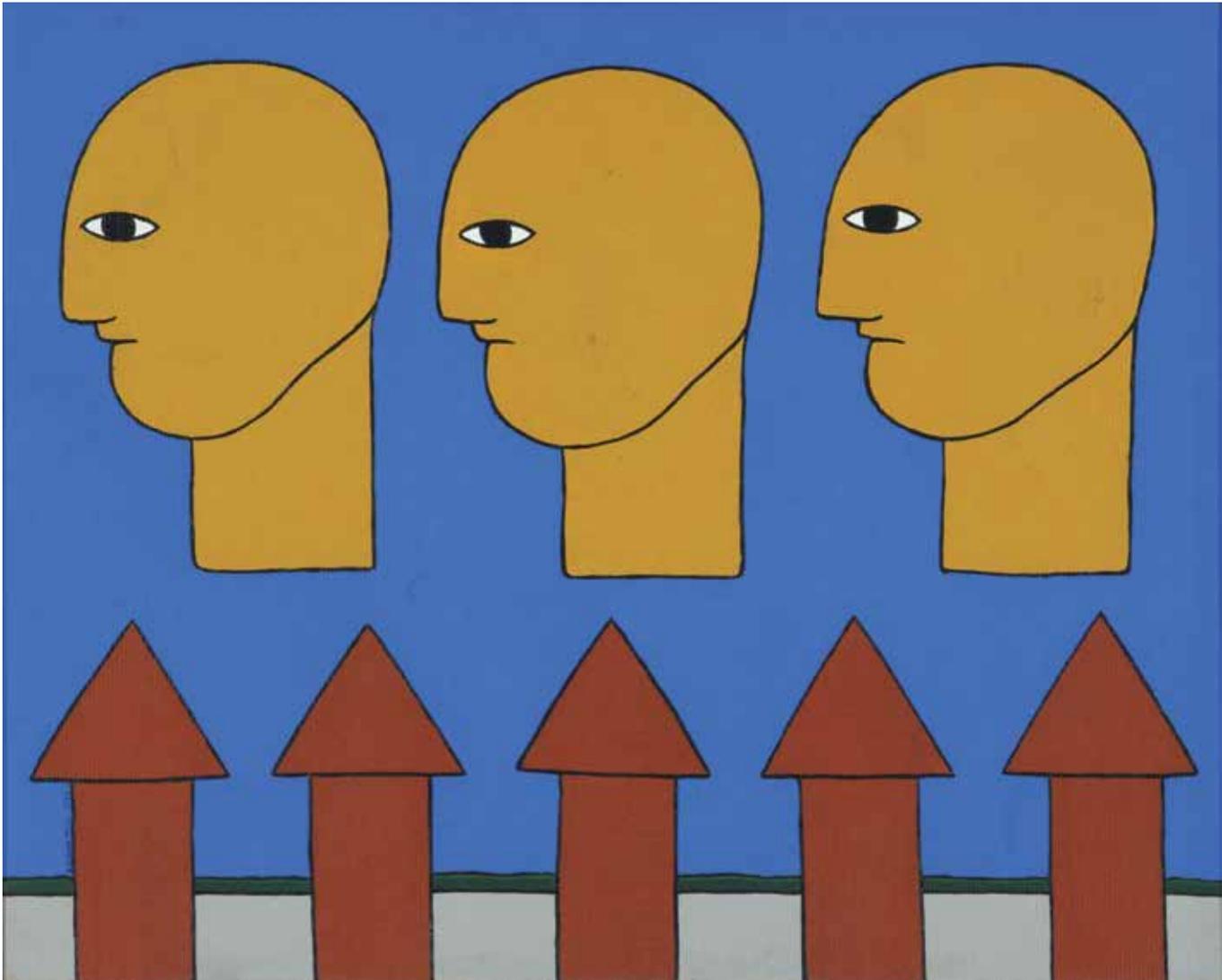
Acrílica sobre tela

112 x 112 cm



Anatol Wladislaw
Varsóvia, Polônia, 1913
São Paulo/SP, 2004

Sem título, 1979
Óleo sobre tela
21 x 14 cm



Antonio Maia

Carmópolis/SE, 1928 – Rio de Janeiro/RJ, 2008

Ex-votos, 1980

Acrílica sobre tela

33 x 41 cm



Raphael Galvez
São Paulo/SP, 1907
São Paulo/SP, 1998

Fantasia, 1959
Óleo sobre tela
46 x 37,5 cm



Raphael Galvez

São Paulo/SP, 1907 – São Paulo/SP, 1998

Paisagem Misteriosa, 1946

Óleo sobre papelão

34 x 46 cm



Heloisa Pomfret
São Paulo/SP, 1952

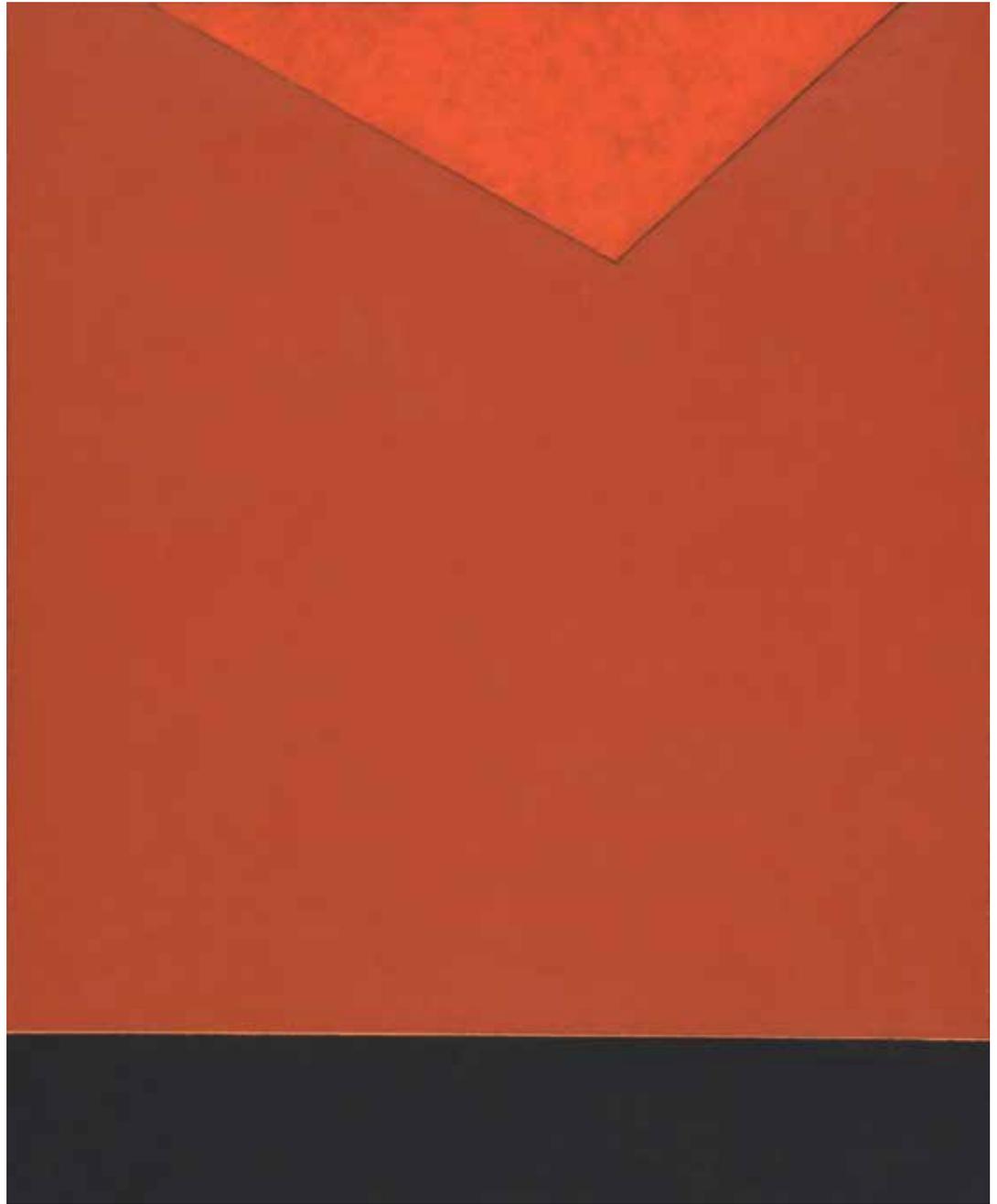
Sem título, 2007
Óleo sobre papel
72 x 71 cm

Luz e tridimensionalidade

*O ser humano é, para
ela, prima obra da
natureza, composto de
corpo e de mente.*

G.A.P. Heloisa Pomfret, nascida em São Paulo, reside há muitos anos nos Estados Unidos. Dotada de grande sensibilidade, utiliza a psicologia e a filosofia no transfundo de seus trabalhos. O ser humano é, para ela, prima obra da natureza, composto de corpo e de mente. Abstrata sua arte, conta-nos que as criações nascem de reflexões sobre o universo do trauma e seus conceitos filosóficos e psicológicos. Sob o nome de “Testemunha do Inconsciente” promoveu interessantíssima exposição na Pinacoteca da APM (maio de 2007), mostrando seus trabalhos pela primeira vez no Brasil, seu país natal.

As técnicas utilizadas por Heloisa Pomfret são variadas. Esta obra, doada à APM por ocasião da exposição, inicia-se com a meticulosa imprimação da tela e aplicação de várias camadas de tinta; a seguir, vem a escarificação da superfície, criando intrigantes imagens que nos dão a sensação visual-tátil do áspero e do macio ou, em outras palavras e de modo interpretativo, a artista usa da sизígia entre os polos contrários para expor o trauma e alinhar soluções. Assim, sutilmente, esconde e revela, com uma constante: seus trabalhos são repletos de luminosidade e nos dão, conforme a luz incide, a sensação de tridimensionalidade.



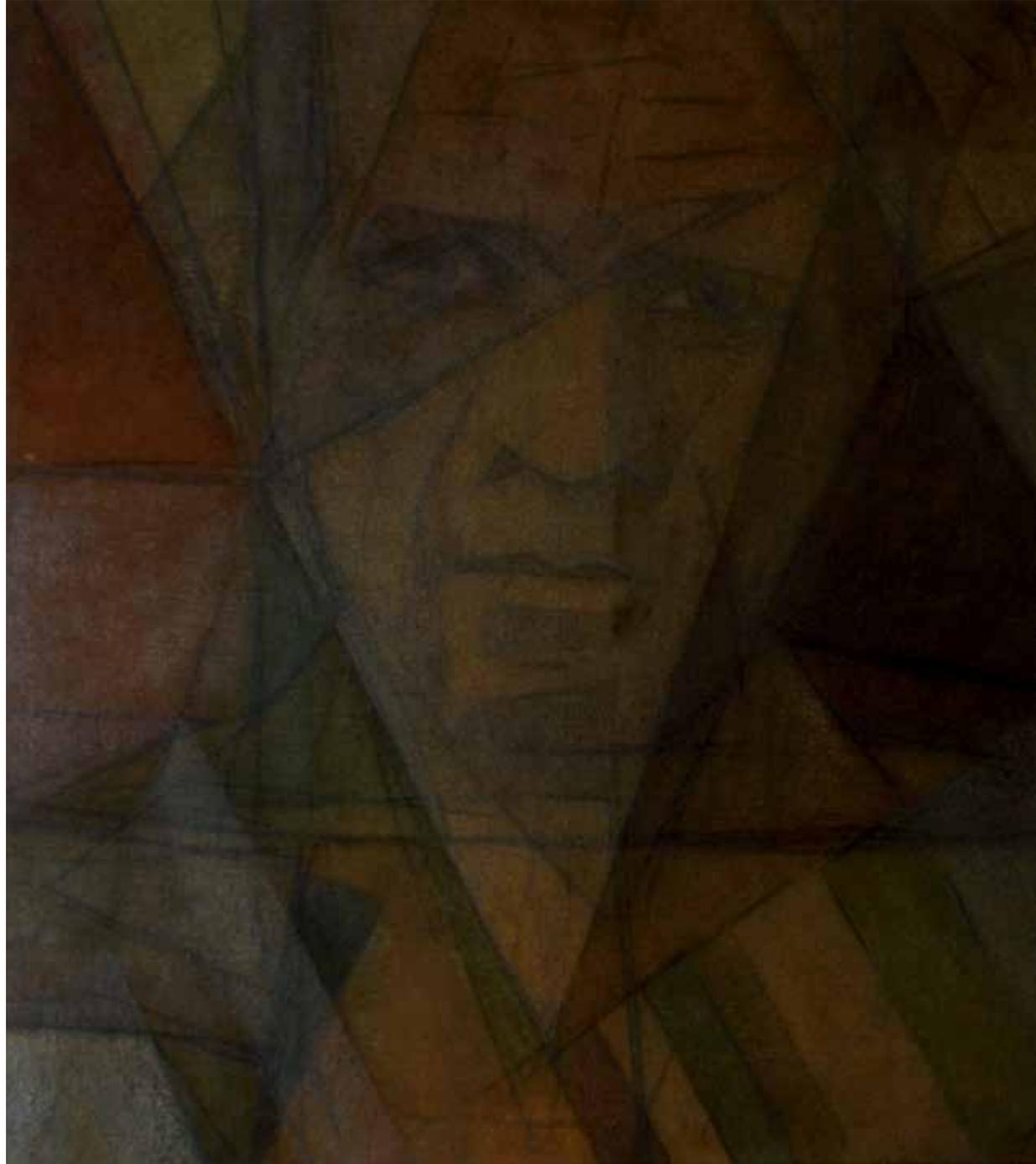
Nelson Folino Proença
São Paulo/SP, 1958

Recorte I, 2004
Óleo sobre tela
50 x 40 cm



José Toledo Piza Lourenço Júnior
São Paulo/SP, 1945 – São Paulo/SP, 1997

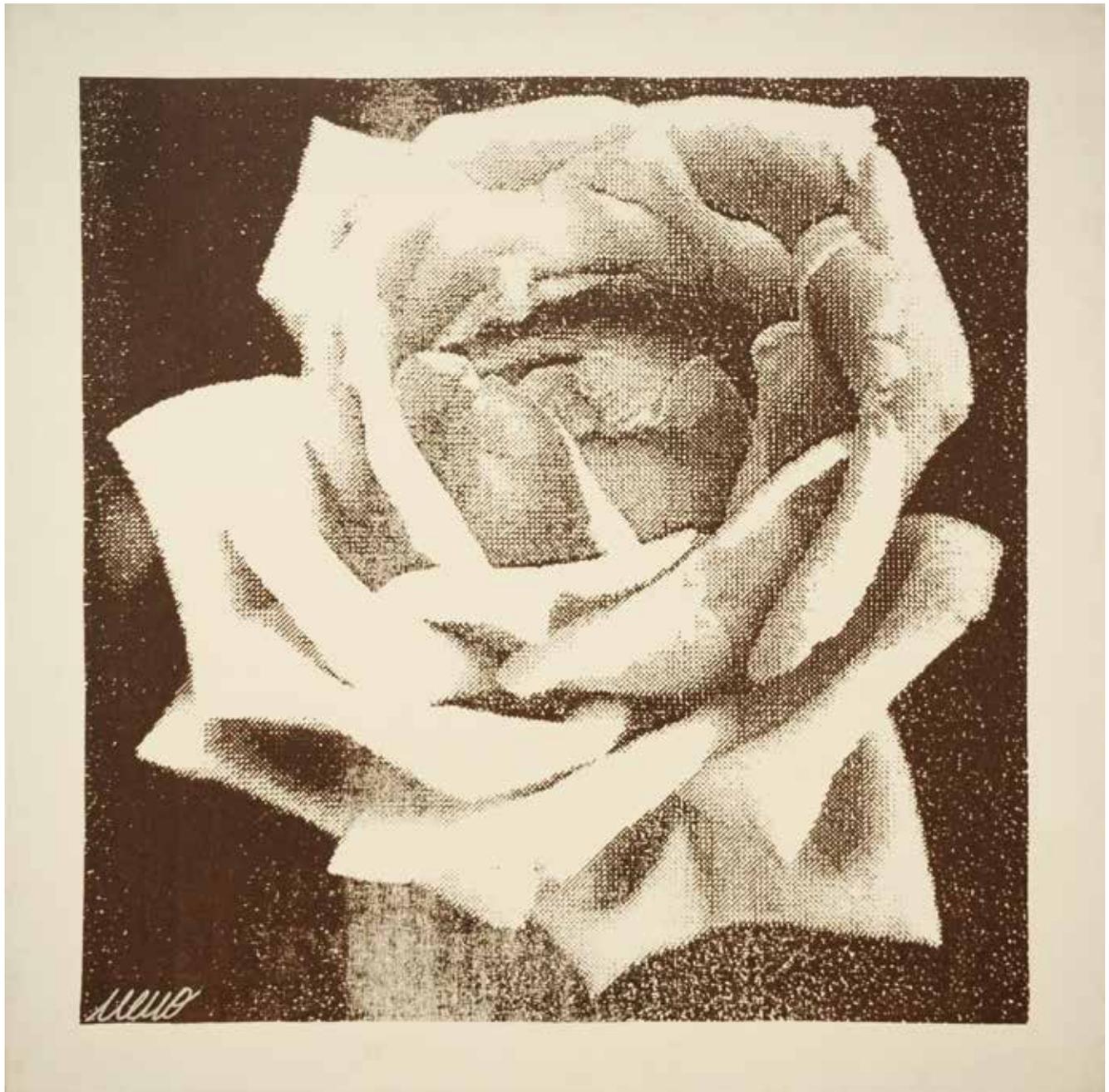
Sem título, 1990
Técnica mista
100,5 x 100,5 cm



Rubens Vaz Ianeli
São Paulo/SP, 1953

Sem título, 1990
Óleo sobre tela
120 x 62 cm





Neno Ramos
São Paulo, 1960

Brown Rose, 2004
Acrílica sobre tela
100 x 100 cm



Antonio Fernández

Goián, Espanha, 1882 – Goián, Espanha, 1970

Rosas das Roseiras do Eido, 1953

Óleo sobre tela

48 x 40 cm



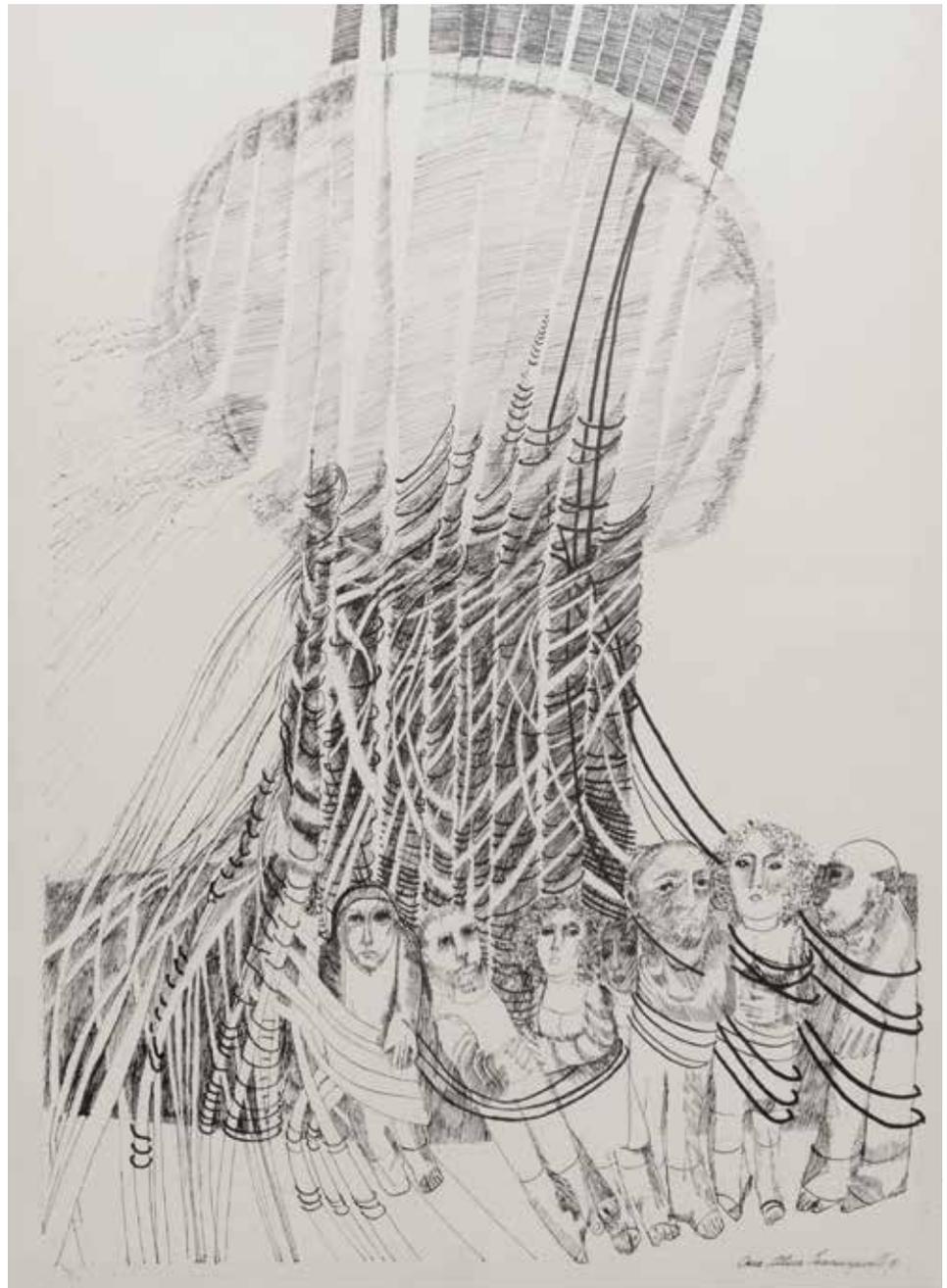
Kenji Fukuda
Indiana/SP, 1943

Sem título, 1989
Serigrafia
70 x 70 cm



Kenji Fukuda
Indiana/SP, 1943

Sem título, 1989
Serigrafia
77 x 70 cm



Ana Alice Francisquetti

São Paulo/SP, 1940

Sem título, 1981

Bico de pena

47 x 34 cm



Ana Alice Francisquetti

São Paulo/SP, 1940

Titulável Segundo a Consciência, 1983

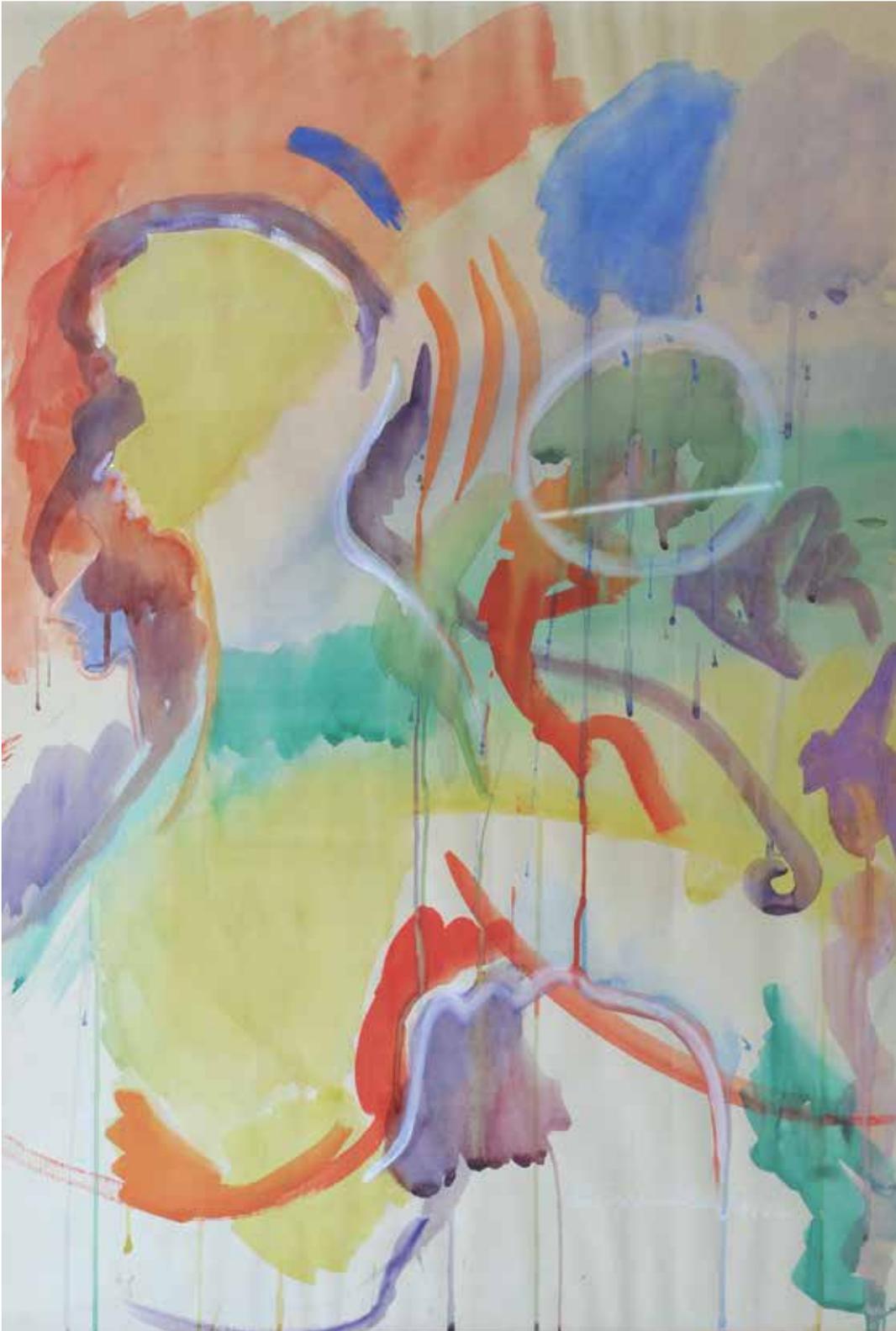
Gravura em metal

39,5 x 29,5 cm



Lourdes Cedran
Valinhos/SP, 1930

Sem título, 1983
Técnica mista sobre papel
70 x 50 cm



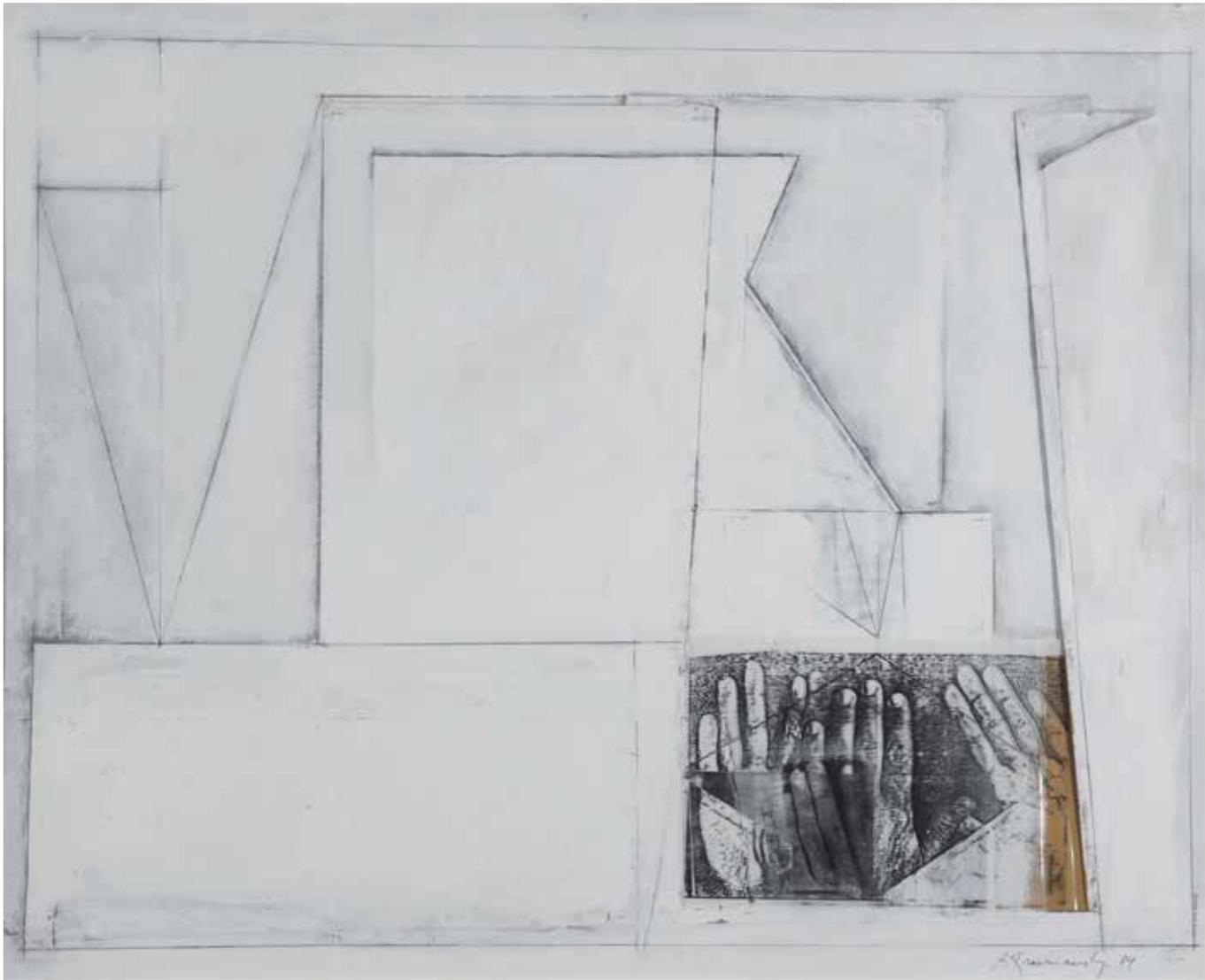
Sara Goldman Belz
São Paulo/SP, 1940

Para André, 1982
Aquarela
100 x 70



Alcindo Moreira Filho
Caconde/SP, 1950

Sem título, 1978
Técnica mista sobre papel
68 x 49 cm



Bernardo Krasniansky
Assunção, Paraguai, 1951

Geometrias, 1984
Fotocópia e desenho sobre papel
80 x 100 cm



Lucia Py

Rio de Janeiro/RJ, 1943

Série Nós, 1977

Óleo sobre tela

40 x 50 cm



Lucia Py

Rio de Janeiro/RJ, 1943

Sem título, 1983

Técnica mista sobre papel

32 x 46 cm

Paraná
Rua
São Paulo
1906

Amor
meu
meu
meu
meu
meu



11/20/11
SÃO PAULO





Sonia Von Brüsky

Niterói/RJ, 1941

Sem título, 1986

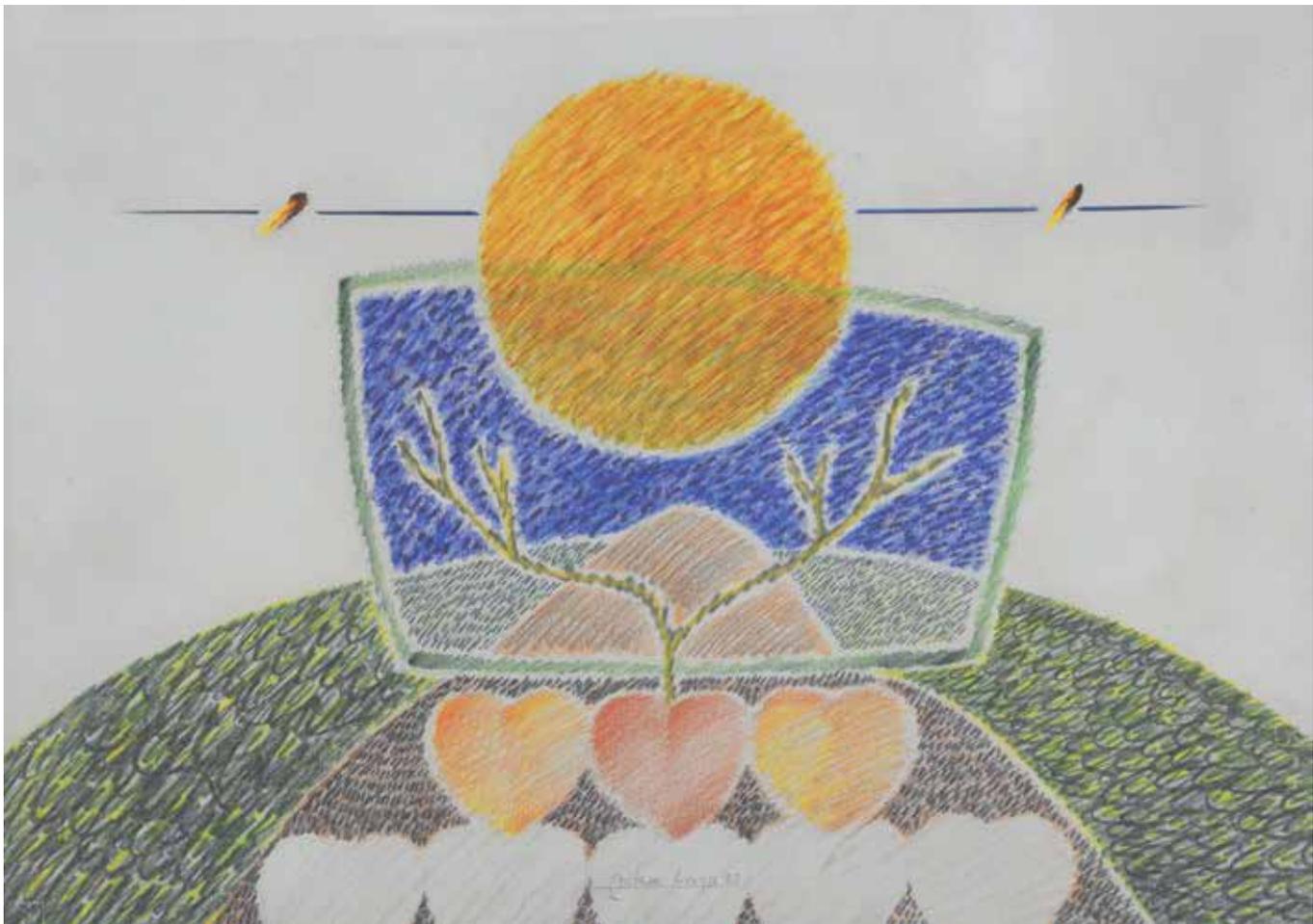
Óleo sobre tela

50 x 50 cm



Ely Bueno
Rio de Janeiro/RJ, 1923

Sem título, 1983
Pastel
23 x 30 cm



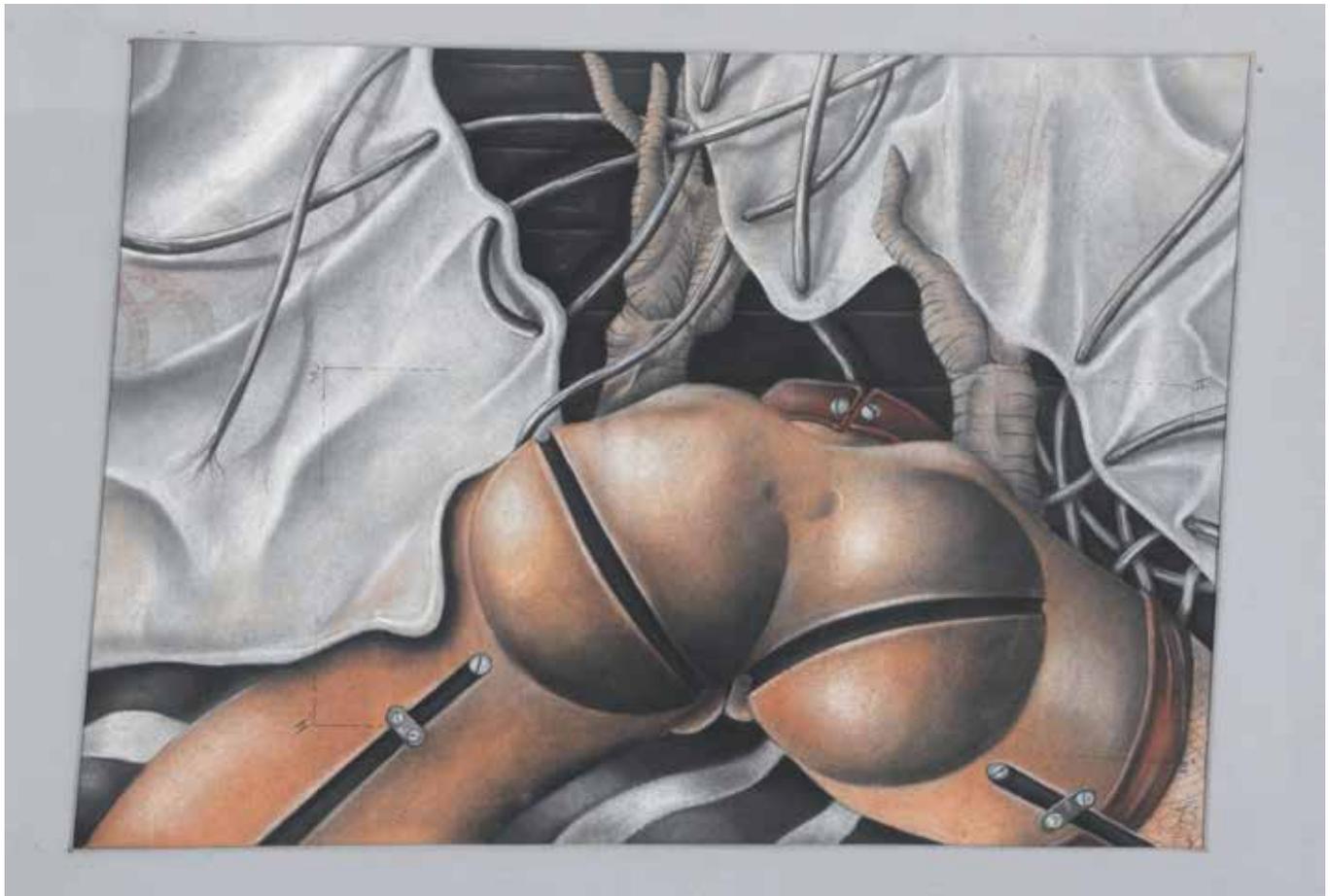
Antenor Lago

Mataripe/BA, 1950

Três Historietas del Viento, 1982

Pastel

70 x 50 cm



Horacio Rodríguez Gerpe
Buenos Aires, Argentina, 1951

Sem título, sem data

Pastel
68 x 50 cm



João Calixto
São Paulo/SP, 1922

Carnaval XXII, 1978
Bico de pena
56 x 44 cm



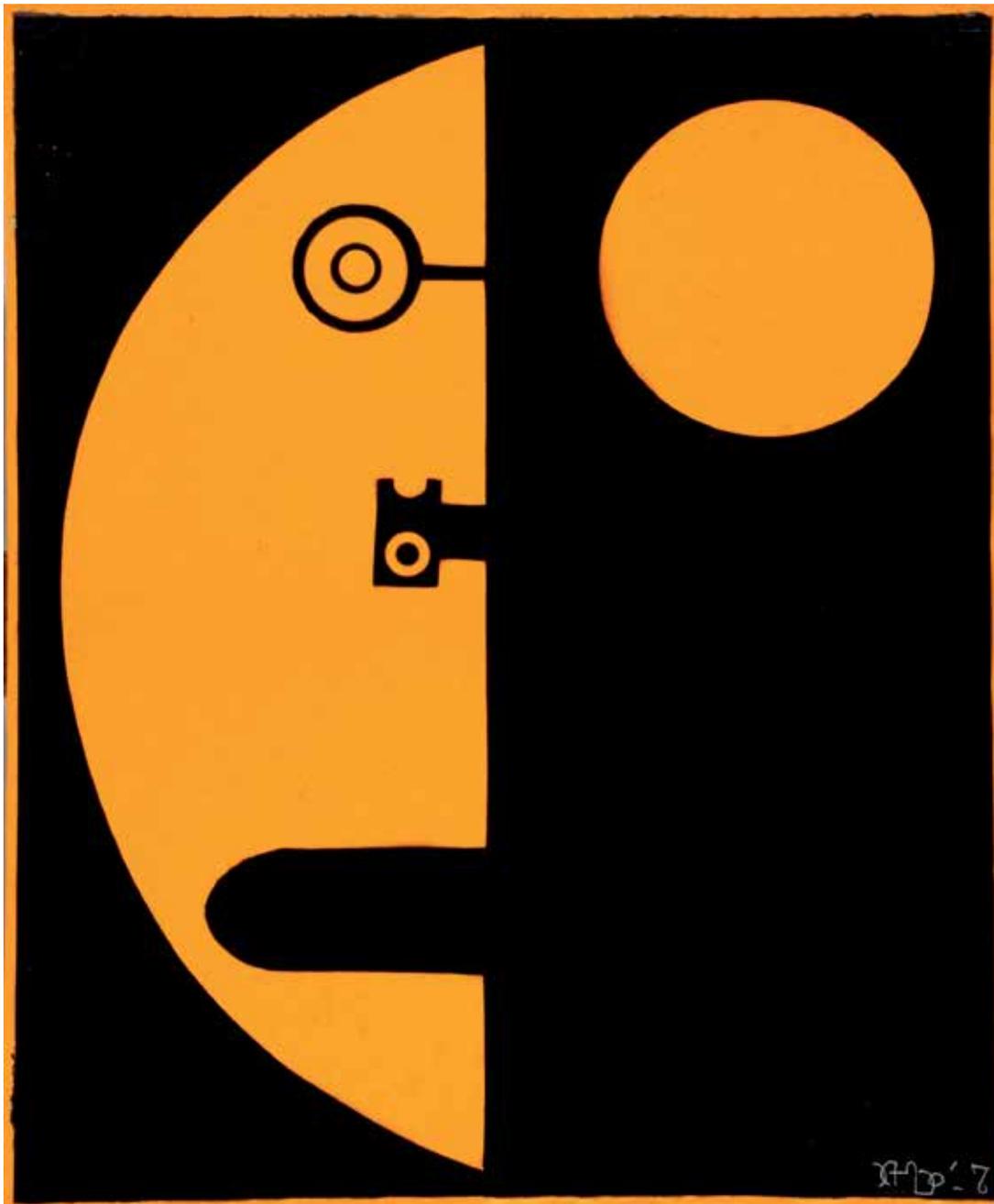
Niobe Xandó

Campos Novos Paulista/SP, 1915 – São Paulo/SP, 2010

Sem título, 1983

Acrílica sobre tela

42 x 52 cm



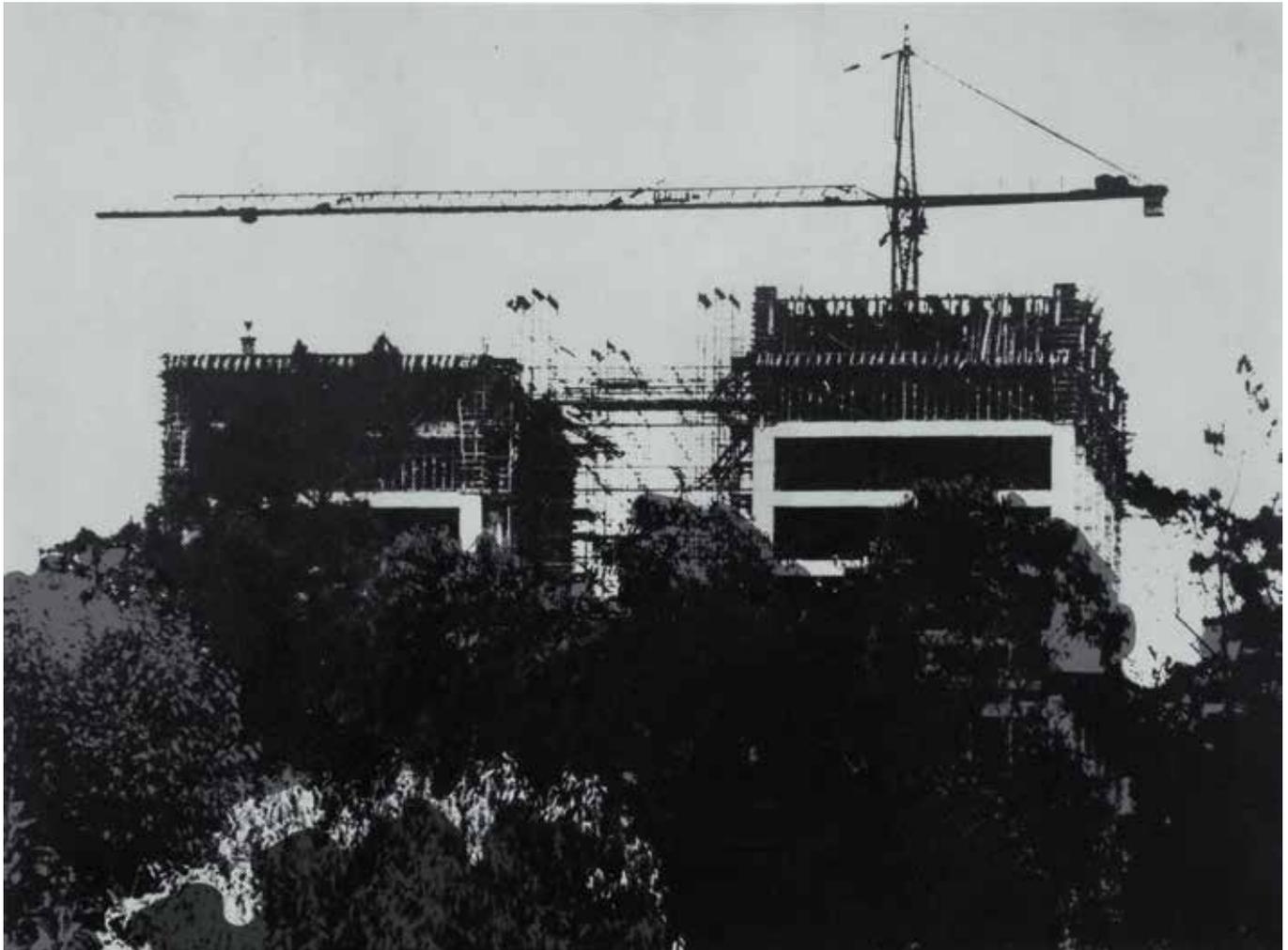
Niobe Xandó

Campos Novos Paulista/SP, 1915 – São Paulo/SP, 2010

Sem título, sem data

Spray sobre papel

30 x 50 cm



Gerty Saruê
Viena, Áustria, 1930

Sem título, 1978
Serigrafia
50 x 65 cm



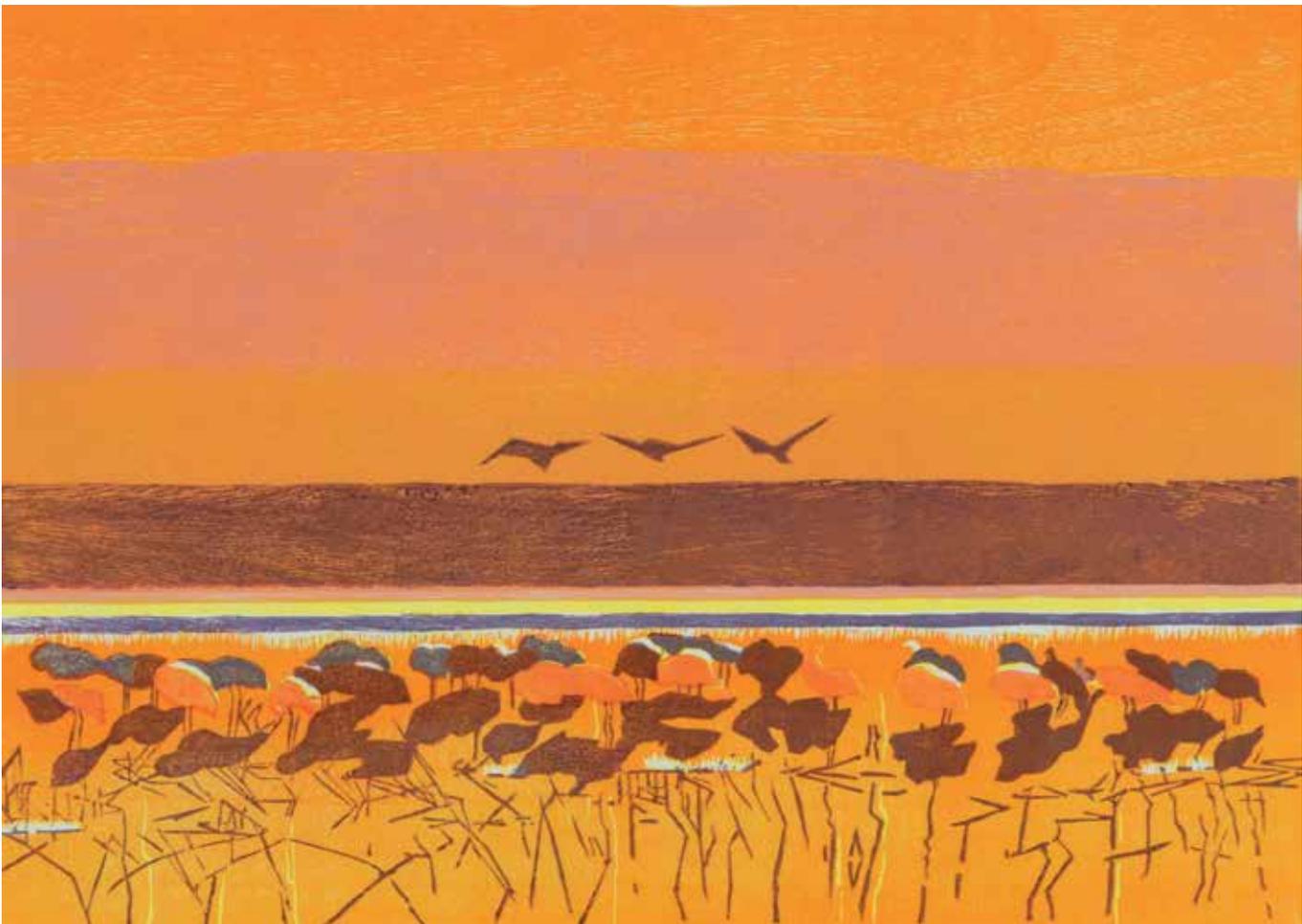
Gerty Saruê
Viena, Áustria, 1930

Sem título, 1978
Serigrafia
64 x 88 cm



Waldomiro Sant'Anna
Itápolis/SP, 1952

Depois da Chuva, 2003
Acrílico sobre tela
80 x 60 cm



Hannah Brandt

Essen, Nordrhein-Westfalen, Alemanha, 1923

Crepúsculo, 1988

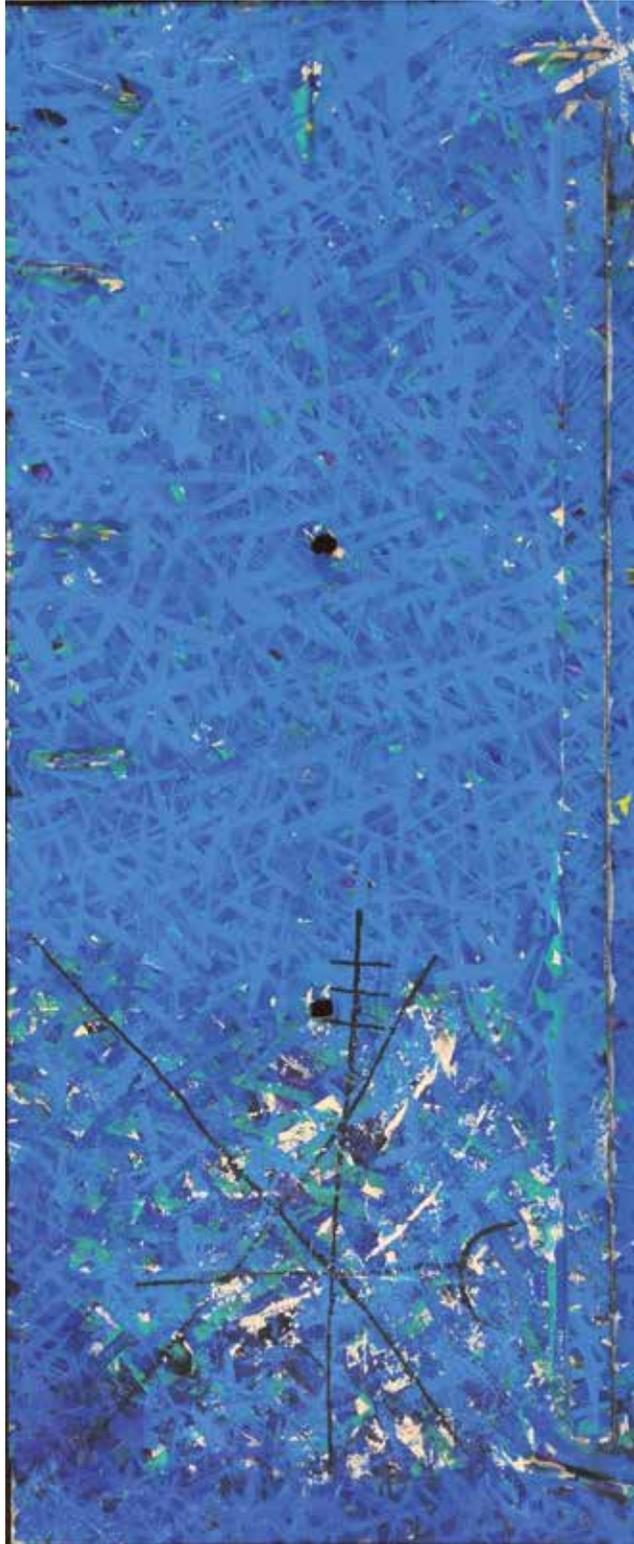
Xilogravura

50 x 70 cm



Nelson Domingos Bavaresco
Presidente Prudente/SP, 1937

Estrela Nave, 1983
Acrílica sobre tela
65 x 50 cm



José Roberto Leonel Barreto
Capão Bonito/SP, 1942

P35, 1974
Técnica mista sobre madeira
69 x 29 cm



Norberto Stori

São Joaquim da Barra/SP, 1946

Sem título, 1983

Óleo sobre tela

50 x 69 cm



João Rossi

São Paulo/SP, 1923 – São Paulo/SP, 2000

S.P. Urbana, 1986

Gravura em metal

22 x 31 cm



Barbara Schubert Spanoudis
Sachsen-Anhalt, Dessau, Alemanha, 1927

Sem título, 1979
Colagem
55 x 40 cm





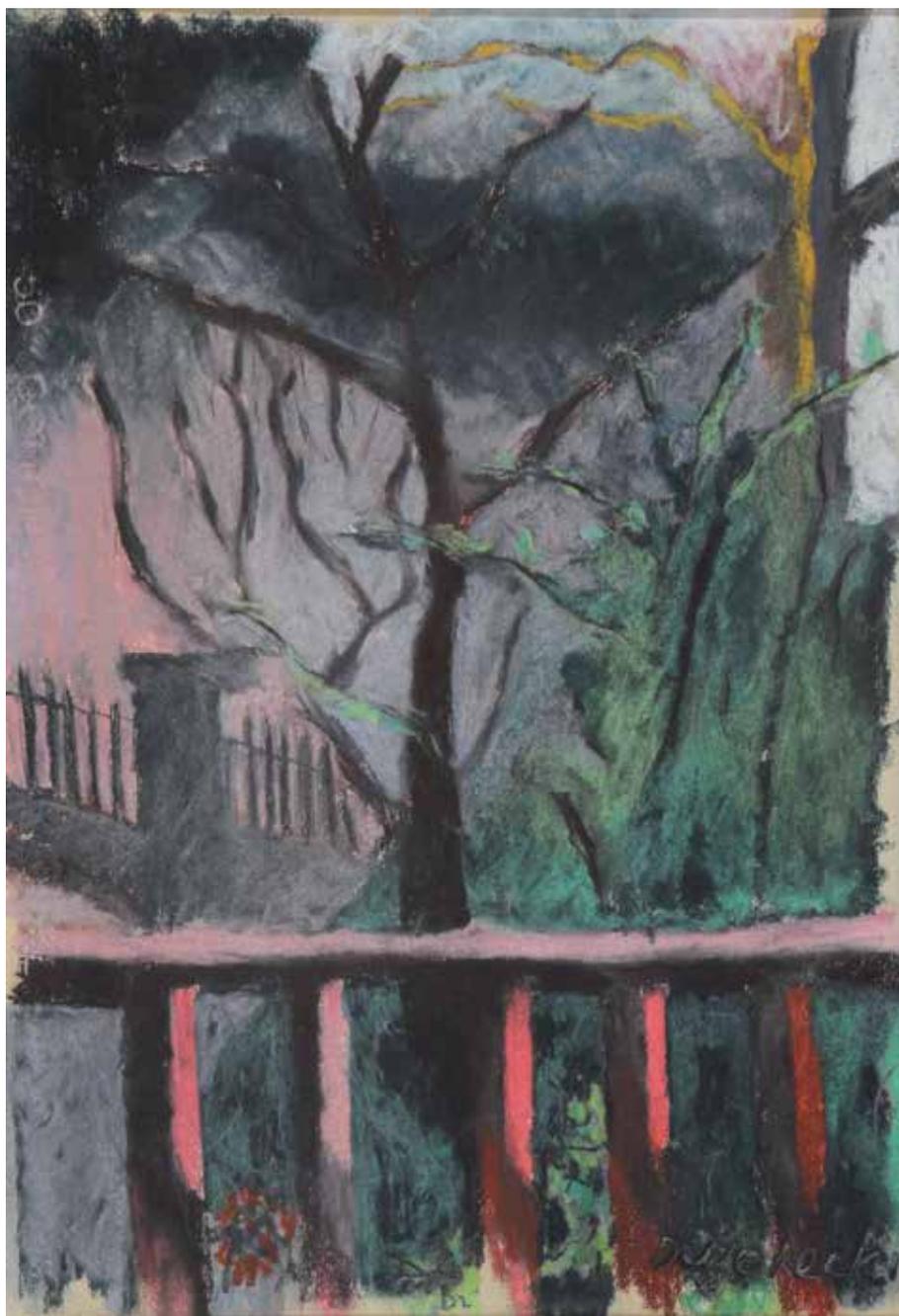
Valdeir Maciel
Bacabal/MA, 1937

Sem título, 1981
Acrílica sobre tela
60 x 60 cm



Rubem Valentim
Salvador/BA, 1922
São Paulo/SP, 1991

Sem título, 1984
Serigrafia
70 x 50 cm



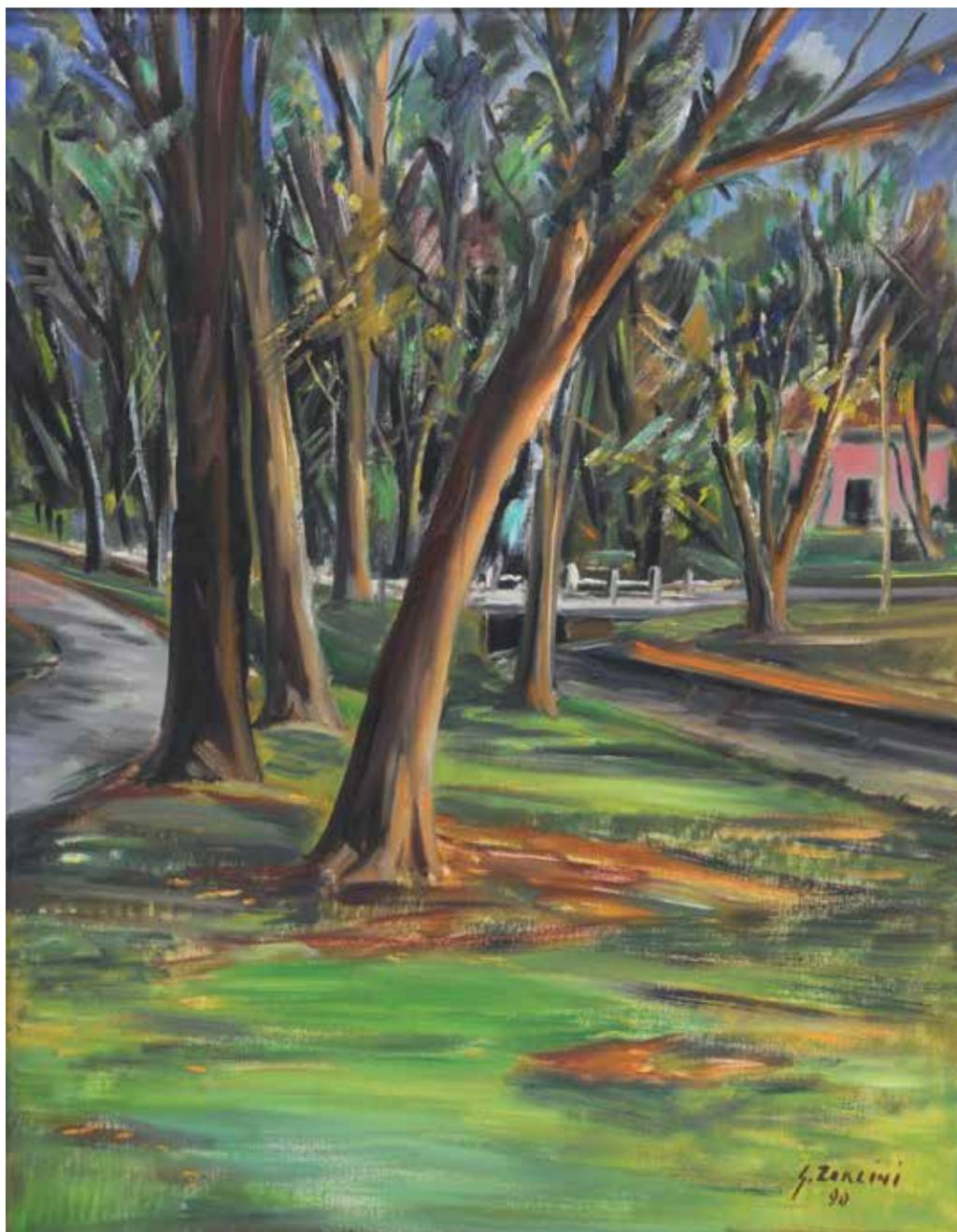
Silvio Dworecki
São Paulo/SP, 1949

Sem título, 1983
Pastel, carvão e óleo sobre cartão
48 x 33 cm



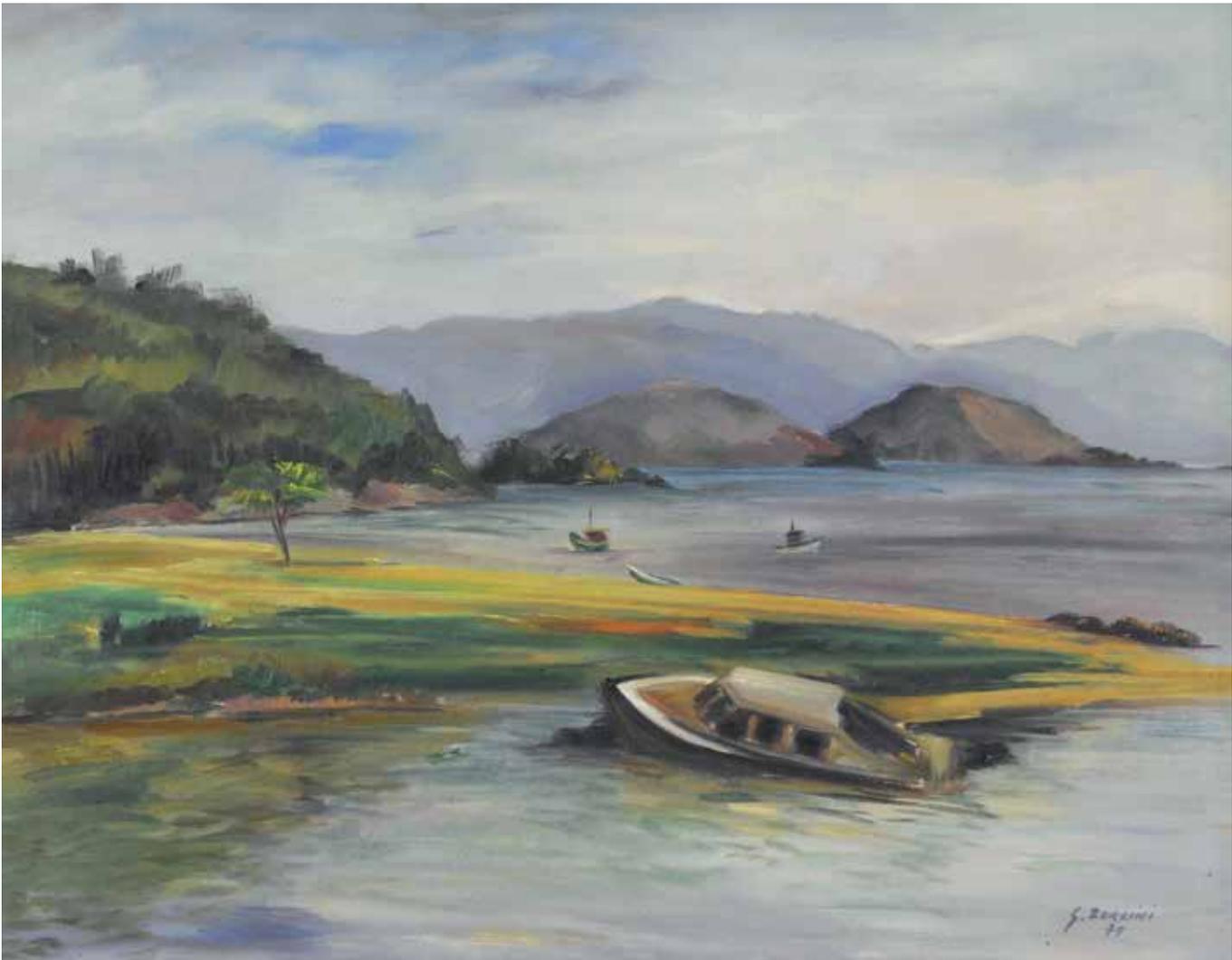
Silvio Dworecki
São Paulo/SP, 1949

Na Quinta-Feira, 1985
Pastel, carvão e óleo sobre cartão
80 x 60 cm



Giancarlo Zorlini
São Paulo/SP, 1931

Parque do Ibirapuera, 1990
Óleo sobre tela
65 x 56 cm



Giancarlo Zorlini
São Paulo/SP, 1931

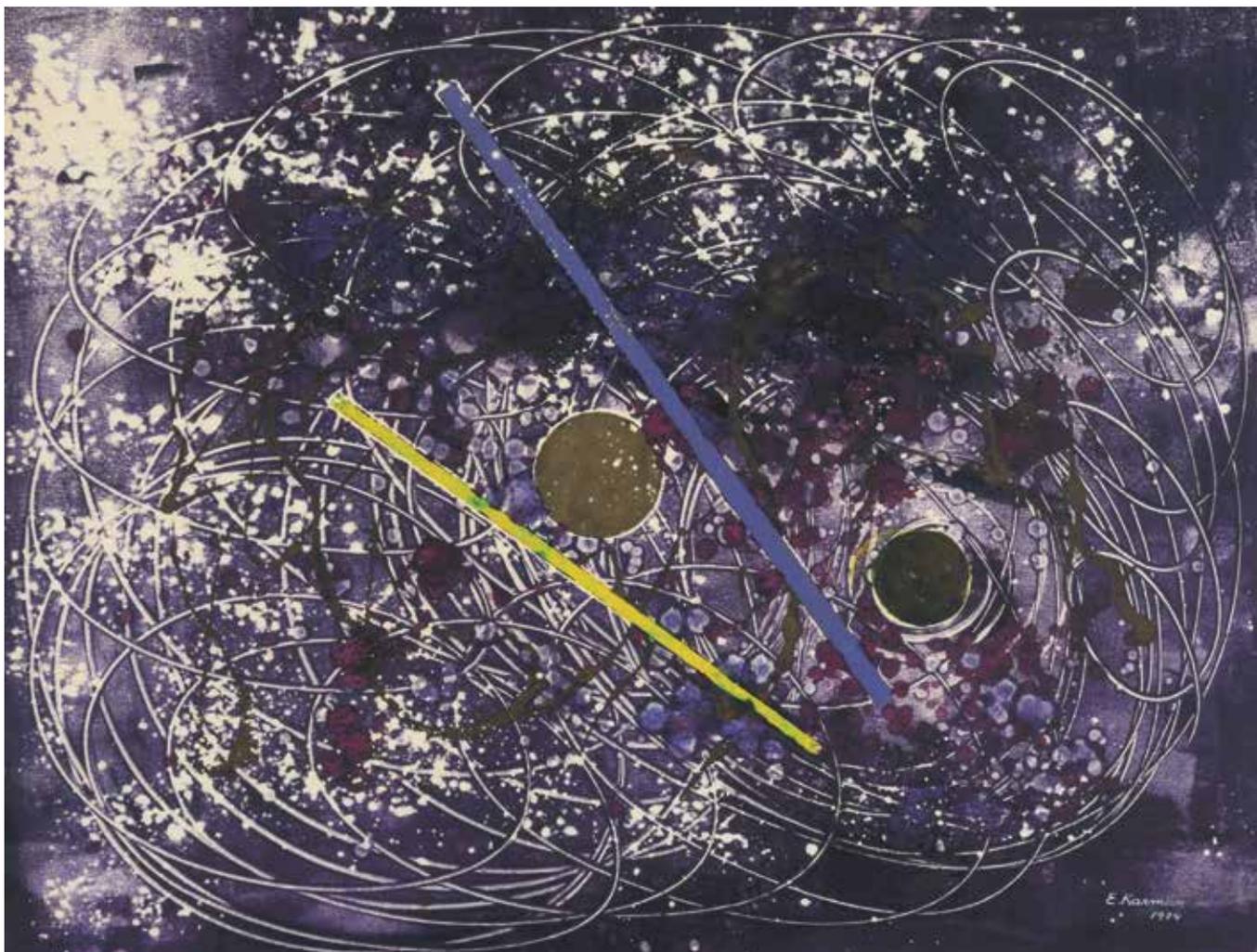
Marinha com Barco, 1979
Óleo sobre tela
50 x 65 cm



Lily Simon
Barra Bonita/SP, 1940

Sem título, sem data
Óleo sobre tela
60 x 50 cm





Ernestina Karman

Santos/SP, 1915 – São Paulo/SP, 2004

Sem título, 1974

Técnica mista sobre papel

50 x 65 cm



Juarez Magno
Belo Horizonte/MG, 1943

Sede de Luz, 1983
Óleo sobre tela
49 x 60 cm



Camilo Humberto Thomé
Olímpia/SP, 1941

Paisagem I, 1992
Óleo sobre tela
61 x 55 cm



Camilo Humberto Thomé
Olímpia/SP, 1941

Paisagem II, 1992
Óleo sobre tela
61 x 55 cm



Olimpio Franco
São Paulo/SP, 1976

Intestinos, 2001
Assemblage
80 x 120 cm



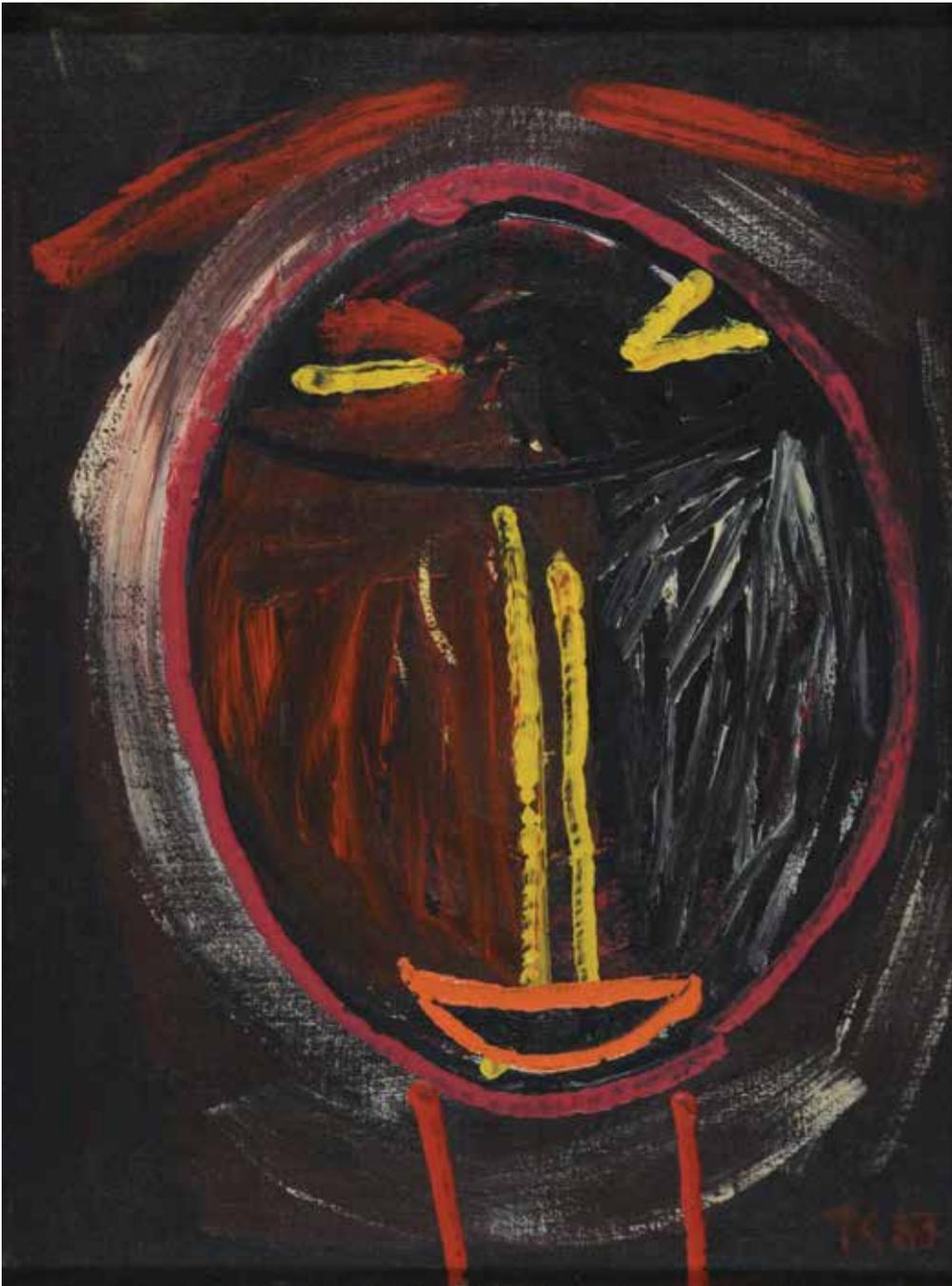
Olimpio Franco
São Paulo/SP, 1976

Erupção Vulcânica, 1998
Óleo sobre tela
145 x 145 cm



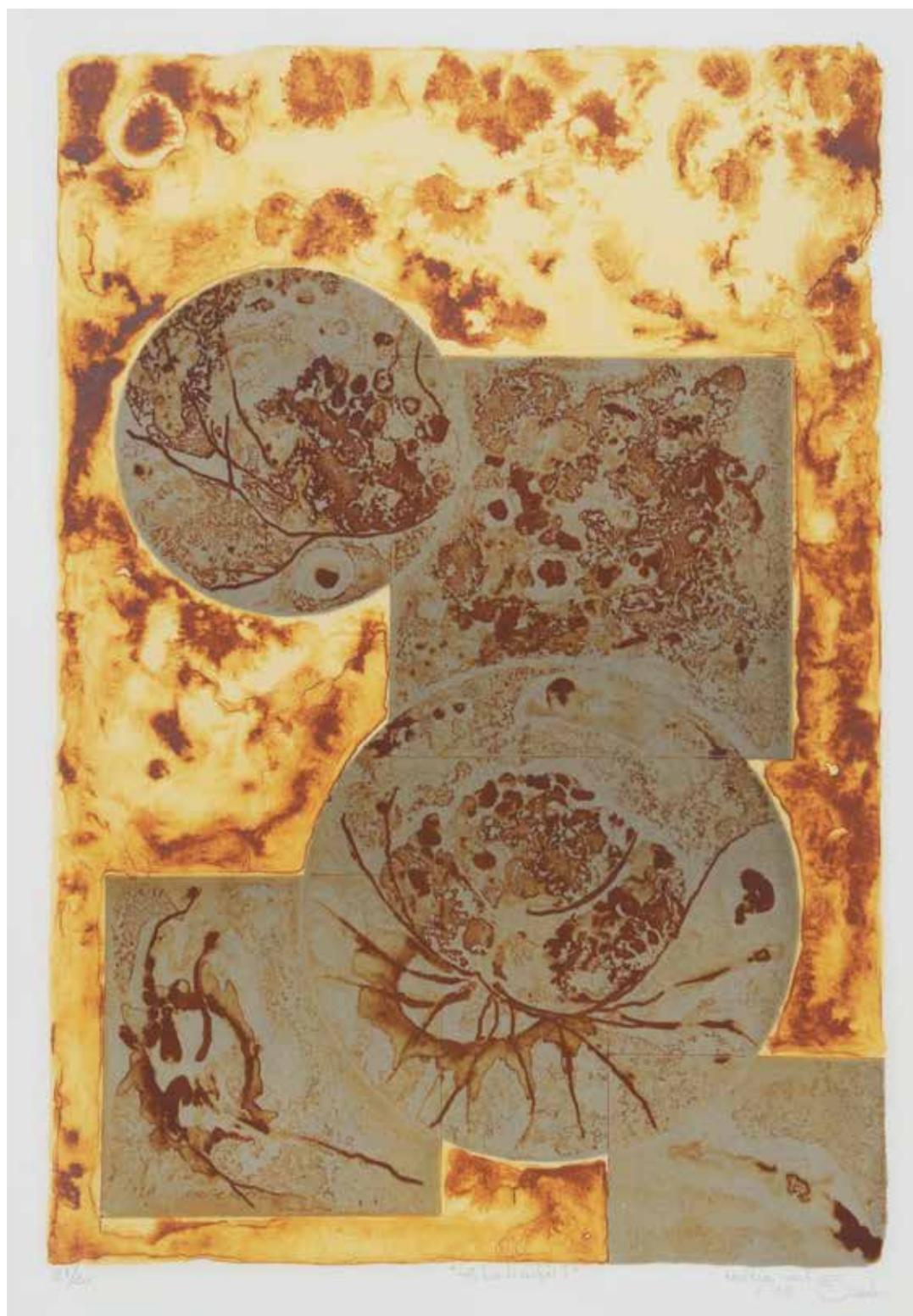
Tito Luiz Fadel Camargo
Araçatuba/SP, 1954

Casal H, 1983
Acrílica sobre tela
40 x 30 cm



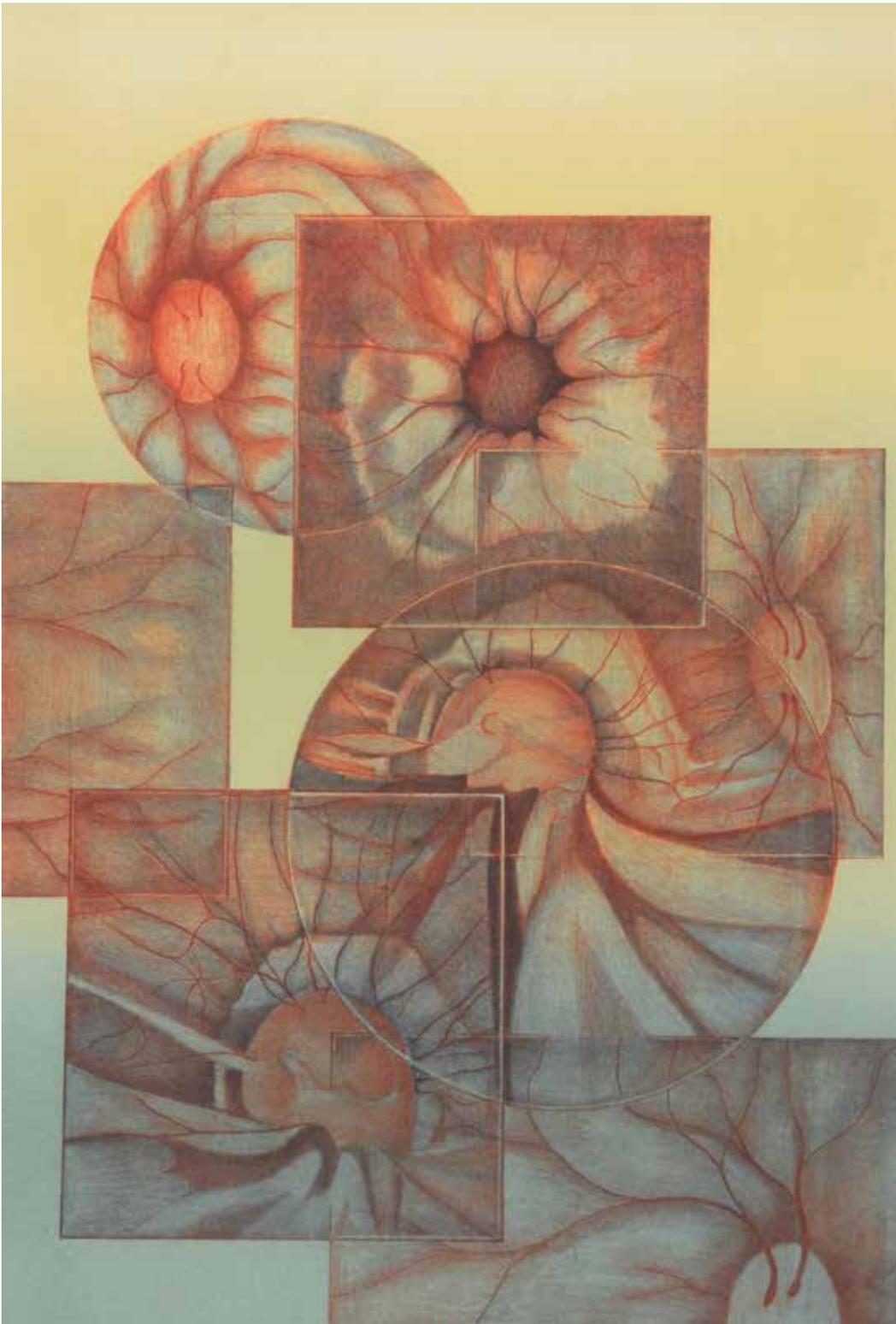
Tito Luiz Fadel Camargo
Araçatuba/SP, 1954

Casal M, 1983
Acrílica sobre tela
40 x 30 cm



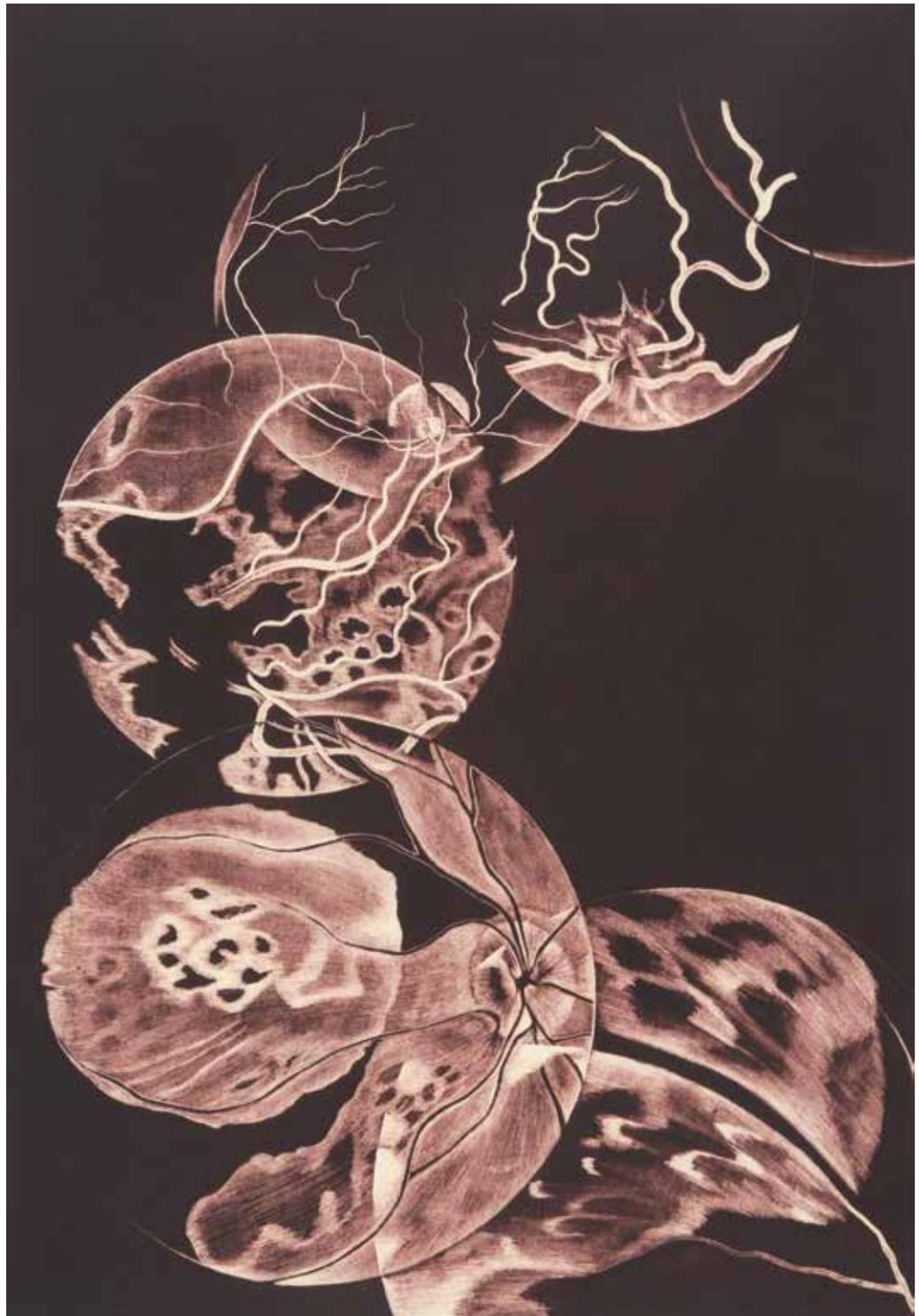
Cecília Suzuki
São Paulo/SP, 1941

Abstração I, 1992
Litografia
76 x 56 cm



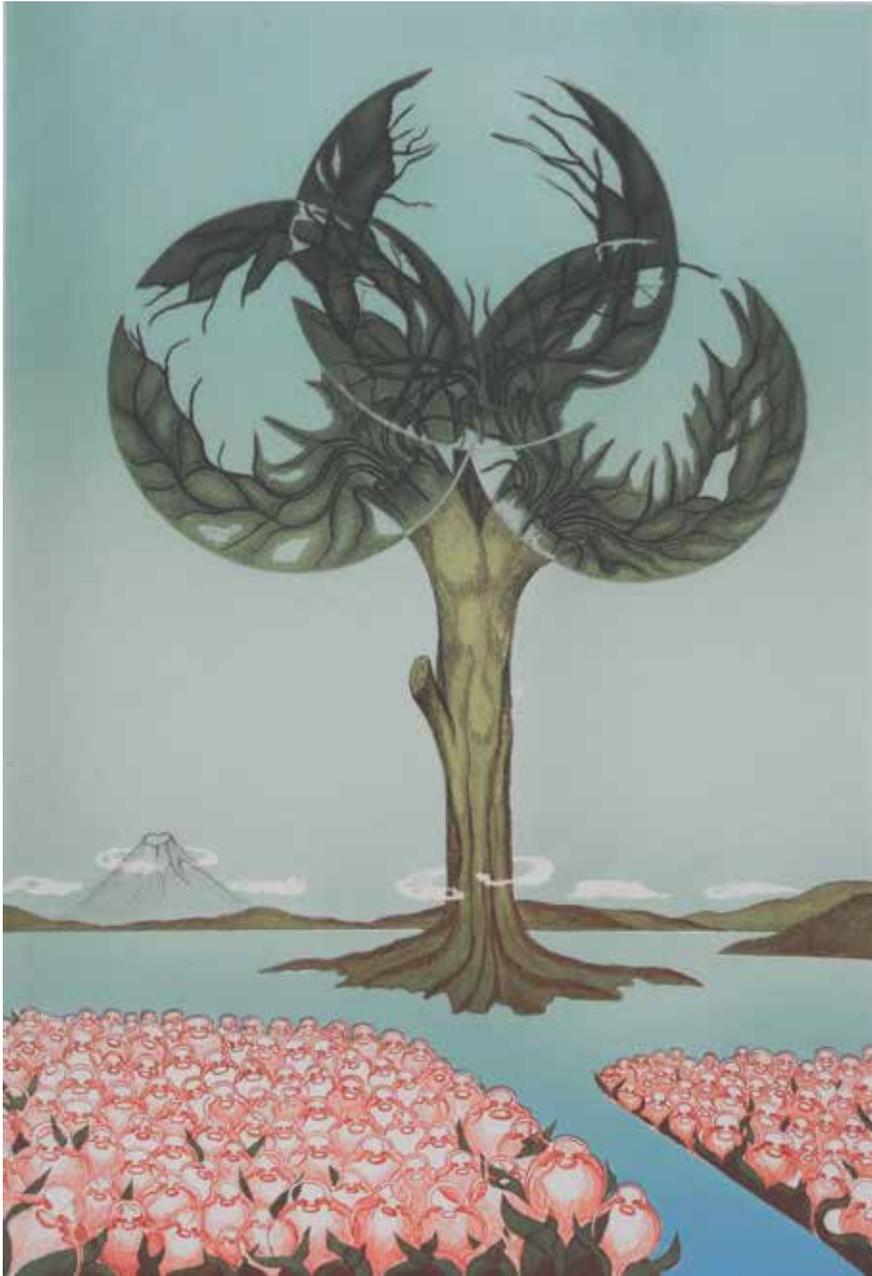
Cecília Suzuki
São Paulo/SP, 1941

Morning Glory, 1992
Litografia
76 x 56 cm



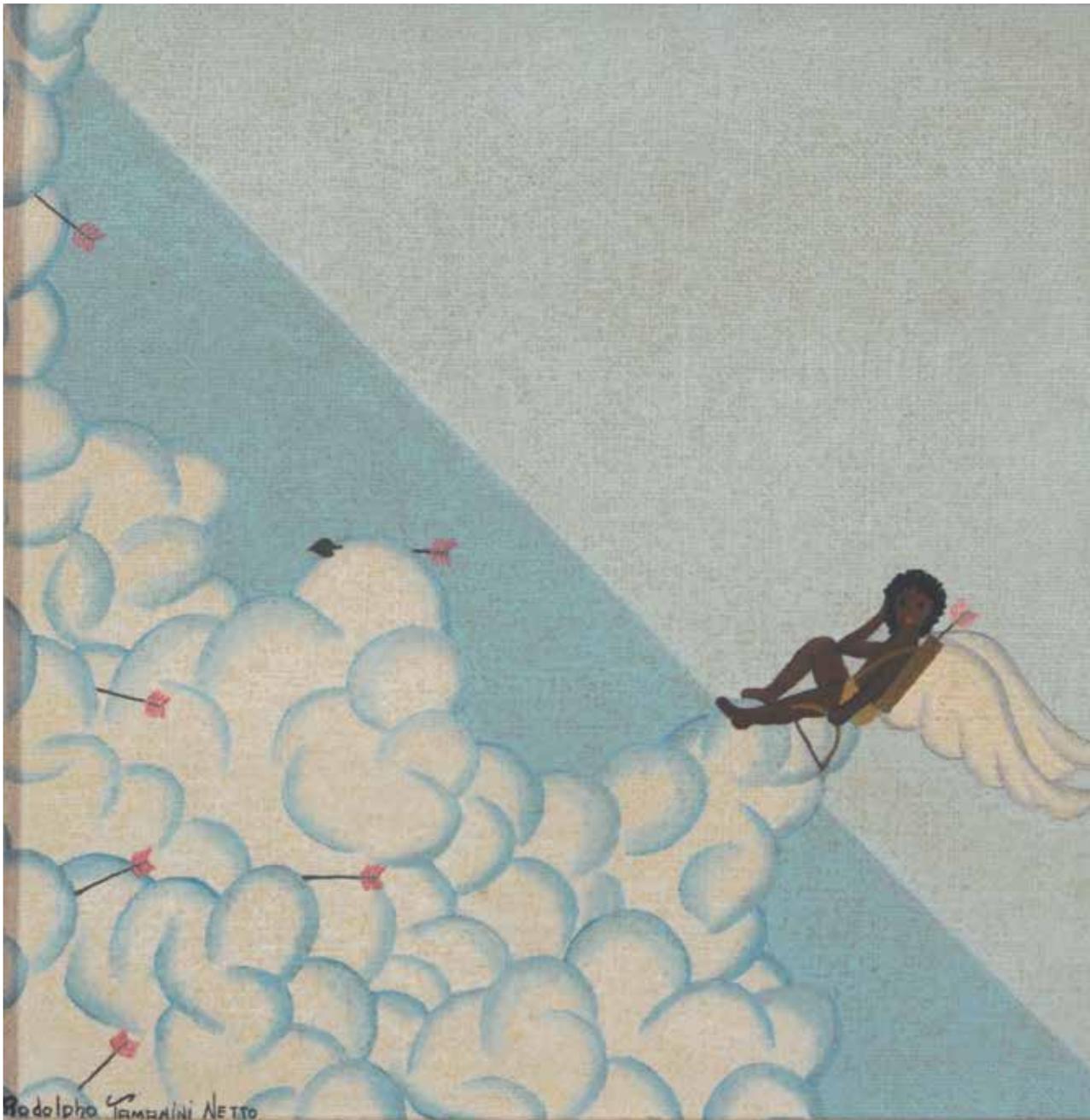
Cecília Suzuki
São Paulo/SP, 1941

Oclusão Vascular, 1981
Litografia
70 x 50 cm



Cecília Suzuki
São Paulo/SP, 1941

O Mundo Encantado dos Olhos, 1982
Litografia
65 x 45 cm



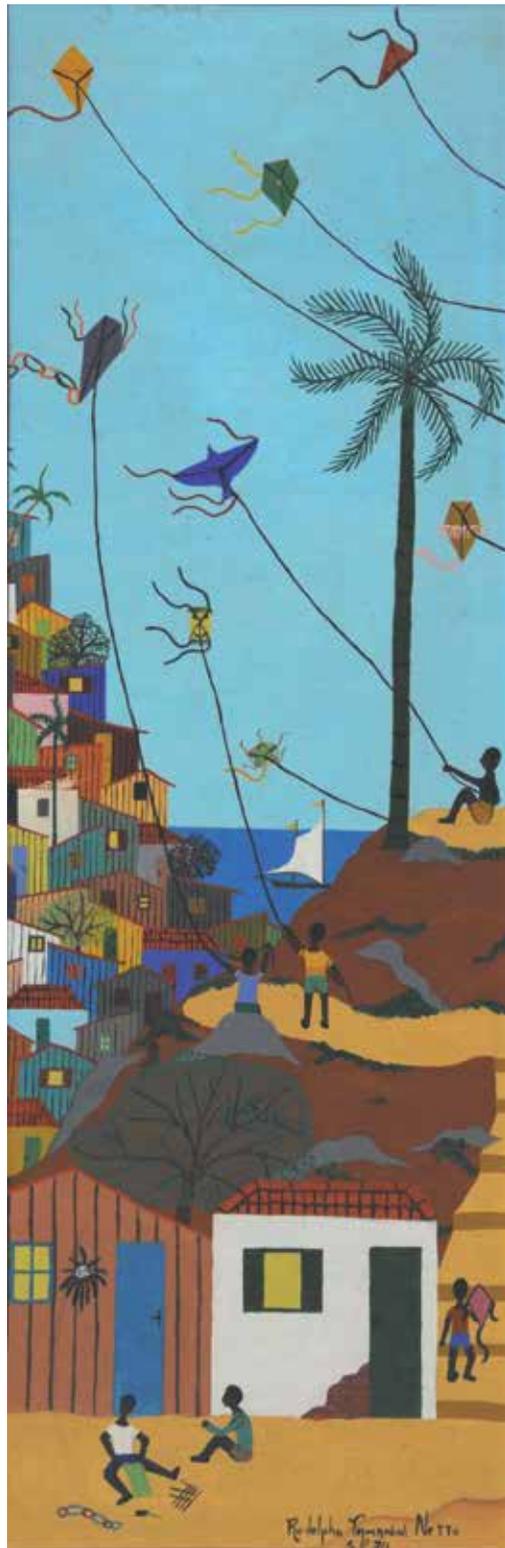
Rodolpho Tamanini Netto

São Paulo/SP, 1951

A Fossa de Cúpidos, década de 1970

Óleo sobre tela

19 x 19 cm



Rodolpho Tamanini Netto
São Paulo/SP, 1951

Sem título, 1970
Óleo sobre tela
38 x 83 cm



Dennis Esteves
Santo André/SP, 1976

Senhor do Tempo, 2008
Nanquim sobre papel
57 x 40 cm



Maria Inês Bassetto Coelho
São Manoel/SP, 1950

Acreditar, 2008
Lápis dermatográfico
sobre compensado
120 x 80 cm

Cristiane Carbone
Santo André/SP, 1973

**Santa Casa de Misericórdia
de São Paulo, 2005**
Óleo sobre tela
40 x 100 cm



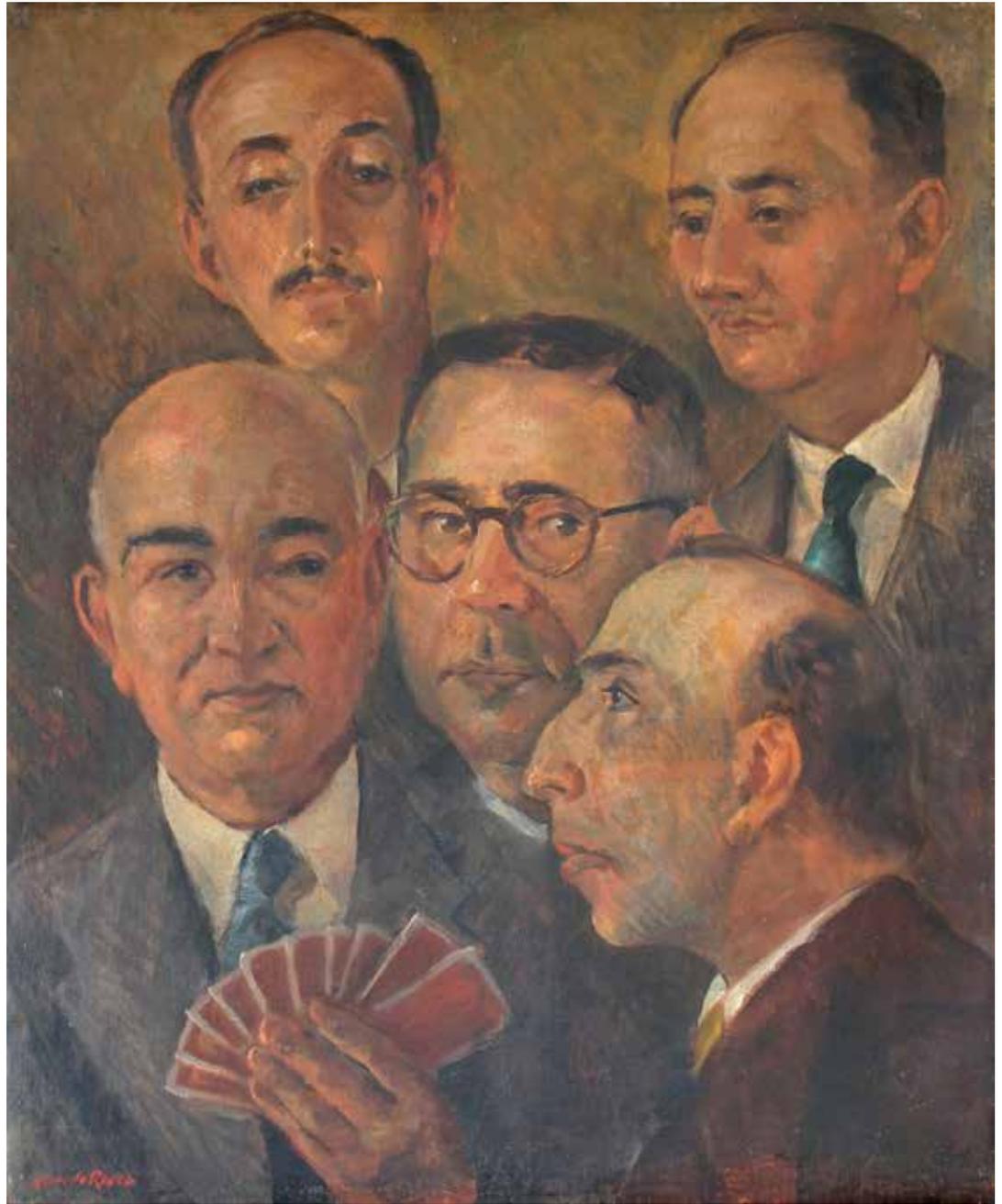






Nelson Molina
Sorocaba/SP, 1950

Primeira Sede da Escola Paulista de Medicina, 2010
Óleo sobre tela
60 x 80 cm



Alfredo Rocco

São Paulo/SP, 1914 – São Paulo/SP, 1999

Sem título, sem data

Óleo sobre tela

65 x 54 cm



Alfredo Rocco

São Paulo/SP, 1914 – São Paulo/SP, 1999

Sem título, 1958

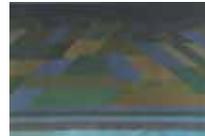
Óleo sobre tela

65 x 54 cm

Índice



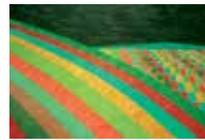
Adelino Ângelo
Mãe Cigana, 1971
 Página: 92



Aldir Mendes de Souza
Geometria da Terra II, 1982
 Página: 56



Adelino Ângelo
Paisagem Apúlia, 2009
 Página: 113



Aldir Mendes de Souza
Paisagem Verde, 1998
 Página: 59



Alcindo Moreira Filho
Sem título, 1978
 Página: 136



Aldo Bonadei
Casas e Árvores, 1948
 Página: 20



Aldemir Martins
Sem título, 1967
 Página: 85



Alex Flemming
Sem título, 1980
 Página: 82



Aldemir Martins
Última Cuia de Farinha, 1946
 Página: 18



Alex Flemming
Sem título, 1980
 Página: 83



Alex Flemming
Sem título, 1980
Página: **84**



Ana Alice Francisquetti
Sem título, 1981
Página: **132**



Alex Flemming
Sem título, 1980
Página: **80**



Anapana
Família Pássaros, 2009
Página: **116**



Alex Flemming
Sem título, 1980
Página: **81**



Anatol Wladislaw
Sem título, 1979
Página: **118**



Alfredo Rocco
Sem título, sem data
Página: **186**



Anita Malfatti
O Batizado, 1940
Página: **34**



Alfredo Rocco
Sem título, 1958
Página: **187**



Antenor Lago
Três Historietas del Viento, 1982
Página: **143**



Alfredo Volpi
Rua de Subúrbio, sem data
Página: **16**



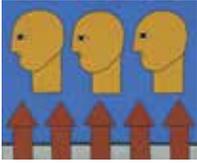
Antonio Carelli
Sem título, 1981
Página: **112**



Ana Alice Francisquetti
Titulável Segundo a Consciência, 1983
Página: **133**



Antonio Fernández
Rosas das Roseiras do Eido, 1953
Página: **129**



Antonio Maia
Ex-votos, 1980
 Página: 119



Boris Arrivabene
Parto III, 1970/1971
 Página: 99



Antonio Peticov
Duck's Dream, 1996
 Página: 86



Boris Arrivabene
Violões, 1990
 Página: 110



Arcangelo Ianelli
Sem título, 1999
 Página: 60



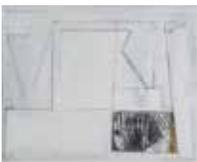
Boris Arrivabene
Composição, 1991
 Página: 111



Barbara Schubert Spanoudis
Sem título, 1979
 Página: 156



Boris Arrivabene
Carnaval I, 1975
 Página: 100



Bernardo Krasniansky
Geometrias, 1984
 Página: 137



Boris Arrivabene
Carnaval II, 1982
 Página: 101



Boris Arrivabene
Parto I, 1971/1972
 Página: 97



Boris Arrivabene
Carnaval III, 1985
 Página: 102



Boris Arrivabene
Parto II, 1971/1972
 Página: 98



Boris Arrivabene
Carnaval IV, 1986
 Página: 103



Boris Arrivabene
Carnaval V, 1987
Página: 104



Caciporé Torres
Bastão de Esculápio, 2009
Página: 68



Boris Arrivabene
Carnaval VI, 1988
Página: 105



Camilo Humberto Thomé
Paisagem I, 1992
Página: 168



Boris Arrivabene
Carnaval VII, 1989
Página: 106



Camilo Humberto Thomé
Paisagem II, 1992
Página: 169



Boris Arrivabene
Carnaval VIII, 1990
Página: 107



Candido Portinari
Menino, 1940
Página: 48



Boris Arrivabene
Carnaval IX, 1991
Página: 108



Cecília Suzuki
Abstração I, 1992
Página: 174



Boris Arrivabene
Sauna, 1989
Página: 109



Cecília Suzuki
Morning Glory, 1992
Página: 175



Caciporé Torres
Butterfly, 2001
Página: 66



Cecília Suzuki
Oclusão Vascular, 1981
Página: 176



Cecília Suzuki
O Mundo Encantado dos Olhos, 1982
 Página: 177



Edgar Oehlmeyer
Paisagem, 1949
 Página: 46



Claudia Furlani
Baile de Máscaras, 2009
 Página: 91



Ely Bueno
Sem título, 1983
 Página: 142



Claudia Furlani
Retrato Dr. Guido Arturo Palomba, 2002
 Página: 89



Emídio de Souza
Paisagem, 1948
 Página: 47



Claudio Tozzi
Cidade, 1995
 Página: 76



Emiliano Di Cavalcanti
Maternidade, 1942
 Página: 22



Clóvis Graciano
Rosto, 1945
 Página: 32



Ernestina Karman
Sem título, 1974
 Página: 166



Cristiane Carbone
Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, 2005
 Página: 182



Flavio de Carvalho
Modelo, 1954
 Página: 24



Dennis Esteves
Senhor do Tempo, 2008
 Página: 180



Flavio de Carvalho
Dama da Noite, 1958
 Página: 49



Francisco Rebolo
Paisagem, década de 1940
Página: **37**



Gregório Gruber
Cena Noturna, 2003
Página: **78**



Gerty Saruê
Sem título, 1978
Página: **148**



Gustavo Rosa
Chuveirando, 2000
Página: **74**



Gerty Saruê
Sem título, 1978
Página: **149**



Hannah Brandt
Crepúsculo, 1988
Página: **151**



Giancarlo Zorlini
Marinha com Barco, 1979
Página: **163**



Harry Elsas
Autorretrato, 1955
Página: **51**



Giancarlo Zorlini
Parque do Ibirapuera, 1990
Página: **162**



Heloisa Pomfret
Sem título, 2007
Página: **122**



Gilberto Salvador
Luz do Teu Dia, 1982
Página: **88**



Horacio Rodriguez Gerpe
Sem título, sem data
Página: **144**



Gino Bruno
Teatro de Marionetes, sem data
Página: **43**



Inos Corradin
Casas de Pescadores, sem data
Página: **70**



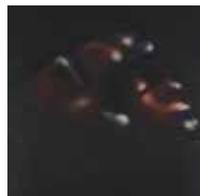
Isabelle Ribot
Idoru, 2008
 Página: 94



José Roberto Leonel Barreto
P35, 1974
 Página: 153



Ivald Granato
Sem título, 1999
 Página: 72



José Toledo Piza Lourenço Júnior
Sem título, 1990
 Página: 125



João Calixto
Carnaval XXII, 1978
 Página: 145



Ju Côte Real
Anjo, 1997
 Página: 117



João Rossi
S.P. Urbana, 1986
 Página: 155



Juarez Magno
Sede de Luz, 1983
 Página: 167



José Antonio da Silva
Jacaré Chocando os Ovos, 1949
 Página: 44



Jurandir Ubirajara Campos
Retrato, 1948
 Página: 53



José Pancetti
Autorretrato, 1944
 Página: 28



Kenji Fukuda
Sem título, 1989
 Página: 130



José Pancetti
Figuras à Beira Mar, 1946
 Página: 30



Kenji Fukuda
Sem título, 1989
 Página: 131



Lasar Segall
Paisagem de Campos do Jordão, 1938
Página: **26**



Maria Bonomi
Acoplamento, 1966
Página: **64**



León Ferrari
Ronda, 1983
Página: **62**



Maria Inês Bassetto Coelho
Acreditar, 2008
Página: **181**



Lily Simon
Sem título, sem data
Página: **164**



Mário Zanini
Rua, 1941
Página: **41**



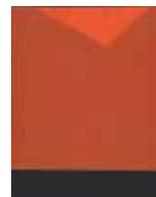
Lourdes Cedran
Sem título, 1983
Página: **134**



Nelson Domingos Bavaresco
Estrela Nave, 1983
Página: **152**



Lucia Py
Série Nós, 1977
Página: **138**



Nelson Folino Proença
Recorte I, 2004
Página: **124**



Lucia Py
Sem título, 1983
Página: **139**



Nelson Molina
Primeira Sede da Escola Paulista de Medicina, 2010
Página: **184**



Lula Cardoso Ayres
Mulher com Melancia, 1951
Página: **40**



Maria Bonomi
Ignis, 1982
Página: **63**



Niobe Xandó
Sem título, 1983
 Página: 146



Rodolpho Tamanini Netto
A Fossa de Cúpidio, década de 1970
 Página: 178



Niobe Xandó
Sem título, sem data
 Página: 147



Rodolpho Tamanini Netto
Sem título, 1970
 Página: 179



Norberto Stori
Sem título, 1983
 Página: 154



Rubem Valentim
Sem título, 1984
 Página: 159



Olimpio Franco
Intestinos, 2001
 Página: 170



Rubens Vaz Ianelli
Sem título, 1990
 Página: 126



Olimpio Franco
Erupção Vulcânica, 1998
 Página: 171



Sara Goldman Belz
Para André, 1982
 Página: 135



Raphael Galvez
Fantasia, 1959
 Página: 120



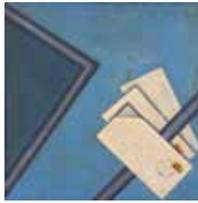
Silvio Dworecki
Sem título, 1983
 Página: 160



Neno Ramos
Brown Rose, 2004
 Página: 128



Raphael Galvez
Paisagem Misteriosa, 1946
 Página: 121



Sonia Von Brüsky
Sem título, 1986
Página: **141**



Silvio Dworecki
Na Quinta-Feira, 1985
Página: **161**



Tarsila do Amaral
Procissão, 1941
Página: **38**



Valdeir Maciel
Sem título, 1981
Página: **158**



Tito Luiz Fadel Camargo
Casal H, 1983
Página: **172**



Virgílio Della Monica
Sem título, 1942
Página: **50**



Tito Luiz Fadel Camargo
Casal M, 1983
Página: **173**



Vittorio Gobbis
Negra, 1931
Página: **33**



Túlio Mugnaini
Nu, 1936
Página: **52**



Waldomiro Sant'Anna
Depois da Chuva, 2003
Página: **150**

*Este livro foi composto com a família tipográfica Adelle
e impresso em couché fosco 150 grs.
pela IPSIS Gráfica e Editora em outubro de 2015.*